

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL**

Cleciane Dias Mendonça

**A CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DOS CAMINHOS DAS ÁGUAS EM
ALFREDO WAGNER – SC:
UMA CONTRIBUIÇÃO À GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS E À PROMOÇÃO
DO TURISMO SUSTENTÁVEL.**

Florianópolis – SC, 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL

Cleciane Dias Mendonça

A CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DOS CAMINHOS DAS ÁGUAS EM
ALFREDO WAGNER – SC:
UMA CONTRIBUIÇÃO À GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS E À PROMOÇÃO
DO TURISMO SUSTENTÁVEL.

Relatório de Dissertação submetido ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos quesitos para a obtenção do grau de mestre em Engenharia Ambiental na área de Planejamento em Bacias Hidrográficas.

Orientador: prof. dr. César Augusto Pompêo

Co-orientadora: prof.^a dr.^a Zuleica M^a Patrício

Florianópolis – SC, 2005

AGRADECIMENTOS

A minha eterna gratidão, no encerro desta etapa de minha vida, não poderia deixar de ser compartilhada entre todos aqueles que, a seu modo e a seu tempo, se fizeram participantes. A exemplo de meu Deus, que não deixou faltar o estado de espírito vibrante e feliz nas horas mais decisivas; à minha família (mãe Valdecir, pai Eufrásio, mano Jeovani, mana Valdeane, vó Júlia...), que, embora não mais reunida, não faltou com o auxílio afetivo e material; aos verdadeiros mestres, que ensinam por um amor desinteressado de qualquer outro lucro senão a troca de experiências (meu orientador Pompêo, minha co-orientadora Zuleica, minha orientadora de coração Elizabeth, minha primeira orientadora Carolina Doria...); aos amigos, que em muitos momentos são fontes de energia e encorajamento, às vezes, ultrapassando o sentido singular do ser humano (Alexandre, Ariani, Clarissa, Claudinei, Christian, Cristiano, Diana, Eduardo, Fernando, Jairo, Júnior, Márcia, Mariano, Pedro, Raquel, Sônia, Sheila, Suene, Sergio, Tamara, Vinicius, Wanessa, Yanina...); aos professores e colegas de trabalho, que dividiram o desafio e somatizaram aprendizados (prof. dr. Philippi, prof. dr. Masato, profa. dra. Lenilza, Anigeli, Alexandre, Bernadete Steinwadter, Bernadete Panceri, César, Ciro, Daniel, Edson, Eliana, Elizabeth, Fabio, Ivanete, Jucineide, Marcos, Paulo Pires, Paulo Ströder, Roberto, Simone Vendruscolo, Simone Fortes, Tatiane, Tamara, Ziliani...); à Prefeitura de Alfredo Wagner pelo consentimento e pela compreensão de que uma relação de parceria somente é consolidada com a participação da comunidade; à equipe coletiva de pesquisadores em Alfredo Wagner que acreditou na proposta e tomou parte na construção desta experiência (Diana Dell'Antônia, Wanessa Boeing e Irimar da Silva); aos amigos e colaboradores de Alfredo Wagner pela atenção, carinho e amizade (Isolde, Osmar Coelho, Osmar Lima, Dilmor, Elinho, Gisele...), a toda a Comunidade de Alfredo Wagner, que gentilmente abriu as portas de sua casa e se permitiu entrar, ficar e sair desta longa conversa (comunidades do Centro, Alto Jararaca, Barro Preto, Rio Engano, São Wendelino, Passo da Limeira, Saltinho, Alto Limeira e São Leonardo / ...); a todos que possivelmente venham a ler este trabalho também fica meu sincero obrigada e os mais profundos votos de sabedoria.

Na medida em que tu te experimentastes, no teu contexto, historicamente, socialmente, na medida em que tuas raízes entraram neste contexto, em primeiro lugar, nunca mais deixas de pertencer a este contexto, e, em segundo lugar jamais pertences só a ele. Eu sinto em mim um pedaço da raiz ultrapassando o meu sapato, onde quer que eu esteja. (PAULO FREIRE)

BIOGRAFIA DA AUTORA

CLECIANE MENDONÇA, filha de José Eufrásio de Mendonça e Valdecir Dias Mendonça, nasceu aos 30 de janeiro de 1979, na cidade de Porto Velho, Rondônia.

Concluiu o curso de graduação em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, em agosto de 2000.

Em 1999, ingressou como voluntária no Projeto de Ecoturismo de Base Comunitária nas Reservas Extrativistas de Curralinho e Pedras Negras, Vale do Guaporé, Rondônia. A partir de 2000 assumiu a vaga de técnica em planejamento e desenvolvimento do programa de uso público destas reservas, resultante de uma parceria entre as organizações não-governamentais WWF – BRASIL, ECOPORÉ, AGUAPÉ, OSR e Governo do Estado.

Em meados de 2002, iniciou as atividades como voluntária no Núcleo de Estudos da Água – NEA/UFSC. A partir de 2002, desempenhou ações ligadas ao projeto intitulado Controle de Enchentes e Gestão Ambiental Participativa, no município de Alfredo Wagner, Santa Catarina.

No início de 2003, ingressou no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental na Universidade Federal de Santa Catarina, na área de Planejamento em Bacias Hidrográficas.

RESUMO

Esta pesquisa representa uma das ações voltadas à contribuição no processo de Gestão Ambiental participativa desenvolvida por alunos e professores da Engenharia Sanitária e Ambiental – UFSC em parceria com a comunidade do município catarinense de Alfredo Wagner. Como objetivo geral, destaca-se o interesse em conhecer as potencialidades que este município tem em relação às águas, visando o desenvolvimento de atividades turísticas sustentáveis num processo de formação e inclusão social. Neste sentido, e com base em método qualitativo de caráter construtivista e participante, o trabalho de campo foi realizado no período de fevereiro a setembro de 2004, cujos dados foram levantados através de diferentes atividades com a Comunidade, tais como “Caminhadas em Campo” e “Seminários de Apresentação de Dados”, com as técnicas de observação participante e entrevista semi-estruturada, e registrados nos instrumentos “Diário de Campo” e no “Formulário de Pontos Notáveis das Águas”. Embora o interesse inicial da população para participar deste estudo estivesse centrada na necessidade econômica a ser amenizada pelo desenvolvimento do turismo sustentável na região, é possível mencionar dentre outros aprendizados, que a comunidade percebeu que a implementação de uma atividade turística sustentável – socialmente justa, organizada e de “bem com a natureza” – tem um significado maior que aquele inicial, pois interage com outras dimensões, que contribuem igualmente para o processo de ser feliz e viver saudável. Como principal resultado de todo o processo de interação, guiado pelo método da pesquisa, salienta-se a descoberta de que os indivíduos participantes desenvolveram uma reflexão crítica sobre a realidade observada, a exemplo de problemas de saneamento identificados, implicando na percepção da necessidade de mudanças nas práticas em relação à proteção das águas e de cuidados ambientais.

Palavras-chave: turismo sustentável – águas – participação

ABSTRACT

This research represents one of the directed actions to the contribution in the process of Participated Ambient Management developed by students and professors of Sanitary and Ambient Engineering - UFSC in partnership with the Alfredo Wagner Community. The general objective, brings as main concern the interest in knowing the potential that this district presents in relation to water resources, having in view the development of sustainable tourist activities within a process of formation and social inclusion. In this sense, based on qualitative methods of building and participant character, the field research was developed in the period of February to September 2004, whose results were found through different participative activities with the Community, such as "Walking in the Field" and "Seminaries of Results Presentation", with participant observation techniques and half-structuralized interview, and registered in "Field Diary" instruments and in the "Water Notable Points Formulary". Although the initial motivation of the population for the participation in the study was centered in the economic necessity to be softened by the development of the sustainable tourism in the region, it is possible to mention among others learning that the Community perceived that the implementation of a sustainable tourist activity - socially fair, organized and "good with the nature" - has a bigger meaning than the initial one, therefore it interacts with other dimensions that equally contribute for the process of being happy and to live healthful. As main result of all interaction process, guided for the method of the research, salient the discovery that the participants had developed a critical reflection on the observed reality, the example of identified sanitation problems, implying in the perception of the necessity of changes in the practical relation to waters protection and ambient cares.

Keywords: sustainable tourism - waters - participation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Esfera das relações do turismo sustentável. (SAWRBROOKE, 2000, p. 23)	29
Figura 2. Mapa de visualização das Secretarias de Desenvolvimento Regional (CIASC, 2002)	51
Figura 3. Mapa de visualização dos Municípios da 13ª SDR (CIASC, 2002)	52
Figura 4. Fotografia do núcleo de pesquisadores locais. (NEA, 2004)	53
Figura 5. Mapa de localização da unidade federativa do Brasil, do Estado de Santa Catarina, da Bacia do Itajaí e município de Alfredo Wagner. (NEA, 2001)	54
Figura 6. Mapa de localização das sete sub-bacias que formam a Bacia do Itajaí. (Comitê Itajaí, 2003)	55
Figura 7. mapa de localização dos rios formadores da sub-bacia do Itajaí do Sul. (NEA, 2001)	59
Figura 8. Foto do Vale do Itajaí. (NEA, 2004)	67
Figura 9. Foto da sede urbana de Alfredo Wagner. (NEA, 2002)	67
Figura 10. Mapa de setorização das microrregiões. (NEA, 2002)	70
Figura 11. Fotografias do empreendimento Pesque e Pague em AW – SC. (NEA, 2004)	74
Figura 12. Fotografias das trilhas 1 e 2 no empreendimento Pesque e Pague. (NEA, 2004)	76
Figura 13. Mapa de setorização da EPAGRI. (NEA, 2004)	79
Figura 14. Fotografias do trajeto ao (1º) ponto notável. (NEA, 2004)	91
Figura 15. Fotografias no trajeto e do (1º) ponto notável da microrregião do Alto Jararaca. (NEA, 2004)	91
Figura 16. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião do Alto Jararaca. (NEA, 2004)	93
Figura 17. Fotografias do (3º) ponto notável da microrregião do Alto Jararaca. (NEA, 2004)	95
Figura 18. Fotografias do (1º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)	98
Figura 19. Fotografias do (1º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)	99
Figura 20. Fotografias da (3º) propriedade visitada na microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)	102
Figura 21. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)	103
Figura 22. Fotografias do (3º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)	105
Figura 23. Fotografias do (4º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)	106
Figura 24. Fotografia do (1º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004)	110
Figura 25. Fotografia do (2º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004)	111
Figura 26. Fotografia do (3º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004)	113
Figura 27. Fotografias de outros pontos que se fazem notáveis no trajeto do (3º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004)	114
Figura 28. Fotografia do (4º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004)	115

Figura 29. Fotografias do arroio na (1º) propriedade da microrregião de Passo da Limeira. (NEA, 2004)	117
Figura 30. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião Passo da Limeira. (NEA, 2004)	118
Figura 31. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião Passo da Limeira. (NEA, 2004)	119
Figura 32. Fotografias do (1º) ponto notável da microrregião de Alto Limeira. (NEA, 2004)	120
Figura 33. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião de Alto Limeira. (NEA, 2004)	122
Figura 34. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)	125
Figura 35. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)	126
Figura 36. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)	127
Figura 37. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)	128
Figura 38. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)	129
Figura 39. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)	130
Figura 40. Movimento dinâmico espiral da pesquisa. (Elaborado pela pesquisadora baseado no modelo de MORIN, 2004, p. 97)	132
Figura 41. Movimento de sistematização dos dados da pesquisa. (Elaborado pela pesquisadora, 2004)	132
Figura 42. Síntese do caminho percorrido pela equipe coletiva. (Elaborado pela pesquisadora, 2004)	133
Figura 43. Fotografias da Manhã de Palestras no Encontro para o Turismo. (NEA, 2004)	145
Figura 44. Fotografias do Dia de Turista no Encontro para o Turismo. (NEA, 2004)	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descrição das metas do Projeto TRILHA	3
Tabela 2. Registro Histórico das Ciências Naturais	13
Tabela 3. Potencialidades turísticas dos Municípios da 13º SDR	63
Tabela 4. Conselhos municipais existentes em Alfredo Wagner	63
Tabela 5. Associações existentes em Alfredo Wagner	68
Tabela 6. Atividades do Entrando no Campo	70
Tabela 7. Caracterização das microrregiões estudadas	80
Tabela 8. Técnicas e Instrumentos de Registro de Dados	82
Tabela 9. Atividades do Ficando no Campo	87
Tabela 10. Síntese das relações observadas	137
Tabela 11. Atividades do Saindo do Campo	144

LISTA DE ABREVIATURAS

- AGUAPÉ – Associação dos Seringueiros do Vale do Guaporé
- AW – Alfredo Wagner
- APREMAVI – Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí
- CBTS – Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável
- COMTUR – Conselho Municipal de Turismo
- CONDEMA – Conselho de Desenvolvimento e Meio Ambiente
- CONDERMA – Conselho de Desenvolvimento Rural
- ECOPORÉ – Ação Ecológica Guaporé
- EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
- FAO – Organizações das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
- FUNASA – Fundação Nacional de Saúde
- NEA – Núcleo de Estudos da Água
- UNIR – Universidade Federal de Rondônia
- OMT – Organização Mundial de Turismo
- OSR – Organização dos Seringueiros de Rondônia
- UDESC – Universidade de Desenvolvimento de Santa Catarina
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
- PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental
- PSF – Programa de Saúde da Família
- PRV – Pastoreio Racional Voisin
- RO – Rondônia
- RTI – Roteiro Turístico Integrado
- SC – Santa Catarina
- SDR – Secretaria de Desenvolvimento Regional
- SIG – Sistema de Informação Geográfica
- STR – Sindicato de Trabalhadores Rurais
- WWWF – Fundo Mundial para a Natureza

LISTA DE APÊNDICES

- A – Cronograma
- B – Formulário de Registro de Pontos Notáveis;
- C – Entrevista Semi-Estruturada;
- D – Diário de Campo;
- E – Esquema do estudo;
- F – Inventário Turístico Rápido;
- G – Carta de Apresentação;
- H – Termo de Aceite de Participação no Estudo;
- I – Carta de Apresentação do Estudo.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	I
BIOGRAFIA DA AUTORA	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	VI
LISTA DE TABELAS	VII
LISTA DE ABREVIATURAS.....	VIII
LISTA DE APÊNDICES.....	IX
SUMÁRIO.....	X
1. INTRODUÇÃO: DA GÊNESE À DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.	1
1.1 GÊNESE E OBJETIVOS DA PESQUISA	1
1.2 CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA	6
1.3 ESTRUTURA DO RELATÓRIO DA PESQUISA.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO: DA RESSIGNIFICAÇÃO DA RELAÇÃO SOCIEDADE, HOMEM E NATUREZA À GESTÃO SOCIAL DAS ÁGUAS.	11
2.1 HOMEM NA NATUREZA E NATUREZA NA SOCIEDADE.....	11
2.2 O FENÔMENO DO TURISMO	18
2.3 O OURO AZUL.....	30
2.4 GESTÃO SOCIAL DAS ÁGUAS E TURISMO SUSTENTÁVEL	32
2.5 O HOMEM, UM SER QUE ESQUECE.....	35
3. REFERENCIAL METODOLÓGICO: DA TEORIA ÀS TÉCNICAS DE ABORDAGEM DO ESTUDO	39
3.1 OS CAMINHOS DAS ÁGUAS	39
3.2 TIPO DE ESTUDO: QUALITATIVO E PARTICIPANTE.....	39
3.3 CUIDADOS ÉTICOS DA PESQUISA	46
3.4 A PESQUISA INDIVIDUAL SOB O CONTEXTO DA PESQUISA COLETIVA.....	48
3.5 PROCESSO DE COLETA, REGISTRO, ANÁLISE E DEVOLUÇÃO DOS DADOS	50
4. CONTEXTUALIZANDO A ÁREA DE ESTUDO: MUNICÍPIO DE ALFREDO WAGNER-SC	52

4.1 ALFREDO WAGNER: ONTEM E HOJE.....	56
4. 2 UM OLHAR SOBRE O TURISMO EM ALFREDO WAGNER.....	61
5. ENTRANDO NO CAMPO: DOS PRIMEIROS PASSOS ÀS PRIMEIRAS REALIZAÇÕES.	68
6. ENTRANDO-FICANDO EM CAMPO: DOS AJUSTES FINAIS AO PROCESSO CRIATIVO INDIVIDUAL E COLETIVO.....	75
6.1 O PRIMEIRO PRÉ-CAMPO COLETIVO	76
6.1.1 Inaugurando o Processo Criativo Coletivo.....	79
6.1.2 Apresentando o Universo de Estudo	81
6.2 O SEGUNDO PRÉ-CAMPO COLETIVO	82
6.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE REGISTROS DE DADOS	84
7. FICANDO NO CAMPO: CONSTRUINDO AÇÕES SOLIDÁRIAS	89
7.1 MICRORREGIÕES DO ALTO JARARACA E DO BARRO PRETO	90
7.2 MICRORREGIÃO DO RIO ENGANO	99
7.3 MICRORREGIÃO DE SÃO WENDELINO.....	111
7.4 MICRORREGIÃO DO PASSO DA LIMEIRA.....	118
7.5 MICRORREGIÃO DO ALTO LIMEIRA	122
7.6 MICRORREGIÃO DO SALTINHO.....	126
7.7 SÍNTESE DO PERFIL DOS SUJEITOS E ATORES ENVOLVIDOS NO ESTUDO.....	127
7.7.1 Síntese Geral do Perfil dos Atores Entrevistados.....	127
7.7.2 Síntese Individual do Perfil dos Atores Entrevistados	128
8. FICANDO – SAINDO DE CAMPO: DAS IMPRESSÕES À ANÁLISE FINAL DO PESQUISADOR.	133
9. SAINDO DE CAMPO: TRANSPORTANDO AÇÕES COLETIVAS EM AÇÕES COMUNITÁRIAS	144
10. CONCLUSÃO: DAS CONSIDERAÇÕES ÀS RECOMENDAÇÕES FINAIS.	155
11. REFERÊNCIAS.....	159
12. APÊNDICES	164
ANEXOS.....	174

1. INTRODUÇÃO: da gênese à delimitação do problema.

Eis porque é tão difícil explicar o caminho para quem não experimentou: a pessoa verá apenas o seu atual ponto de vista, ou melhor, a perda de seu ponto de vista atual. (SATPREM, apud FILHO, 2002, p.147)

1.1 Gênese e objetivos da pesquisa

A experiência deste trabalho retrata um caminho inicialmente construído a partir das práticas e vivências num projeto inovador, referente à implementação do Ecoturismo de Base Comunitária em duas reservas extrativistas situadas no Vale do Guaporé – RO¹, assim como na participação das atividades do NEA – Núcleo de Estudos da Água e ao longo do curso de Mestrado em Engenharia Ambiental – UFSC.

O estudo contempla a integração de diferentes temas, dentre eles o turismo sustentável e as águas, considerando que o primeiro representa uma satisfação pessoal em conciliar dois fenômenos de grande interesse: naturais e sociais.

O ingresso no PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental na área de Planejamento em Bacias Hidrográficas, traduz a busca pela ampliação da visão especialista, assim como a procura por elementos e instrumentos que possam atender com satisfatoriedade a complexidade por trás da intervenção nestas áreas de interesse.

Certamente isto representa um esforço que se contrapõe à concepção da ciência moderna em sua tentativa de dominar o conhecimento sobre os fenômenos naturais, resultando num diálogo fragmentado e obscuro às inquietações que passaram a configurar-se sob o título de complexidade ambiental.

Este trabalho, de natureza qualitativa e participante, representa uma das ações de um projeto² maior, voltado à implementação da Gestão Ambiental Participativa no Município de Alfredo Wagner – SC, intitulado: Planejamento Participativo dos Recursos Hídricos da Região das Nascentes do Rio Itajaí do Sul – TRILHA, que, por sua vez, representa uma

¹ Projeto “Ecoturismo de Base Comunitária nas Reservas Extrativistas de Curralinho e Pedras Negras – Vale do Guaporé/Rondônia”. Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramenta para um planejamento responsável. WWF-Brasil, 2003.

² Apoio CNPq/FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos, sob coordenação e orientação dos professores: dr. César Augusto Pompêo; dr. Luiz Sergio Philippi; dr. Masato Kobiyama e dra. Zuleica Maria Patrício (coordenação e supervisão metodológica).

segunda etapa de ação na construção da gestão ambiental sob o enfoque da participação social neste município.

A etapa inicial desta ação maior teve princípio em meados de 2000, com o projeto³ denominado “Controle de Enchentes e Gestão Ambiental Participativa no Município de Alfredo Wagner – SC”, que, através de uma equipe de três alunos/pesquisadores, realizou o diagnóstico ambiental participativo deste município, com a finalidade de contribuir para a construção de estratégias coletivas de enfrentamento à degradação ambiental, considerando, sobretudo, a instrumentalização da sociedade e da própria equipe. (NEA, 2001, p. 3).

O município de Alfredo Wagner-SC localizado a aproximadamente 110 quilômetros da capital catarinense, representa a região das nascentes da sub-bacia do Itajaí do Sul. Suas águas têm sido o indicador mais notório dos impactos ambientais e sociais que vêm repercutindo no município, seja através de sua quantidade, alterada pelo assoreamento e diminuição da profundidade do leito dos rios - traduzindo-se pela ocorrência de enchentes e inundações, seja por sua qualidade, afetada pela contaminação oriunda da falta de saneamento básico e uso intensivo de agrotóxicos.

Por ser uma região de nascentes, a **água** reflete um recurso natural em evidência no município. Desta forma, na etapa inicial foram estudados instrumentos, conceitos e métodos integradores, a partir de um **tema gerador comum**, a água, sob três eixos temáticos: a água e o uso e ocupação do solo; a água e as práticas rurais; e a água e as práticas de educação municipal, que resultaram na elaboração de três dissertações de mestrado.⁴

Como principal produto desta etapa inicial é possível destacar o **Fórum de Desenvolvimento e Meio Ambiente** de Alfredo Wagner, que, por sua vez originou a formação de uma **Comissão Pró-CONDEMA** – Conselho de Desenvolvimento e Meio Ambiente. Neste evento, obteve-se a validação da comunidade sobre os resultados trabalhados pelo grupo, com a apresentação da sistematização das problemáticas e propostas levantadas coletivamente em numerosas reuniões e encontros antecedentes ao evento – somando um número elevado de munícipes, através das oficinas temáticas realizadas ao longo deste, e que

³ Apoio CNPq, sob coordenação e orientação do prof. dr. César Augusto Pompêo.

⁴ SEIBT, César R. As Práticas Rurais, a Água e o Processo Participativo no Município de Alfredo Wagner — SC.
ALMEIDA, Eliana M^o de. Processo Histórico de Uso e Ocupação do Solo e suas Repercussões nos Recursos Hídricos no Município de Alfredo Wagner — SC: Um processo interdisciplinar e de construção participativa local.
SCHMITZ, Jucineide T. M. Olhares e Trajetórias na Educação: Entrecruzando saberes interdisciplinares e práticas pedagógicas no município de Alfredo Wagner — SC.

balizaram a necessidade de aprofundar as atividades de construção da gestão ambiental participativa no município.

Aos três eixos temáticos inicialmente tratados, mais cinco emergiram, caracterizando, assim, a multiplicidade de temas que dialogam em processos deste gênero. Dentre estes, destaca-se o turismo, que, em parte, reflete a instabilidade econômica ocasionada pelo processo de monocultivo da cebola, correspondendo a aproximadamente 45% da economia local. (EPAGRI, 2003, p.16).

A realização deste Fórum, em agosto de 2002, representou metodologicamente, o encerramento das atividades de campo do referido grupo e estabeleceu as bases para a continuidade das atividades de pesquisa do NEA em Alfredo Wagner, tendo, inclusive como vínculo a Comissão Pró-CONDEMA. Exatamente neste período entraram em cena novos pesquisadores⁵ de campo, que atualmente formam o grupo do projeto TRILHA, responsável pela continuidade deste processo.

O Projeto TRILHA, caracterizado como o segundo momento de ação da pesquisa do NEA, estrutura-se a partir da leitura dos resultados deste Fórum e define suas 11 metas de ações de pesquisa coletiva, dentre as quais encaixa-se a pesquisa ora aqui apresentada, personificada pela intenção inicial de realizar um Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável Municipal, correspondente à meta número 7 no quadro abaixo:

Tabela 1. Descrição das metas do Projeto TRILHA

Metas	Título	Objetivos no projeto
1	Análise de descargas nos três formadores do Itajaí do Sul, por meio de monitoramento e modelagem para previsão e alerta de inundação, em tempo real.	Responder pelo conhecimento acerca das enchentes sob o ponto de vista físico, analisando sua gênese a partir da hidrologia das bacias hidrográficas, uso e ocupação dos solos, processos erosivos e assoreamento
2	Zoneamento de uso do solo de acordo com modelagem para inundação e erosão hídrica, utilizando Sistema de Informação Geográfica.	Produzir informações locais para a gestão ambiental municipal e abordar o tema qualidade das águas e saúde pública de forma integrada
3	Caracterização de áreas propícias à implantação de Unidades de Conservação com critérios relacionados à conservação da qualidade das águas.	
4	Monitoramento da qualidade das águas no manancial de abastecimento da sede urbana, Rio Caeté, visando conhecer a dinâmica do processo de poluição.	
5	Implantação de unidades demonstrativas de tratamento individual de esgoto doméstico, visando a educação sanitária, a capacitação e o monitoramento.	

⁵ Pesquisadores: doutorandos Elizabeth Campanela de Siervi e Paulo José Pires; Mestrandos Fabio Luiz Vicieli, Cleciane Dias Mendonça, Edson Fossati, Roberto Silva, Tatiane Checchia, Simone Vendruscolo, Simone Fortes e Ivanete Imasson; e graduandos Alexandre Alves, Tamara Caldart e Bernadete Steinwader.

6	Desenvolvimento de projeto piloto de educação sanitária apoiado em testes em crianças de uma escola municipal. Diagnóstico das parasitoses.	
7	Desenvolvimento de um Plano Participativo de Turismo Sustentável, valorizando as potencialidades locais e visando a geração de renda.	Promover a discussão local acerca da diversificação, dinamização e potencialização de atividades econômicas sustentáveis, atualmente quase exclusivamente restritas ao cultivo da cebola.
8	Implementação de processos metodológicos (educativos e organizacionais) de integração das ações do Plano de Gestão Ambiental	Possibilitar aprendizados acerca da organização da pesquisa sobre um objeto interdisciplinar em recursos hídricos, simultaneamente à sistematização e avaliação do percurso traçado, e sua compreensão na dinâmica de realização do projeto, além de estimular o fortalecimento da dimensão participativa no espaço local.
11	Desenvolvimento de metodologias para avaliação contínua das atividades participativas propostas pelo projeto.	
9	Elaboração de um Atlas Ambiental interativo para subsidiar o processo de planejamento participativo	Oferecer suporte às ações de pesquisa, integrando temas, facilitando a construção de relações e a emergência de novos conhecimentos além de instrumentalizar a promoção de processos de educação ambiental contextualizados no município.
10	Desenvolvimento de um Sistema de Informações Geográficas — SIG para apoio a todas as ações de pesquisa.	

Fonte: (NEA, 2003)

Observando a tabela acima, nota-se que algumas metas compartilham do mesmo objetivo, inclusive alternando sua ordem de apresentação, porém favorecendo a ação interdisciplinar inerente ao contexto da pesquisa coletiva. No tocante a meta nº 7, relativa a atividade turística, é possível mencionar um vínculo de troca de conhecimento com as seguintes metas:

- 10 (SIG) – a partir da elaboração de cartografia sobre o município e as microrregiões observadas, situando os atrativos naturais identificados;
- 5 (Saneamento) – através da participação em reuniões com a comunidade, visitas às escolas locais, no estabelecimento de contatos com as instâncias institucionais e ainda na elaboração de folders;
- 11 (Metodológica) – através da participação direta no planejamento, execução, registro e realização da Oficina de Elaboração do Boletim Jornalístico de AW, junto a representantes da Comissão Pró-Conselho de Meio Ambiente, alunas da Escola Silva Jardim e Grupo de Agentes de Saúde do PSF – Programa de Saúde da Família, que ainda contou com a colaboração da Rádio Comunitária Nascente do Vale e de um profissional de jornalismo.⁶

⁶ Jornalista Claudia de Siervi.

De modo geral, vale ressaltar que percebe-se que o trabalho interdisciplinar é de extrema importância para que cada pesquisador envolvido no processo de investigação possa amadurecer e contribuir nesta experiência de produção de conhecimento individual e coletivo, considerando-se, sobretudo, os possíveis questionamentos e transformações que podem ser gerados no decorrer destes processos.

[...] Uma pesquisa que considere processos participativos em seus pressupostos metodológicos, pode transformar-se em um exercício de capacitação para práticas interdisciplinares, em que se amplia o universo restrito da produção de conhecimento disciplinar, combinando-o, criativamente, com sua coletivização [processos de comunicação] e propiciando sua transformação, seja entre pesquisadores, pesquisados ou disciplinas. (SIERVI, 2000, p. 31)

Isto é, contribuições substanciais acerca da interdisciplinaridade podem ser alcançadas de forma mais efetiva através de sua aplicação prática e coletiva, e não meramente com aproximações teóricas em torno de um único indivíduo.

Exatamente a partir do diálogo interdisciplinar, foi possível compreender que a realização de um Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável⁷ não atenderia as necessidades socioambientais que se mostraram primitivas, acerca da prática do turismo no município, tampouco, num primeiro momento, resultaria num quadro de transformações coerente ao contexto municipal, muito embora houvesse, naquela ocasião, três pesquisadores⁸ com perspectivas de atuar na mesma temática.

Além disso, inicialmente identificou-se, no diálogo local, que a motivação da comunidade e do poder público centrava-se na necessidade econômica a ser amenizada pelo desenvolvimento da atividade turística na região.

Por esta razão, a proposta de investigar o potencial turístico sustentável através dos caminhos das águas no município de Alfredo Wagner, passou a refletir a sensibilidade em reconhecer as possibilidades e os interesses que pudessem despertar a atenção e a compreensão da comunidade por esta atividade como uma possível catalizadora de mudanças favoráveis à melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

⁷ Ainda na perspectiva de realizar um Plano de Desenvolvimento Turístico no Município, foi estabelecido, nesta mesma época, de forma desconhecida pelos coordenadores da UFSC, um contrato entre a prefeitura e a Faculdade Estácio de Sá.

⁸ Por razões diversas, houve o afastamento de dois destes pesquisadores.

Desta forma, o trabalho orientou-se a atender a seguinte **pergunta-norteadora**: de que forma as águas podem potencializar o desenvolvimento do turismo sustentável no município de Alfredo Wagner?

A fim de atender a esta pergunta o estudo passou a perseguir o seguinte objetivo geral: **conhecer as potencialidades que o município de Alfredo Wagner tem em relação às águas visando o desenvolvimento de atividades turísticas sustentáveis com a participação da comunidade.**

Como objetivos específicos foram estabelecidos os interesses em:

- Levantar a percepção da comunidade sobre as potencialidades para o turismo sustentável relacionado às águas;
- Caracterizar a hidrografia e os pontos notáveis relacionados às águas localizadas a montante da sub-bacia do Itajaí do Sul no município de Alfredo Wagner e
- Analisar o cenário encontrado e elaborar diagnóstico das potencialidades turísticas sustentáveis relacionadas às águas localizadas a montante da sub-bacia do Itajaí do Sul no município de Alfredo Wagner com a participação da comunidade.

Vale destacar que o esforço empreendido para a realização de um trabalho voltado ao âmbito do turismo sustentável baseou-se no pressuposto de que é possível desenvolver atividades turísticas de qualidade, associadas à proteção dos espaços naturais e à excelência do bem-estar e qualidade de vida social.

1.2 Contextualizando o problema

Considerando o cenário atual, nota-se que o turismo é uma atividade seguidamente mal entendida, uma vez que percebe-se, em sua concepção, uma relação restrita ao viés econômico. Muito embora seja esta a dimensão mais acentuada em torno desta atividade, é preciso reconhecer suas múltiplas relações, que, por sua vez o tornam um “processo e não um produto”. (THEOBALD, 1998).

A maior prova disso está arraigada nas infinitas terminologias, segmentações e ramificações que a cada dia vão se proliferando em torno do turismo, ora evidenciando suas características e implicações sociais, culturais, científicas, ambientais e econômicas dentre inúmeras outras, ora personificando a falta de um tratamento mais sério em torno deste tema.

Esta, sem dúvida, é uma questão aberta ao debate, cuja perspectiva tradicional remete a atividade turística fora do contexto de ser classificada como indústria nas atividades econômicas.

Logo, a abordagem deste estudo está orientada a uma concepção mais abrangente do turismo, expondo suas múltiplas relações, que o tornam um fenômeno. Enquanto fenômeno, o turismo pode mostrar-se vantajoso, mas também muito nefasto. Certamente suas implicações irão depender dos interesses individuais e coletivos dos envolvidos em seu planejamento e organização, assim como numa ética e estética coerentes a tais interesses.

Neste sentido, buscou-se, nos princípios do turismo sustentável uma ética e uma estética voltadas ao diálogo de um turismo de inclusão social, focalizando as potencialidades desta atividade não unicamente em sua relação com os cenários naturais, mas com os seres humanos acima de tudo.

O turismo sustentável é uma expressão utilizada com frequência desde o início dos anos 1990 e, que, segundo Swarbroke (2000), encerra uma abordagem que “[...] reconhece a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos do turismo para essa comunidade”. Assim, o turismo sustentável tem, neste trabalho, uma acepção semelhante ao conceito assinalado pelo referido autor.

No que se refere à prática de um turismo voltado aos princípios da sustentabilidade, tendo em vista a busca pela convergência de um turismo responsável, como orienta o órgão oficial OMT — Organização Mundial de Turismo, ou um turismo sustentável a ver as orientações de organizações nacionais, como o CBTS — Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável, é mister compreender que o alcance que suas relações podem abranger é muito amplo, a exemplo de processos como o da gestão ambiental.

Isto porque observa-se que o turismo, em especial segmentos e tipologias centrados em valores éticos, socialmente justos e equitativamente viáveis, muito tem a ver com o quadro de relações que se observa em processos de gestão participativa das águas ou mesmo de gestão ambiental participativa.

Esta similaridade se mostra quando considerados processos cujos objetivos finais buscam promover uma reinserção harmoniosa do ser humano na biosfera, a partir de uma prática cidadã frente a um viver mais saudável; por esta razão, aqui estão sendo considerados processos que buscam efetivamente a interação e a participação social.

Sob a associação de desenvolvimento turístico sustentável relacionado às águas, a grande questão centraliza-se na preocupação em gerar um produto sem dar margem ao avanço de impactos ambientais, que, por sua vez, possam intensificar o quadro de degradação ambiental no município.

Para Bruna (2000), essa questão pode ser relativizada da seguinte forma:

Um turismo rentável, porém desligado de preocupações com o equilíbrio ecológico, pode ser muito nefasto. No extremo, o desconhecimento destas possibilidades pode levar a própria inexistência deste turismo. (BRUNA, 2000, p.653)

Para tanto, buscou-se incluir neste diálogo as distintas e inúmeras possibilidades que se relacionam ao desenvolvimento local e regional, ou seja, o município de Alfredo Wagner de fato apresenta potencial para o turismo sustentável relacionado às águas? Quais e onde se localizam os **pontos notáveis relacionados às águas**? Há viabilidade para quais usos destes locais (recreativo, contemplativo, navegação, piscosidade, etc)? Em termos gerais, há interesse da comunidade local para o receptivo de turistas no município?

Nesta perspectiva, inclui-se levantar a **percepção** da comunidade acerca das potencialidades para o desenvolvimento do turismo sustentável relacionado às águas – isto é, investigar se a comunidade percebe a água como um atrativo natural de seu município, observando sua capacidade em despertar o interesse pela atividade turística sustentável como uma opção de reforço à renda familiar, sob uma estética e uma ética voltadas à sustentabilidade deste ambiente.

Isto implica dizer que além de uma postura de investigação qualitativa, há uma forte inclinação ao exercício de uma prática participante, aliada, por sua vez, ao elemento do diálogo entre multidisciplinas, considerando, neste caso, o contexto ao qual este projeto de pesquisa está inserido.

A idéia de participação se constitui num cerne ideológico semelhante ao que nos ensina Freire (1996), que considera inaceitável a postura de um “educador” descompassada e descontextualizada de um esforço conjunto com o “educando”. O autor expõe que:

O homem é o sujeito de sua própria história, não havendo a possibilidade de se empacotar ou pré-fabricar qualquer tipo de invasão cultural, clara ou manhosamente escondida. [...] O saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, uma vez que só tem sentido enquanto conquista comum do trabalho do educador e do educando. (FREIRE, 1996, p. 116)

Para Demo (1985), participar também exige comunicar, haja vista que não basta estar juntos, há que se estabelecer uma relação, uma “envolvência”. No entanto, para haver a “envolvência” deve haver a clareza e a transparência sobre a temática em torno desta desejada participação. Isto é, participar do quê, para quê?

Neste sentido, o estudo ora aqui apresentado veio a compor uma combinação de temas de interesse ao município de Alfredo Wagner, baseados, inicialmente, em algumas considerações contidas nos trabalhos já desenvolvidos pelo NEA. Assim, é válido destacar a preocupação com a questão da quantidade e qualidade das águas do município, que vêm sendo alteradas pela intensidade nas atividades de cultivo associadas ao uso de agrotóxicos e ainda pelo reflorestamento de mata nativa. Segundo Seibt (2002):

Os agricultores sabem que as ações de erosão, agrotóxicos e outras fontes poluidoras revertem de forma intensamente negativa, principalmente os recursos hídricos, e também a sua própria dinâmica produtiva, econômica e social. (SEIBT, 2002, p. 173)

Ou ainda, a preocupação quanto à necessidade de alternativas produtivas que venham a atenuar a instabilidade, que já é reconhecida pela comunidade, acerca da dependência do monocultivo da cebola, sobre o que o mesmo autor afirma:

Os agricultores reconhecem e consideram desconfortável a situação de dependência do monocultivo. [...] A combinação de atividades agrícolas com atividades não-agrícolas nas propriedades rurais se mostra um processo cada vez mais emergente na nova postura para a sustentação do setor rural. [...] A maior preocupação está [...] em constituir reservas financeiras que possam garantir as necessidades familiares e em cumprir os compromissos assumidos. [...] Existe também a preocupação com a posteridade e com o futuro dos filhos, incerto. (SEIBT, 2002, p. 170, 171 e 197)

Finalmente, vale ressaltar que o processo de investigação aqui relatado representa um método qualitativo e participante que buscou conhecer os aspectos dinamizadores ao desenvolvimento do turismo sustentável no município, tendo como eixos temáticos as águas e o turismo sustentável.

1.3 Estrutura do Relatório da Pesquisa

De acordo com a estrutura do presente trabalho, no segundo capítulo é apresentada uma síntese do referencial teórico que orientou as atividades deste estudo, pautada na relação do ser humano, ciência, natureza e água; seu enfoque no diálogo entre multidisciplinas, na sustentabilidade e na abordagem da contribuição do turismo sustentável para a gestão ambiental participativa e gestão participativa das águas.

O terceiro refere-se a uma síntese do referencial metodológico, caracterizando o tipo de estudo, o método e os cuidados éticos.

No quarto capítulo é abordada a contextualização da área de estudo, enfocando as questões históricas, geográficas, socioeconômicas, culturais e ambientais de Alfredo Wagner.

O quinto capítulo apresenta as ações desenvolvidas no decorrer do processo de investigação, os dados obtidos, a discussão, a análise, pautada no diálogo com diversos autores, e os resultados alcançados.

O sexto e último capítulo apresenta a síntese dos resultados e avanços obtidos com esta pesquisa e sua relação com a construção da gestão ambiental participativa em Alfredo Wagner, enfatizando as conclusões e recomendações para estudos posteriores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: da resignificação da relação sociedade, homem e natureza à gestão social das águas.

As Bacias Hidrográficas surgem em famílias; níveis aninhados de intimidade. Em grande escala, a rede hidrográfica é como toda a humanidade – sérvios, russos, índios Koyukon, amishes, as bilhões de vidas na República da China, ela está muito preocupada, mas é difícil saber como ajudar. À medida que você sobe o rio em direção a sua casa, está mais intimamente relacionado ao problema. O grande rio é como sua nação, guardadas às proporções. O lago é seu primo. O riacho é sua irmã. A lagoa é o filho dela. E, na alegria e na tristeza, na doença e na saúde, você está casado com sua pia. (PARFIT, apud BARLOW & CLARKE, 2003)

O presente referencial teórico remete às leituras que antecederam e guiaram o processo de levantamento em campo, caracterizando-se, assim, como o primeiro referencial teórico deste estudo.

Um segundo referencial teórico é trazido junto ao processo de análise dos dados, evidenciando, por sua vez, o caminho de reflexão-crítica perseguido no processo de investigação e interação social.

2.1 Homem na Natureza e Natureza na Sociedade

O homem é um ser heterótrofo e fagótrofo⁹, sendo totalmente dependente do ambiente natural, não importa os avanços e a sofisticação tecnológica que obtiver. Ou seja, o homem é um produto da natureza. Por esta condição biológica, desde a sua existência o ser humano utiliza-se da natureza, às vezes esquecendo-se que dela depende. Para mencionar um exemplo, basta dizer que é impossível pensar na vida humana cotidiana sem água, pois há uma total dependência unilateral em favor dela.

O pronome “dela” caracteriza exatamente a percepção humana sobre a água como um “elemento feminino da natureza”. Para Illich (1989):

A água sempre foi percebida como um elemento feminino da natureza. Estudos feitos no século XIX retratavam uma nova imagem da mulher higienizada, que, por sua vez, era a criação de uma época Victoriana. Somente após os primeiros anos do século passado se vinculou a nudez feminina como símbolo cultural da água, registrada numa pintura de um quarto de banho. (ILLICH, 1989, p. 14)

⁹ ODUM, E. Ecologia, ed: Guanabara: 1998, p. 11. Organismos heterotróficos não são capazes de sintetizar seu próprio alimento e, portanto, ingerem outros seres, sejam eles vegetais ou animais. Diz-se fagótrofo (de phago, comer), organismos heterotróficos, principalmente animais, que ingerem outros organismos ou matérias particuladas.

Uma possível explicação para esse nexos sutil entre água e ser humano perpassa por uma estratégia de contornar repreensões religiosas ou míticas, alega o referido autor, onde a nudez poderia ser mostrada, fundindo as imagens da mulher e da água como parte da natureza, através de um simples banho.

Por outro lado, não passou despercebido ao autor a idéia de que esta relação poderia ser interpretada como uma forma do homem domesticar a água e, portanto, a natureza. “A proximidade entre a espuma do sabão com o corpo humano num banho domesticava tanto a água quanto a carne [...]”. (ILLICH,1989, p.14)

A concepção de natureza, por sua vez, provém do latim *natura*, cujo sentido primitivo é “ação de fazer nascer”. Segundo a teoria de *Gaia*, de James Lovelock (1979, apud ODUM, 1983, p. 15), a vida é concebida como o encontro das esferas, logo, *Gaia*, que significa mãe terra, uma esfera que do auge de seus aproximados 4,5 bilhões de anos - vivendo sozinha vários milhões destes, sentiu solidão e desejou a companhia de *Anthropos*, fazendo nascer o nômade¹⁰.

Segundo Fialho (2004, informações verbais), “o surgimento de *Anthropos* representou o início de uma relação dialética e dialógica, em que a Lei do Ter passou a ditar o comportamento, caracterizado pelo ato intencional de domesticar a natureza [...]”, pois nesta relação de monodependência, a natureza vem sendo transformada em produto (recurso natural) para atender as necessidades de *Anthropos*.

Para Kesselring (1992, p. 20), o conceito de natureza retrocede à antiguidade grega, numa época que começa por volta do século 6 a. C. e prolonga-se até a cristianização do Ocidente, a partir do século 3 d. C. “O conceito grego de natureza (*physis*) contrapõe-se ao conceito da arte e artesanato (*techne*), onde a natureza era tida como eterna, sem criador, mas imperecível, pois ela mesma é o princípio do que surge e desaparece [...]”.

Na época aristotélica (384–322 a. C.), o princípio da *physis* é o movimento e o repouso inerente a todas as coisas. Já para os seres vivos, o princípio do movimento é a alma (*psyche*). Por possuir uma alma racional, o homem se acha na condição de pensar e planejar suas ações, além de considerar-se competente para compreender cientificamente a natureza. Assim surge a relação da ciência (*episteme*) com a natureza, que Aristóteles distingue em 3

¹⁰ FIALHO, Miriam, Dra. Palestra sobre Ecosofia no IV Encontro Presencial FUNIBER - Florianópolis, agosto: 2004. Nômade, índio.

planos diferentes da realidade, de acordo com Kesselring (1992). Trata-se da ciência da natureza (*physika*), a matemática (*mathematika*) e a metafísica (*ta meta ta physika*).

A ciência, no sentido estrito, lida com os princípios imutáveis da natureza, e graças à sua razão (*nous*), o homem tem acesso direto a estes princípios. [...] A física indaga as causas das transformações e dos movimentos na realidade material. A matemática se abstrai de toda transformação, de todo movimento e de toda matéria. Ela tem a ver com o que é imutável. [...] A metafísica, finalmente, se abstrai até das leis matemáticas e indaga os princípios gerais daquilo que existe. (KESSELRING, 1992, p. 22)

Mas é na segunda fase da Idade Média, através da tradição bíblica, que surgem novos aspectos voltados à concepção da natureza e sua relação com a ciência, onde a primeira passa a ser vista como o âmbito da criação por intermédio de um criador.

Por razões óbvias, acrescentou-se que quem atribui a cada ser a sua determinação individual, isto é, a sua *physis*, é Deus. Com isso alterou-se a imagem da natureza fora do homem, assim como a imagem da natureza dentro do homem. [...] A natureza inteira foi igualada ao âmbito da criação: nela se manifestam a bondade e a sabedoria divina. (KESSELRING, 1992, p. 22)

Os principais momentos que apontam as direções da ciência em seu processo de desenvolvimento, e que são destacados por Kesselring (1992), referem-se: às heranças do pensamento teológico da Idade Média; à redescoberta da antiguidade no século XV, marcando, assim, o humanismo desta época; ao aprofundamento de uma tradição experimental na pesquisa científica sobre a natureza no século XIII; à aceitação da teoria da evolução; ao descobrimento do acaso na teoria das ciências naturais; e ao segundo teorema da termodinâmica.

Por outro lado, há que se considerar as implicações de outros eventos que contribuíram fortemente para a transformação do conceito de natureza e dos processos naturais, que, por sua vez, podem ser cronologicamente lembrados na tabela a seguir, em que se apresenta um apanhado brevíssimo da obra do referido autor.

Tabela 2. Registro Histórico das Ciências Naturais

Histórico das Ciências Naturais	Data aproximada
Tradução das Obras Aristotélicas confronto com as cosmologias.	Século XII
Experimento de Roger Bacon dava início ao entendimento de atestar a ciência através de experimentos.	Século XIII

Francis Bacon propagou como fins das ciências naturais e experimentais a aspiração de poder sobre a natureza.	Século XVI
Intensivo estudo da literatura antiga e redescoberta da obra de Platão em considerações significativas à visão da natureza sob aspectos quantitativos.	Século XV
Fernão de Magalhães navega em torno da Terra e a torna disponível integralmente.	Século XV
Visão heliocêntrica do mundo. Vestígios da obra de Copérnico e Kepler.	Século XIV e XVII
Pensamento cristão-medieval de que Deus não só criara o mundo, mas o transformava sempre que necessário.	Século XIV e XVII
Obra de Thomas Hobbes, o <i>Leviatã</i> lança a idéia de que o homem age por uma influência quase mecânica.	Século XVII
Homem é representado por uma máquina ao ser comparado a um relógio por Geulinx.	Século XVII
Descartes recorre à visão cartesiana do mundo dividido em duas partes: “corpos materiais – <i>res extensa</i> ” e “mundo do pensamento – <i>res cogitans</i> ”. O homem se vê incapaz de compreender o mundo bipartido, pois não estão em contato uma parte com a outra.	Século XVII
Obra de Isaac Newton <i>Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica</i> traz fortes contribuições à ciência moderna.	Século XVII
As obras de J.O. de La Mettrie <i>L’homme machine</i> reforça a idéia que o homem funcionava mecanicamente.	Século XVIII
Aperfeiçoamento do determinismo mecânico das ciências naturais na obra de Laplace.	Século XIX
Determinismo traz heranças teológicas ao pensamento moderno, onde o homem passa a assumir uma posição fora da natureza, onde somente Deus estava, assumindo uma posição quase divina.	Século XIX
O homem abandona a minoridade e eleva-se à condição de dono da natureza, fazendo-a objeto da ciência e de manipulação.	Século XIX
A religião perde sua função dentro das ciências naturais, com exceção da biologia, na qual a religião, sob forma de uma teologia natural, continua a desempenhar um certo papel.	Século XIX
Teoria da evolução e da seleção natural proposta simultaneamente por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace.	Século XIX
As leis da probabilidade e as leis de estatística entram na física e ampliam as leis mecânicas.	Século XIX
Descobrimto do acaso e da probabilidade na própria natureza	Século XIX
Formulação da 2ª Lei da termodinâmica por Clausius a longo prazo cresce a entropia, isto é, diminui a quantidade de movimentos regulares.	Século XIX
Friedrich Nietzsche prognosticou o niilismo, isto é, uma descrença absoluta na verdade moral existente.	Século XX
Discussão sobre técnica e natureza, um rompimento da fronteira tradicional entre produtos de origem técnica e natural.	Século XXI

Fonte: Kesselring (1992), compilado pela própria autora, 2004.

A atual discussão entre a ciência e a técnica baseia-se em nosso estilo de vida, dominado pela técnica, que nos leva a conseqüências de fato preocupantes. “[...] A tese de que o homem está localizado fora da natureza, ao menos quanto à própria consciência, confirma-se pela sua forma de desadaptação”, em que toma posse e explora a natureza na prática, vivendo como se não dependesse e fizesse parte dela. (KESSELRING, 1992, p. 35)

Mas é no processo de viver em grupo que surgem as normas de conduta e que, portanto, fazem surgir o social. Para Fialho (2004, informações verbais), “[...] o homem, ao erguer sua primeira cerca, criou fatores que certamente influenciaram na perda ou esquecimento de sua identidade com a natureza e consigo próprio”. Neste rumo surge o progresso como um produto colateral da evolução, em que o princípio da seleção natural

“precisa ser visto não como um simples evento que faz com que o mais forte sobreviva, mas como um processo estatístico no qual a própria repartição das probabilidades pode mudar [...]”. (KESSELRING, 1992, p. 37)

Quem se impõe a longo prazo não é simplesmente o mais forte, mas o que é mais adaptado, sem esquecer de que as espécies não apenas se acomodam aos seus nichos ecológicos, como também os moldam, transformando seus arredores. [...] Desta concepção de natureza, pode-se tirar uma conclusão que diz respeito à aplicação da ciência e da técnica. As razões do êxito da sobrevivência são a flexibilidade e a diversidade, e não a concorrência compreendida como luta sangrenta, mas uma mistura criativa entre cooperação e concorrência. (KESSELRING, 1992, p. 38)

É importante que todos se questionem em que medida cada um de nós tem a consciência e a convicção de sua responsabilidade, a fim de que possa ser construída a formação de uma nova postura ética, coletiva e planetária para a vida que queremos entre entes e sociedade.

Contudo, na prática esta máxima é bem mais complexa, pois se for considerado o fato de que as pessoas só pensam em dinheiro, como se fosse o objetivo final, como afirma Bazzo¹¹ (2004, informações verbais), logo será possível concluir que “vive-se uma época em que as escolas e universidades estão sendo patrocinadoras de uma ética de mão errada, de modo que se torna impossível falar de uma ética que não se pratica [...]”.

O atual modelo de desenvolvimento, e, portanto estilo de vida, de acordo com Bazzo (2004, informações verbais), não é centrado meramente num sistema capitalista, mas sim num “capitalismo turbinado”, menção ao exagerado quadro evolutivo do modo capitalista, que gera desigualdade social e violência.

Certamente este quadro é fruto do início desordenado das ciências calcadas numa visão cartesiana-newtoniana causalista, ou mesmo mecanicista-euclidiana reducionista, e, indubitavelmente, antropocêntrica, como atesta Rohde (2001, p. 42):

O findar de nosso século assiste ao definhamento do paradigma cartesiano-newtoniano, substituído por uma visão de mundo integradora, sistica, conjuntiva e holística. O mundo mecanicista-euclidiano é hoje uma metáfora de museu, uma ideologia que só se sustenta pela força gerada pela tecnociência instrumentalizadora, utilizada pelos detentores do poder político. (ROHDE, 2001, p. 41)

¹¹ BAZZO, Walter, Dr. Palestra Sociedade, Ética, Tecnologia e Natureza. IV Encontro Presencial FUNIBER - Florianópolis, agosto: 2004.

Após quase 367 anos desde que René Descartes (1596 –1650) publicou o famoso *Discurso do Método* (1637), novos caminhos surgem como propostas a um saber conjuntivo e articulador. Como um dos autores mais conhecidos e citados nessa discussão em busca de uma nova ordem está Edgar Morin, cuja visão parte da “idéia de organização ativa como sinônimo de reorganização permanente”.

A raiz, “re” física representa uma categoria fundamental e mereceria, conforme Morin, ser conceitualizada do modo mais radical, pois está em *autos* e *óikos*, estes últimos são reorganizadores, regeneradores e recorrentes: repetir, reorganizar, reproduzir, reciclar, retornar, rememorar, recomeçar, refletir, revolver, reusar, etc. (ROHDE, 2001, p. 44).

Dentre outros autores que certamente prestam contribuição para essa passagem de um mundo desintegrado para outro que seja menos centrado num estilo de desenvolvimento a qualquer custo estão **Fritjof Capra** (*O Tao da Física*, 1985; *O Ponto de Mutação*, 1986; *Sabedoria Incomum*, 1990 e *Teia da Vida*, 1997), **Paolo Rossi** (*Os Filósofos e as Máquinas 1400-1700*, 1989), **Humberto Maturana e Francisco Varela** (*A Árvore do Conhecimento*, 1993), **Roberto Crema** (*Introdução à Visão Holística*, 1988), **Peter Weil** (*Nova Linguagem Holística*, 1987) e numerosos outros.

Existem e estão nascendo abordagens mais diversificadas, menos lineares, complexas, (re)ligadoras de um saber ético e estético, mais coletivo e humano, cujas concepções nos levam a perceber que deve haver uma preocupação igualitária entre os fatos que estão ocorrendo nos cantos do mundo e com o que há por trás deles. Isto é, mais do que identificar os problemas é urgente compreender o contexto, os fenômenos e as repercussões relacionadas a estes, de modo a enfrentar as incertezas.

Uma nova consciência começa a surgir: o homem, confrontado de todos os lados às incertezas, é levado em nova aventura. É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento. (MORIN, 2000, p. 84)

Segundo Kesselring (1992, p. 34), “nosso estilo de vida, dominado pela técnica tem conseqüências primárias e secundárias não-reversíveis, que nos força a contar com eles como se fossem eventos naturais [...]”. Para Bazzo (2004), isto nos leva a um sério

questionamento, visto que pelo menos no Brasil já não estamos bravos com a pobreza, mas sim com os pobres.

Isso reflete o caminho errado que a educação está tomando, o ponto crítico em que nos encontramos. Vive-se numa sociedade do conhecimento tecnológico, porém é preciso mostrar para alunos e cidadãos em formação que não existe tecnologia que não seja para o bem social. [...] Como resquício da ciência praticada no século XIX, vive-se o auge do analfabetismo tecnológico, em que incentiva-se um tecnologismo supérfluo, a exemplo do telefone celular com capacidade fotográfica, cuja utilidade não ultrapassa a fronteira do ego e do imaginário individual do homem. (BAZZO, 2004, informações verbais)

Falar em pobreza é mencionar um dos mais terríveis indicadores do sistema atual, cujas proporções são mais que, suficientes para eleger representantes de grande ou pequeno escalão. Mas nessa direção é preciso salientar que, muito embora seja reconhecida a diferença entre desenvolvimento e crescimento, quando se trata de “progresso”, existe uma tendência a igualar desenvolvimento com crescimento.

Para Cavalcanti (2001), o que está em jogo neste contexto é a busca de melhoria na qualidade de vida, alcançar a plena realização de si próprio, pois todo indivíduo deseja ser feliz e o “desenvolvimento pode levar a tais objetivos”.

Sem embargo, a possibilidade de se ter mais e mais de cada coisa converteu-se no fim supremo do progresso. [...] Pobreza, porém, não é sinônimo de felicidade. Em princípio, a felicidade pode ser alcançada com afluência. O que é importante notar aqui é que nosso módulo, a natureza, é austero, sóbrio, balanceado. Não é possível para todo mundo ser afluente simultaneamente em um planeta de 5,6 bilhões de pessoas. (CAVALCANTI, 2001, p. 163)

Para Patrício (1999, p. 328), a perspectiva de ser saudável, de bem viver, está relacionada ao “modo como o homem interage com a natureza, com ele próprio e com os demais seres do mundo”.

Este é um fato evidenciado cotidianamente através do comportamento humano, seja na hora do lazer, do esporte, do cuidar com o corpo ou mesmo em atividades diversas – culturais, espirituais, psicológicas e, inclusive, profissionais. É também uma das razões pelas quais o turismo alternativo e ecológico mais tem crescido e repercutido na atualidade, estabelecendo as chamadas viagens à natureza.

2.2 O Fenômeno do Turismo

Os hábitos voltados ao “turismo na natureza ou de natureza”, como sugere Pires (2002), já existem há mais de dois milênios.

Desde os primórdios gregos encontram-se registros a respeito, feitos pelas celebridades que viveram nesse período. Heródoto, historiador grego, viajava para conhecer outros povos, mas também se interessava pela geografia e pelos aspectos ambientais das regiões visitadas; Aristóteles, filósofo grego, estudou também ciências naturais em suas viagens no Mar Egeu; ambos eram movidos pelo desejo de observar o ambiente natural e cultural do mundo em que viviam. (PIRES, 2002, p. 30)

Mas somente quando o turismo começou a ser visto como alvo de estudos científicos é que começaram a surgir inúmeras definições, “tanto para turismo quanto para turista”, afirma Barretto (1995, p. 9), que revela ser de 1911 a primeira definição de turismo, como sendo um “[...] conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou Estado”.

Talvez não por coincidência, mas tendo a primeira definição de turismo destaque para os aspectos econômicos, já havia ali vestígios de que o lazer viria a ser um grande negócio, vindo, mais tarde, a se tornar “metaforicamente o que a escola norte-americana defende como indústria do turismo”. (BARRETTO, 1995, p. 15)

De fato, após um período de expansão capitalista e desenvolvimentista, principalmente nas décadas de 1950 a 1970, houve uma modernização intensa em âmbito mundial no setor turístico, resultando num aumento exponencial na demanda da oferta turística.

Estes anos caracterizaram-se pela massificação da atividade; quando vôos *charters* e pacotes turísticos conduziram milhares de pessoas às partes mais remotas do planeta, além de conduzi-las a localidades nos próprios países emissores, turismo interno. (RUSCHMANN, 1997, p. 15)

Não demorou muito para os reflexos dessa massificação do turismo aparecerem. Segundo Pires (2002, p. 35), o período mais intenso deste processo ocorreu a partir do início

dos anos 1970, “[...] na plenitude do turismo de massas¹², cujas conseqüências mais danosas recaíram sobre a estrutura econômica e social anfitriã, assim como na qualidade ambiental dos destinos visitados”.

De fato, os impactos e alterações no padrão de vida e no ambiente decorrentes do turismo massivo eram inevitáveis, pois como frisa Ruschmann (1997, p. 19), “[...] a inter-relação entre o turismo e o meio ambiente é incontestável, uma vez que este último constitui a matéria-prima da atividade”.

Ao passo que surgiam os primeiros retratos negativos oriundos da atividade turística em massa, cresciam também manifestos da sensibilização humana perante os agravos contra o meio ambiente, resultando:

- num aumento na seriedade em torno da necessidade de respeitar, preservar, proteger e conservar o meio ambiente;
- no crescimento das políticas públicas relacionadas à questão ambiental e às atividades turísticas, tendo como grande impulsionador importantes eventos e suas respectivas publicações, que atualmente são considerados marcos na história do ambientalismo mundial, a ver exemplos como, o Clube de Roma (1972), a Conferência das Nações Unidas em Estocolmo (1972), o Relatório Brundtland (1987), a Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro (1992), a Rio + 10 (2002) e outros; e
- na intensificação no uso e implementação de metodologias participativas, visando atender com mínima satisfatoriedade as dimensões básicas da sustentabilidade, em resposta ao surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável e ecodesenvolvimento (Sachs, 1976) e mais recentemente com a Agenda 21.

Os anseios por um “turismo diferente”¹³ foram aumentando e, em 1980, com a Conferência da OMT em Manila, nas Filipinas, foi realizado o evento que é tido como o principal acontecimento na mudança de direção do turismo.

De acordo com Dias (2003, p.55), “[...] a importância dessa manifestação reside no fato de que foi feita antes da criação da Comissão Brundtland pela ONU – Organização das

¹² PIRES, P. S. Dimensões do Ecoturismo, ed. SENAC: 2002. O referido autor aponta uma série de exemplos emblemáticos acerca dos problemas gerados pela massificação do turismo.

¹³ “Turismo diferente”, expressão utilizada por PIRES (op. cit) para definir o desejo por uma nova ética no turismo.

Nações Unidas, que mais tarde seria a responsável por formalizar a proposta de desenvolvimento sustentável no relatório *Nosso Futuro Comum* (1987)”.

Sob influência desta nova visão harmoniosa com a natureza, iniciou-se, a partir do final dos anos 80, a prática de incluir no discurso e nas atividades de acadêmicos de hotelaria e turismo expressões como “turismo verde”.

O uso da expressão “turismo verde” refletia o aumento do interesse em questões ambientais no final dos anos 80 e o crescimento de políticas verdes no Reino Unido, na Alemanha e na França. O turismo verde incluía a redução dos custos e a maximização dos benefícios ambientais do turismo. Esse conceito foi altamente influente nos círculos governamentais. (SWARBROOKE, 2000, p. 12 e 13)

Isto certamente veio a reforçar as distinções entre o que veio a ser denominado turismo de massas ou convencional e turismo verde ou alternativo. Vale ressaltar que cada vez mais eventos e obras literárias voltadas a uma ética de nova ordem relacionada a princípios sustentáveis vieram a contribuir na construção deste cenário atual, em que começaram a surgir “tendências para um turismo diferente”, como atesta Pires (2002).

Essas novas formas de turismo surgiram nos anos 1970 e início dos anos 1980 em lugares exóticos e distantes, como San Vicente, no Caribe, que a partir de 1972 adotou a política do turismo alternativo e integrado; Porto Rico, nas suas ilhas mais afastadas, com a oferta de acomodações em pequenas vilas; Bora Bora e Moorea, na Polinésia Francesa, com a oferta de pequenas unidades habitacionais do tipo bangalôs; Papua, na Nova Guiné, com residências alternativas para visitantes; no Senegal, com o advento do chamado turismo de descoberta. [...] Cujo principal objetivo era proporcionar aos turistas a realização de uma viagem genuína de descoberta com maior significado. (PIRES, 2002, p. 40 e 41)

De acordo com a OMT (1995, p. 43), o turismo convencional pode ser entendido como “[...] as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens para lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano com fins de ócio, por negócio e outras atividades”.

A importância que se analisa nesta definição é a premissa de que este é o turismo de referência, seja para os aspectos que se observa positivamente ou mesmo o que se deseja melhorar. Dentro deste contexto, o turismo alternativo veio a conformar-se como um desejo a favor de uma nova ética no fazer turístico.

Para Järviluoma (1992, apud PIRES, 2002, p. 85), “[...] o turismo alternativo é o turismo em pequena escala, desenvolvido pela população local e baseado nos valores naturais e culturais locais, que deposita uma atenção especial em relação ao meio ambiente e à capacidade de carga”.

Contudo, considerando que muito se desejava no tocante à experimentação prática desta nova ética, houve um conturbado de iniciativas e experiências “difusas, dispersas e contraditórias”, que depositavam no turismo alternativo a solução para os fenômenos negativos do turismo massificado. (PIRES, 2002, p. 42)

Isto fez surgir um consistente quadro de percepções críticas que, aos poucos, somaram o fim quase histórico da “missão do turismo alternativo”. Foi então que, em 1989, por ocasião de um seminário sobre turismo alternativo em Tamanrasset, na Argélia, que a OMT propôs a modificação da terminologia por “turismo responsável”. (PIRES, 2002, p. 88)

Turismo responsável pode ser entendido como todas as formas de turismo que respeitem os anfitriões, a natureza, o meio cultural e os demais interesses das partes envolvidas. (OMT, apud PIRES, 2002, p. 88)

Como resquício desta fase, vale citar como exemplo a afirmação de Järviluoma (1992, apud Pires, 2002, p. 46), que, ao tecer seu conceito de turismo alternativo, também frisou sua idéia de que “[...] nem sempre o turismo de massas é não-planejado, da mesma forma que nem sempre o turismo alternativo é planejado”.

Mas é na exposição crítica de Lafant & Graburn (1994, apud PIRES, 2002), que se observa que a busca pela consolidação de uma atividade turística responsável apenas estava começando, cabendo retificar de antemão que a concepção do turismo alternativo exerceu um importante papel na discussão e sensibilização da sociedade a respeito das influências e afluências negativas do turismo convencional.

O turismo alternativo, na pretensão de ser o bom turismo, e a despeito da sua vigorosa declaração de oposição ao turismo convencional, não o enfraqueceu significativamente e está incluído nas promoções de expansão do próprio turismo internacional. (LAFANT & GRABURN, apud PIRES, 2002, p. 46)

Num sentido mais amplo, também deve ser reconhecido que o contexto teórico e prático do turismo alternativo representou a tentativa pela busca inconsciente do princípio da

recursividade (Morin, 1977), resultando no aparecimento de inúmeras outras terminologias e modalidades turísticas.

Seu conteúdo conceitual, interpretado no sentido da substituição do turismo convencional, esvaziou-se, visto que não há por que supor a eliminação deste quando o que se deseja, em vez de sua substituição, é a permanência de um turismo convencional reorientado, com critérios de sustentabilidade ambiental e social e, ainda, revitalizado no aspecto de qualidade de seus produtos. (PIRES, 2002, p. 92)

No tocante às modalidades turísticas associadas a uma ética sustentável é possível compor uma lista¹⁴ bem variada de denominações, considerando que muitas são similares, confusas e redundantes, tais como: Turismo Sustentável; Turismo Ambiental; Turismo Ecológico; Ecoturismo; Turismo Rural; Agroturismo; Turismo Eco-rural; Turismo Suave; Turismo Local; Turismo Natural; Turismo de Baixo-impacto; Turismo Planejado; Bioturismo; Turismo Nativo; Turismo Ecoaventura; Turismo de Solidariedade; Turismo Ético; Turismo Socialmente Responsável; Turismo na Natureza; Turismo de Contato; Turismo de Risco; Turismo Orientado na Natureza; Agroecoturismo; Turismo Forte; Turismo com Base Local; Turismo do Campo; Turismo Científico; Turismo Acadêmico; Turismo de Lazer e outros.

O turismo sustentável encabeça esta lista por tratar-se de uma expressão utilizada com frequência desde o início dos anos 1990. Segundo Swarbroke (2000, p. 13), ela encerra uma abordagem que “[...] reconhece a importância da comunidade local, a forma como as pessoas são tratadas e o desejo de maximizar os benefícios econômicos do turismo para essa comunidade”.

Assim, turismo sustentável tem, neste trabalho, uma aceção semelhante ao conceito assinalado pelo referido autor. Indo mais além, é válido mencionar que para Ruschmann (1997) o conceito de turismo sustentável fundamenta-se no próprio princípio universal de sustentabilidade, já que a finalidade é a mesma.

Os conceitos de desenvolvimento sustentável e de turismo sustentável estão intimamente ligados à sustentabilidade do meio ambiente, principalmente nos países menos desenvolvidos. Isso porque o desenvolvimento do turismo, em particular, depende da preservação da viabilidade de seus recursos de base. (RUSCHMANN, 1997, p. 109)

¹⁴ PIRES, P. S. (op. Cit.) faz uma lista com sessenta denominações de modalidades turísticas com teor oponente ao turismo convencional.

A expressão desenvolvimento sustentável, usada pela primeira vez em 1973, pelo canadense Maurice Strong, teve origem no enfoque contextual de outra palavra, o ecodesenvolvimento, formulado por Ignacy Sachs ao longo das reuniões preparatórias da Conferência de Estocolmo e como parte da estruturação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. No entanto, segundo Vieira (2001, p. 299), apenas em 1974, através de um artigo, Sachs apresentou uma proposta mais precisa deste conceito.

[...] A versão de Sachs caracteriza, num primeiro momento, um estilo de desenvolvimento orientado prioritariamente pela busca de satisfação de necessidades básicas (materiais e psicossociais) e pela promoção da autonomia (*self-reliance*) das populações envolvidas no processo. (VIEIRA, 2001, p. 299)

Segundo Brüseke (2001, p. 31), o princípio básico desta nova visão formulada por Sachs (1974) integrava seis aspectos:

A satisfação das necessidades básicas; solidariedade com as gerações futuras; participação da população envolvida; preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas e programas de educação. (BRÜSEKE, 2001, p.31)

O conceito de desenvolvimento sustentável expresso pelo *Relatório Brundtland* trouxe, de modo geral, uma visão complexa das causas dos problemas socioeconômicos e ecológicos da sociedade global, sendo, atualmente, tão conhecido, a ponto de tornar-se uma falácia e um jargão político, necessitando muita ponderação em seu uso.

Desenvolvimento sustentável é aquele capaz de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades. (BRÜSEKE, 2001, p. 33)

Contudo, esta relação entre os conceitos de desenvolvimento sustentável e turismo sustentável envolvia, segundo Clarke (apud SWARBROKE, 2000, p. 13), quatro abordagens distintas entre si, mas coerentes e individualmente relevantes.

1. **Opostos polares**, em que o turismo sustentável e o turismo de massa apresentam relações antagônicas. “Teríamos que renunciar ao turismo de massa se quiséssemos desenvolver o turismo sustentável”.

2. **Um Continuum**, em que o turismo sustentável e o de massa não eram mais vistos como atividades antagônicas, “[...] mas reconhecia-se que havia diferentes nuances entre um e outro, as quais se fundiriam em algum ponto central”.
3. **Movimento**, “uma abordagem cuja sugestão era a de que uma ação positiva poderia tornar o turismo de massa mais sustentável”.
4. **Convergência**, “a idéia de que todos os tipos de turismo podem se esforçar para serem sustentáveis”.

A partir destes elementos, nota-se que há um desejo pela convergência dos segmentos turísticos, muito embora, na prática, exista uma postura de opostos polares. A exemplo disso, há o esforço pela criação do CBTS – Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável¹⁵, que desde junho de 2002 vem buscando estabelecer uma organização com vistas a um processo de certificação aos empreendimentos e atividades turísticas contextualmente sustentáveis.

Vale dizer que, de acordo com o CBTS, o turismo sustentável, dentro do enfoque da convergência, representa uma forma de denominar as atividades turísticas responsáveis sem cair no uso das freqüentes terminologias redundantes e cognoscíveis em livros, artigos, teses e no próprio mercado (ex: panfletos de agências de viagens).

Para tanto, estabelece em sete princípios a caracterização e identificação de componentes para uma atividade turística ambientalmente ética, economicamente viável e socialmente justa.

Princípio 1. Respeito à Legislação Vigente – o turismo deve respeitar a legislação vigente em todos os níveis no país, as convenções internacionais e os Princípios e Critérios do Turismo Sustentável. **Princípio 2. Direitos das Populações Locais** – o turismo deve buscar mecanismos e ações que promovam a equidade socioeconômica, a defesa dos direitos humanos, de uso da terra e a qualidade ambiental; **Princípio 3. Considerar o Patrimônio e o Valor das Culturas Locais** – o turismo deve reconhecer e respeitar o patrimônio histórico-cultural das regiões receptoras e ser planejado, implementado e gerenciado em harmonia às suas tradições e valores culturais. **Princípio 4. Desenvolvimento Social e Econômico dos Destinos Turísticos** – o turismo deve contribuir para a geração de emprego e renda, fomentando e qualificando a capacidade local para o desenvolvimento de empreendimentos turísticos. **Princípio 5. Conservação do Ambiente Natural** – o turismo deve adotar práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural, de forma

¹⁵ Em Junho de 2002, realizou-se em São Paulo o II Workshop para a Certificação do Turismo Sustentável, onde foi criado o CBTS – Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável, presidido pelo biólogo Sérgio Salvati, consultor do WWF—Brasil.

a contribuir para a manutenção das dinâmicas e processos naturais em seus aspectos físicos e biológicos, considerando o contexto cultural e socioeconômico existente; **Princípio 6. Sustentabilidade da Atividade** – a viabilidade econômica do turismo deve considerar os custos sociais e ambientais; **Princípio 7. Planejamento e Gestão Responsável** – o turismo deve ser implementado com base em um processo planejado que demonstre o compromisso permanente com os princípios do turismo sustentável. (WWF–BRASIL, 2002)

Estes princípios refletem os aspectos básicos de que se ocupa o paradigma da sustentabilidade, onde a preocupação com as dimensões social, ecológica e econômica reflete a inquietude diante da incapacidade lógica dos estilos de desenvolvimento em assumir um número de relações suportáveis entre processos naturais e sociais.

Considerando o que aconteceu com o turismo alternativo e o que vem acontecendo com o conceito do desenvolvimento sustentável, o turismo sustentável também vem caindo no descrédito de algumas pessoas, que o consideram apenas mais uma boa idéia ou mesmo um sonho maravilhoso, no entanto, impraticável.

Obstante por intentar uma lógica binária do ou/ou, o turismo deve ser visto como uma atividade que realmente gera ao mesmo tempo riscos e oportunidades, pois nesta relação entre turismo e meio ambiente, em especial um turismo massivo, desregulado e movido por interesses meramente capitalistas, há de fato uma gama de exemplos nefastos.

Por outro lado, há uma contraposição à retórica negativa, em que autores como Swarbrooke (2001), relatam o interesse de órgãos governamentais no mundo todo, que vêm fazendo uso do turismo para alcançar o desenvolvimento sustentável em áreas geográficas.

Nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, o turismo tem sido usado para tentar recuperar velhas cidades industriais e proporcionar-lhes um novo rumo no futuro. Isso é observado especialmente em lugares tais como Baltimore e Liverpool. [...] O uso do turismo em base rural, para ajudar a alcançar a sustentabilidade das economias das sociedades rurais e para compensar o declínio da agricultura tradicional, é visto claramente na área interiorana da França, da Itália, da Espanha e de Portugal; [...] Tem-se tentado utilizar o turismo como forma de facilitar o desenvolvimento sustentável de economias emergentes, principalmente onde outros possíveis mecanismos para alcançar esse fim são limitados. Isso é ilustrado por Cuba, onde o turismo está sendo usado como alternativa, agora que o país não recebe mais ajuda da antiga União Soviética, e por países empobrecidos, como Vietnã, Cambodja e Laos. (SWARBROOKE, 2000, p. 16 e 18)

De acordo com o referido autor, foi compilada na Conferência Globo'90, em Vancouver, uma lista de benefícios do turismo sustentável, como sendo uma atividade que

gera sensibilização pró-consciência ecológica ativa, promove a inclusão social, gera produtos e serviços empresariais e permite a coexistência de obtenção de recursos econômicos em face dos recursos naturais.

O turismo sustentável estimula uma compreensão dos impactos do turismo nos ambientes natural, cultural e humano; assegura uma distribuição justa de benefícios e custos; estimula indústrias domésticas lucrativas-hotéis e outros tipos de alojamento, restaurantes e outros serviços de alimentação, sistemas de transporte, artesanato e serviços de guias locais; procura tomar decisões em todos os segmentos da sociedade, inclusive populações locais, de forma que o turismo e outros usuários dos recursos possam coexistir; e do ponto de vista do meio ambiente, demonstra a importância dos recursos naturais e culturais para a economia de uma comunidade e seu bem-estar social, e pode ajudar a preservá-los. (SWARBROOKE, 2000, p. 14).

Isto somente é possível dada à realidade complexa e multifacetada do turismo que é um fenômeno seguidamente mal-entendido, como afirma Keller (apud Moesch, 2003), tendo em vista conclusões precipitadas que o limitam a uma prática econômica e, portanto meramente empresarial.

O turismo não é uma indústria, pois não proporciona a transferência de bens e serviços que seriam produzidos atrás de alguns muros das empresas. O turismo se focaliza sobre os seres humanos que visitam um destino em função de um ou vários destinos, isto permite que encontrem outros seres humanos que ali vivem e fornecem os bens e serviços exigidos pelos turistas. (KELLER, apud MOESCH, 2003, p. 36)

Outros autores, como Davidson (1998), reforçam a idéia de que o turismo não deve ser considerado uma indústria, mas sim um fenômeno social, à medida que trata-se de um processo e não de um produto, afinal, a definição de atividade econômica é feita com base na produção de bens e serviços, enquanto que a realizada para o conceito do turismo se faz com base na utilização de bens e serviços.

Esta, sem dúvida, é uma questão aberta ao debate atual, cuja perspectiva tradicional remete a atividade turística fora do contexto de ser classificada como indústria nas atividades econômicas. Alguns autores como Theobald (1998), defendem argumentos a favor dessa denominação do turismo com uma indústria, baseando-se, principalmente, em três aspectos:

- necessita ganhar o respeito e a consideração, imprescindível para seu posicionamento frente aos outros setores;

- necessita dispor de dados e estatísticas adequados, precisos e significativos para poder avaliar suas contribuições à economia;
- necessita proporcionar um indicativo de identidade a todos os que formam parte ou intervêm, de uma forma ou outra, nele.

Ao mesmo tempo em que percebe-se um vacilo quanto à compreensão do turismo, também existe um certo preconceito quanto à sua concepção acadêmica e institucional como uma ciência ou um fenômeno que ultrapasse os moldes de uma atividade econômica. Por outro lado, é possível mencionar que em alguns casos há uma certa dose de predileção, por parte dos cursos de Turismo e Hotelaria, em fechar-se em círculos cada vez mais especialistas, indo na contramão de uma ética de nova ordem¹⁶.

Com vistas a um novo rumo nesta relação iníqua, acredita-se que da mesma forma como tem sido considerado no tratamento dos assuntos voltados à temática ambiental, nota-se a necessidade de incorporar na teoria e na prática do turismo – considerando, inclusive, suas infinitas segmentações, dentre elas o turismo sustentável, o exercício do diálogo multidisciplinar.

Segundo Fazenda (1994), este diálogo entre disciplinas surge na Europa, principalmente na França e na Itália, em meados de 1960, exatamente no período em que se iniciam movimentos estudantis voltados a melhores práticas universitárias e escolares.

Esse posicionamento nasceu como oposição a todo conhecimento que privilegiava o capitalismo epistemológico de certas ciências, como oposição à alienação da academia às questões da cotidianidade, às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e a toda e qualquer proposta de conhecimento que incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção, a uma patologia do saber. (FAZENDA, 1994, p. 19)

A principal categoria que pontuou as reflexões e discussões em torno do diálogo multidisciplinar foi, segundo Fazenda (1994, p. 19), a *totalidade*, à medida que “[...] o destino da ciência multipartida seria a falência do conhecimento”.

O diálogo multidisciplinar, sob a visão de Gusdorf (1961, apud Fazenda, 1994), constituiu-se num “estado de espírito”, cujo sentido se faz a partir da reflexão, da autocrítica e da inovação.

¹⁶ Para uma discussão mais profunda deste assunto recomenda-se o livro das autoras Barretto, Margarita; Tamanini, Elizabete; Silva, Maria I. Peixer da. *Discutindo o Ensino Universitário do Turismo*. Coleção Turismo, Ed. Papirus: 2004.

No entanto, é na *práxis* que se observa o valor da interdisciplinaridade, na busca por um isomorfismo lingüístico¹⁷, na divisão de tarefas e na vivência coletiva da interdisciplinaridade como metodologia.

Sobretudo, deve ficar claro, no âmbito da interdisciplinaridade, a sua relação de diálogo e comunicação com as outras disciplinas e não o rompimento destas em função de se criar uma nova disciplina. Muito pelo contrário, “[...] a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas”. (FAZENDA, 1994, p. 29)

No entanto, considerando-se que este é um campo do saber ainda em construção, em experimentação, muito embora note-se a existência exagerada de projetos de pesquisas, estudos e trabalhos que improvisam uma prática interdisciplinar, é precioso ressaltar as chamadas experiências sistematizadoras.

A sistematização não é mencionada como um mero ato de relatar e registrar dados, mas sim algo que vai além disso, que requer uma análise, uma reflexão, e que estabeleça a possibilidade de um olhar crítico sobre a prática vivenciada, pois parafraseando Fazenda (1994, p. 16), “somente conheço quando penso”.

A sistematização contribui para criar identidades e para que nos valorizemos como pessoas, contribui para qualificar todas as dimensões de nossa vida e para que consigamos cada vez mais coerência entre o que pensamos, dizemos, sentimos, queremos e fazemos. (HOLLIDAY, 1996, p. 67)

Embora as situações do cotidiano não se repitam exatamente iguais, “[...] o conhecimento sobre determinada situação similar ou mesmo conhecida pode resultar num melhor rendimento ao processo vivenciado”. (FAZENDA, 1994, p. 72). Certamente, isto implica no reconhecimento de que o que está em “movimento nem sempre é previsível”, mas que a sua reflexão e posterior explicitação permite pensar em outras possibilidades.

[...] A capacidade de conhecer uma prática em suas limitações e possibilidades supõe o conhecimento das intenções que determinaram ou direcionaram esse agir pessoal, particular, individual e que somente assim teremos condições de adquirir novas formas de perceber, conhecer e agir em outras perspectivas. (FAZENDA, 1994, p. 72)

¹⁷ Isomorfismo lingüístico, porém não universal, pois aí está a impossibilidade lógica esclarecida por Japiassú (Ibid.), após o modismo que se estendeu no Brasil quanto ao uso do termo interdisciplinar na tentativa de solucionar parte dos problemas educacionais do país.

Sobretudo, agir de forma a dialogar com outras disciplinas significa pensar de forma sistêmica, considerando com igual importância as inter-relações que fazem parte do contexto de um todo, mas logicamente respeitando as limitações individuais de cada ser, apostando no desafio do coletivizar e não esquecendo de usar da razão-sensibilidade.

Socialmente, nas interações com os outros, as elaborações dos significados e das tomadas de decisão do ser humano, a conexão entre razão e sensibilidade, segundo abordagem do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, desenvolve-se através da mediação do processo de reflexão-crítica, inserido em contexto cultural e afetivo do sujeito, tendo como base princípios éticos e estéticos de seu mundo particular e coletivo. (PATRÍCIO, 1995, p. 52)

No que se refere à temática do turismo, se faz essencial a busca pelos múltiplos-olhares, haja vista que o alcance que suas relações podem abranger é muito amplo, tornando complexa a sua desejada compreensão e definição. Numa tentativa de elucidar algumas destas, Swarbrooke (2000), apresenta a seguinte esfera de relações:

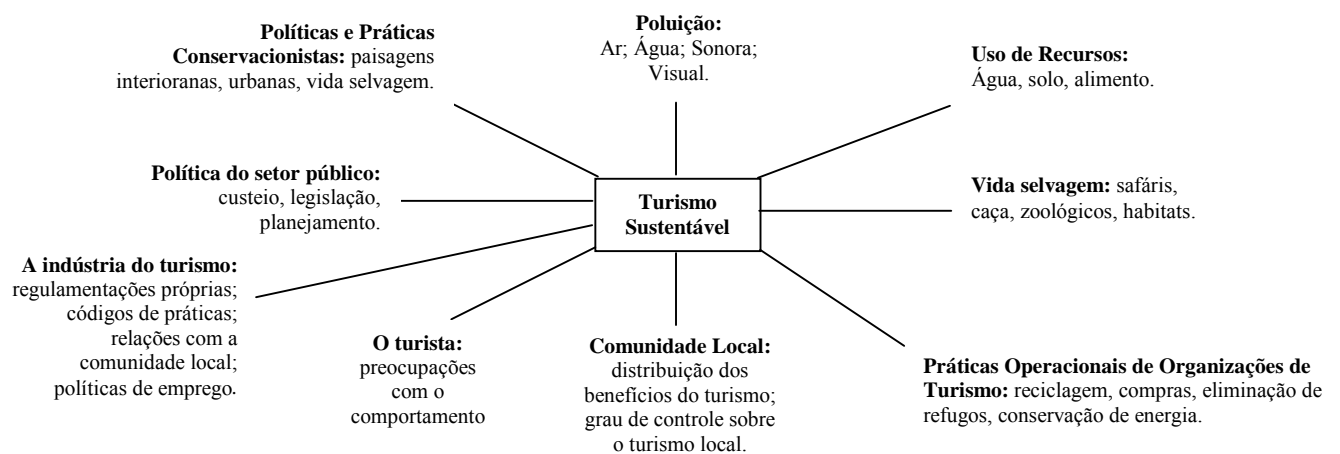


Figura 1. Esfera das relações do turismo sustentável. (SAWRBROOKE, 2000, p. 23)

Esta esfera representa a multiplicidade de relações que o tratamento da temática do turismo sustentável permite dialogar. Por esta razão, observa-se que o turismo, em especial na sua abordagem com os princípios da sustentabilidade, muito tem a ver com o quadro de relações que se observa em processos de gestão ambiental e de gestão da água.

Esta similaridade se mostra quando considerados processos cujos objetivos finais buscam promover uma reinserção harmoniosa do ser humano na biosfera. Neste caso, vale salientar que os processos de gestão com participação social mostram-se muito mais próximos deste objetivo do que aqueles que se ocupam dos interesses exclusivos de setores industriais.

2.3 O Ouro Azul

A exemplo de Santa Catarina, em conteúdo explícito na Política Estadual de Recursos Hídricos, muitos estados brasileiros deixam a desejar no que diz respeito à preservação e conservação de seus recursos naturais, sendo que as águas apresentam maiores deficiências frente ao nível de consciência ecológica da sociedade como um todo.

O componente recurso hídrico está entre os que apresentam maiores deficiências, em que pese o inegável esforço de alguns órgãos e entidades que atuam no estado, responsáveis pelo considerável arcabouço legal existente e pela estrutura político-institucional em fase de implantação. Daí a prioridade dada pela atual administração estadual ao “Projeto Administração das Bacias Hidrográficas do Estado”, incluído na sua proposta de plano de governo. (SANTA CATARINA, 1997, p. 9)

Isto, em parte, reflete-se a partir do quadro atual, em que se percebe no mundo todo que a busca pelo poder sobre as águas intensificou-se exponencialmente, calcada, acima de tudo, numa visão mecanicista, utilitarista e mercantilista do homem em relação aos recursos da natureza. Por esta razão, em analogia ao ouro negro – uma referência ao petróleo, a água passou a ser reconhecida pelo cognome de ouro azul.

O controle corporativo dos recursos de água e sistemas de distribuição do planeta é uma ameaça ao bem-estar do ser humano, pois a água é fundamental à vida. Todos os ecossistemas vivos são mantidos pela água e pelo ciclo hidrológico. Os povos antigos e os que vivem mais próximos das forças da natureza no mundo de hoje, sabiam que destruir a água significava autodestruição. Apenas culturas modernas avançadas, guiadas pela ganância e convencidas de sua supremacia sobre a natureza, não reverenciam a água. As conseqüências são evidentes em todos os cantos do globo: desertos e cidades secas, terra úmidas destruídas, vias fluviais contaminadas e, ainda, crianças e animais agonizantes. (BARLOW & CLARKE, 2003, p. 4)

De fato, diferentemente de algumas culturas, em que as águas foram concebidas como símbolos importantes da vida e do equilíbrio, para os povos das nações industrializadas e urbanizadas do século XXI, a água não passa de um composto químico, resultante do

encontro de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, que, dotada de preço, pode ser globalizada economicamente.

Por curiosidade, vale acrescentar que a Terra é o único corpo do universo, até agora conhecido, onde a água encontra-se, simultaneamente, nos três estados físicos fundamentais: líquido, sólido e gasoso. (REBOUÇAS, 2002, p. 1).

Entretanto, reconhece-se que o controle das águas, como forma de dominação e poder, registra-se desde épocas remotas, podendo ter nascido ali a crise de poder sobre a água. Segundo o referido autor:

O controle dos rios, como forma de dominação dos povos que habitavam os setores hidrográficos de jusante foi praticado desde, pelo menos, 4 mil a. C. na Mesopotâmia. O controle das inundações do Rio Nilo foi a base do poder da civilização egípcia, desde cerca de 3,4 mil anos a.C.. No vales dos rios Amarelo e Indu, a utilização da água como forma de poder foi iniciada em 3 mil a.C., sendo exercida por meio de obras de controle de enchentes e da oferta de água para irrigação e abastecimento das populações. [...] Para alguns, a politização e centralização atuais do poder sobre a água teriam tido suas origens nessa época. (REBOUÇAS, 2002, p. 17)

De todo modo, a respeito do diálogo sobre a quantidade e qualidade das águas, parece haver um descrédito para alguns, como se houvesse de fato um certo exagero, considerando, talvez, como explicação a possibilidade dos números existentes a primeira vista não aparentarem tão alarmantes.

De acordo com Rebouças (2002, p. 7), “ [...] dos 97,5% de água existente no globo terrestre, apenas 2,5% é doce, porém, deste valor, 68,9% forma as calotas polares, as geleiras e neves eternas, que cobrem os cumes das montanhas mais altas da Terra”. Os 29,9% restantes constituem os aquíferos, ou seja, as águas doces subterrâneas.

Também é possível citar que a umidade dos solos, de acordo com o referido autor, inclusive as águas geladas (permafrost) e as águas dos pântanos, representam cerca de 0,9% do total, e a água doce dos rios e lagos, cerca de 0,3%.

No Brasil, os números também mostram uma situação desconfortável, onde observa-se uma grande diversidade de situações, com abundância de água nas regiões Norte e Centro-Oeste e escassez na região Nordeste e em alguns estados desenvolvidos, como Rio de Janeiro e São Paulo.

O desconforto refere-se à distribuição desigual da água nas distintas regiões brasileiras, cuja concentração hídrica mais densa não corresponde à área mais populosa.

Cerca de 80% das potencialidades das águas superficiais do Brasil estão concentradas nas regiões Norte e Centro-oeste, onde estão abrigados 14,5% dos brasileiros, com 9,2% da demanda hídrica do país. Os 11% restantes do potencial hídrico de superfície estão nas outras regiões (Nordeste, Sul, Sudeste), onde se situam 85,5% da população e 90,8% da demanda hídrica no Brasil (ROCHA, 2002, p. 9)

Isto é decorrente do fato de que as regiões mais úmidas da Terra são aquelas que estão geograficamente localizadas entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio, “[...] cuja faixa úmida estende-se aproximadamente entre 10°N e 10°S do Equador Terrestre nos domínios continentais e pode atingir 20° N e 20° S nas áreas oceânicas”. (REBOUÇAS, 2002, p. 11)

Segundo Salati et al (2002, p. 49), “[...] no futuro os usuários da água para fins domésticos e industriais vão competir cada vez mais com a agricultura irrigada, particularmente em regiões como Ásia e África”. Isto porque, segundo a FAO –Organizações das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, citada pelo referido autor (SALATI et al, 2002, p. 49), “[...] a produção de alimentos está cada vez mais dependente da agricultura irrigada, e a necessidade de alimentar uma população crescente deverá pressionar mais os recursos hídricos do que os solos”, fazendo com que a busca por uma melhor eficiência destes sistemas produtivos seja um dos requisitos para se alcançar o tão sonhado desenvolvimento sustentável. (ALEXANDRATOS, 1995 apud SALATI et al, 2002, p. 49)

Certamente, este tema nos remete à questão dos múltiplos usos da água, que, por sua vez, devem estar incorporados nos processos de gestão da água, bem como da própria gestão ambiental, com vistas a uma abordagem integrada e sistêmica.

2.4 Gestão Social das Águas e Turismo Sustentável

A palavra gestão, do latim *gestione*, sem, contudo, entrar no mérito da discussão em torno desta definição, “[...] significa etimologicamente, a ação de gerir, gerenciar ou ainda administrar”. (POMPÊO, 2002, informações verbais)¹⁸.

O ponto de partida para a implementação de um processo de gestão está na definição dos espaços, ou seja, nas unidades de planejamento, podendo estas no caso da

¹⁸ POMPÊO, C. A. Notas de aula. Disciplina de Tecnologia e Gestão da Água no Meio Urbano. UFSC, PPGEA: 2002.

gestão ambiental e da gestão das águas, serem, por ilustração, as bacias hidrográficas, os corredores ecológicos e as unidades de conservação.

A adoção das bacias hidrográficas como unidade de planejamento representa, por sua vez, o primeiro princípio da Lei nº 9.433/97, que organiza o setor de planejamento e gestão dos recursos hídricos em âmbito nacional. (SRH–MMA, 2002)

O segundo princípio é o uso múltiplo das águas, que coloca todas as categorias usuárias em igualdade de condições em termos de acesso ao recurso natural água. O terceiro diz respeito ao reconhecimento do valor econômico da água.

Acerca do segundo princípio, dentre os múltiplos usos da água é possível citar a irrigação para agricultura e pecuária, geração hidrelétrica, abastecimento doméstico e industrial, navegação, aqüicultura e piscicultura, esporte, turismo e lazer, dentre outros.

O turismo pode ser destacado dentre os múltiplos usos da água, como o único que em condição semelhante às águas, traduz-se como um processo de múltiplas relações. Isto é, tanto as águas quanto o turismo podem ser vistos a partir de uma relação de comuns, em que ocorre o diálogo entre inúmeras e distintas dimensões, a exemplo da economia, saúde, educação, cultura, infra-estrutura, legislação, etc.

Além disso, considerando-se o número de relações com as quais o turismo sustentável permite dialogar, haja vista como exemplo a esfera de relações apresentada anteriormente, também é preciso levar em conta que este pode vir a ser um facilitador no tocante à comunicação com a comunidade local e seu entendimento acerca da importância dos demais eixos temáticos, que se mostram múltiplos-temas em processos como o da gestão social das águas.

No tocante à participação social, esta não representa um mero cumprimento legal, considerando o quarto princípio da Lei 9.433/97 - o art 1º, VI, ao declarar que a “gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades” (SILVA e PRUSKI, 2000, p. 166), mas sim, o reconhecimento da necessidade em coletar na fonte as causas e efeitos dos problemas e fenômenos existentes em determinada bacia, que são inerentes aqueles que habitam e residem na área em observação.

Isto porque, em processos de gestão ambiental, em especial a gestão das águas, no contexto das bacias hidrográficas, notam-se resultados mais significativos quanto mais próximos e interagidos estiverem da realidade e dos envolvidos nela. Por esta razão, refletir

sobre natureza e sociedade significa incorporar as esferas da política, da economia, das espacialidades territoriais, da legislação e das relações qualitativas e quantitativas de impacto com o meio natural, social e cultural, dentre outras, que, inclusive, se observa na esfera de relações do turismo apresentada anteriormente, elegendo um tratamento de fato global e sistêmico.

Na tentativa de elucidar tais questões, alguns importantes aspectos foram estabelecidos pela Lei nº 9.433/97, a exemplo da determinação de seis instrumentos de política para o setor. Tratam-se de: 1. Plano de Recursos Hídricos; 2. Enquadramento dos corpos d' água em classes de usos preponderantes; 3. Outorga de Direito de Uso dos Recursos Hídricos; 4. Cobrança pelo uso da água; 5. Sistema Nacional de Informações sobre Recursos Hídricos e; 6. Compensação aos Municípios.

A Lei nº 9.433/97 também estabeleceu um arcabouço institucional claro, na medida em que definiu novos tipos de organização para a gestão cidadã e compartilhada do uso da água. Neste sentido, foram criados alguns organismos por este sistema legal: 1. Conselho Nacional de Recursos Hídricos; 2. Comitês de Bacias Hidrográficas; 3. Agências de água e; 4. Órgãos e entidades do serviço público federal, estadual e municipal com relevante atuação na gestão dos recursos hídricos.

Os Comitês de Bacias Hidrográficas, assim como os Conselhos de Desenvolvimento e Meio Ambiente, dentre outros, podem ser compreendidos como canais efetivos de participação social. Estes representam, porém, formas não-partidárias de participação, uma vez que esta também pode ser conferida de forma partidária (filiada a partidos políticos) e cidadã (eleitor/voto). (ANEEL, 2001, p. 261)

Embora seja compreensível que somente a informação, com a devida reflexão, seja capaz de gerar uma transformação social rumo a uma desejada participação cidadã, não-partidária ou mesmo partidária, existem algumas dificuldades que operam em conjunto com as ações técnicas de gerenciamento participativo dos recursos naturais, por vezes, resultando em casos de insucesso no tratamento dos problemas ambientais. Para Silva e Pruski (2000, p. 18) este insucesso, na grande maioria dos casos é decorrente da:

- falta de compatibilização das intervenções com a capacidade de suporte dos sistemas ou recursos naturais;
- discrepância entre o esperado e o obtido através dos mecanismos de intervenção social;

- falha na ponderação dos interesses sociais para a consecução dos objetivos das negociações; e
- falha na própria implementação do plano.

O fato é que, ao persistirem falhas de ordem técnica, metodológica, pedagógica, cultural, política, institucional, enfim, em qualquer dimensão que se situe a causa-efeito, nota-se como grande resultado a “[...] desconfiância dos interessados em participar, e, conseqüentemente, crer nas soluções dos problemas”. (SILVA e PRUSKI, 2000, p. 18)

Contudo, acredita-se que o papel do turismo, em específico aquele voltado ao âmbito das dimensões da sustentabilidade – apesar de suas necessidades de afluência, assim como o processo de gestão social das águas, merece atenção quanto a sua possibilidade de promover uma experiência que estabeleça maiores níveis de consciência ecológica, tanto para turistas quanto para as populações receptoras.

A valorização desta relação entre turismo sustentável e atividades de gestão ambiental de cunho participativo pode representar uma nova forma de despertar a população para o conhecimento das “[...] questões ambientais, para maior participação no controle do ambiente local e, em decorrência, para o prazer de aprender, com divertimento e, a cultura transmitida pelas atividades de ecoturismo”. (BRUNA, 2000, p. 654)

No que se refere à relação do turismo nos processos de gestão ambiental participativa, a exemplo da gestão social das águas, esta ainda é incipiente, entretanto, existe este pressuposto de que esta possa favorecer a compreensão entre a realidade estudada, os sujeitos envolvidos e os técnicos e gestores mediadores.

2.5 O Homem, Um Ser que Esquece

Uma vez reunidas e apresentadas todas estas informações, é preciso levar em consideração o homem como um ser que esquece (LAUAND 2000, informações digitais)¹⁹, podendo, ser, inclusive, o único ser vivo nesta condição. De acordo com Paul Devereux, citado por Fialho (op. Cit, 2004, informações verbais), este comportamento de amnésia pode ser compreendido como um duplo esquecimento do ser humano, onde, primeiramente, ele perde a base de sua relação com a natureza, e, secundariamente, esquece o próprio ato inicialmente cometido, ou seja, esquece o próprio esquecimento.

Se perguntássemos à milenar tradição do pensamento pelos fundamentos filosóficos da educação, os antigos dar-nos-iam esta sentença - tão simples - para meditar: "O homem é um ser que esquece". [...] Há quinhentos anos antes de Cristo – com o poeta grego Píndaro. Seu Hino a Zeus – um poema que é, ao mesmo tempo, um tratado de antropologia – parece apresentar todas as características de uma das maiores obras-primas de todos os tempos. A cena descrita por Píndaro é clara: Zeus resolve intervir no caos. Toda a confusão e deformidade vão, então, dando lugar à harmonia e à ordem: kosmos. E quando, finalmente, o mundo atinge seu estado de perfeição (estreando a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para mostrar aos demais deuses – atônitos ante tanta beleza – a sua criação... Mas, para surpresa geral, um dos imortais pede a palavra e aponta a Zeus um grave e inesperado defeito: estão faltando criaturas que louvem e reconheçam a grandeza divina desse mundo... pois o homem é um ser que esquece. [...] Não é de estranhar, pois, que, no Alcorão (20, 50-52), Deus se apresente – em contraposição ao homem – como "Aquele que não esquece". (LAUAND, 2000, informações digitais)

É preciso remediar nosso esquecimento poético, o esquecimento de nossas referências, o esquecimento de nossas origens. Afinal, como diz Lauand (2000), “[...] o homem, que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, saiu malfeito, mal-acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade, ao esquecimento”.

As musas (filhas de *Mnemosyne*), as artes, são já uma primeira tentativa de Zeus para remediar essa situação: elas foram dadas pela divindade ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se. E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental consideravam as descobertas filosóficas, não tanto um deparar-se com algo novo ou insólito, mas, precisamente, *des-cobertas*: trazer à tona algo já visto, já sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecera na consciência. (LAUAND, 2000, informações digitais)

É a partir desta condição ontológica, também ela hoje esquecida, que se edifica toda a educação ocidental.

Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa com a palavra *lembrar*. Claro que ao afirmar o caráter esquecediço do homem não estamos dizendo que ele se esqueça de tudo, mas, principalmente – e é até uma constatação de ordem empírica – do essencial. (LAUAND, 2000, informações digitais)

¹⁹ LAUAND, J. Prof. Titular da FEUSP. Disponível em <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/jean.htm>>. Acesso em: 10, maio, 2003.

Sabe-se que a base da educação tradicional, aquela em oposição à educação freiriana, centraliza-se nas repetições, no memorizar e decorar dados, estimulando, assim, um pretense esquecimento.

Os antigos desenvolveram uma pedagogia – hoje *esquecida* e incompreendida –, a pedagogia do *dhikr*, a pedagogia do lembrar, a pedagogia baseada na sabedoria do povo, nos provérbios, na memorização, nos gestos, nas festas. Cabe aqui, então, uma observação sobre a linguagem. Em diversas línguas, o lembrar, o memorizar, está associado não já (ou não só...) a um processo intelectual, mas ao coração: saber de memória é, em inglês, *by heart*; em francês, *par coeur*; e esquecer-se de alguém, em italiano, é *scordarsi*, sair do coração. [...] Lembramos - sabemos *de cor* – o que está em nosso coração. Tomás de Aquino explica, agudamente, a razão profunda do lembrar e do esquecer: ele faz a ligação entre amar e lembrar: inesquecível é o que amamos! E, assim, comentando o Salmo 9 e falando de Deus como o único que não se esquece, diz: *Illud quod aliquis cum studio et diligentia facit, non obliviscitur quin illud faciat; Deus autem studiosus est ad salutem hominum: et ideo non obliviscitur (In Ps. 9, 8)*. "O que não se esquece é precisamente o que se faz com solicitude e amor. Ora, Deus ama com solicitude o bem do homem; portanto, Ele não o esquece". (LAUAND, 2000, informações digitais)

Percebe-se, portanto, que é urgente que se dê vida às coisas e causas que amamos, que sentimos com o coração, que mexem com nossa estima, pois são estas questões que não nos esquecemos tão facilmente, e talvez venha daí a verdadeira busca pela construção da autonomia do ser individual e coletivo, associado; conseqüentemente, aos seus interesses.

A ciência, coitadinha, tão certinha, tão cheia de pesquisas e de verdades, sabe como levar o homem à Lua, mas não sabe como fazer o homem amar. A advertência do Ministério da Saúde, pelo que sei, até hoje não levou ninguém a amar a própria vida. Não há verdade científica que faça o homem sonhar com o Paraíso. (ALVES, 2004, p. 22)

Dentro deste contexto, vale, por fim, ressaltar que o turismo, sendo uma atividade que, por um lado, lida com emoções, com esperanças, com a estima das pessoas, e, por outro, permite o diálogo com um número significativo de relações, pode vir a ser uma estratégia em processos como o da gestão ambiental participativa e gestão social das águas, haja vista a necessidade de estímulo à participação da comunidade, de sensibilizá-la quanto ao entendimento da relação de conservação e preservação homem – natureza – sociedade, permitindo, assim, associações muito mais próximas da realidade acerca dos problemas ambientais e suas necessidades de tratamento.

Ou seja, o turismo em sua abordagem, com a sustentabilidade, pode ser um meio de lembrar ou não deixar a sociedade esquecer que todos os seres vivos são dependentes deste ambiente que está emprestado dos outros seres que um dia irão habitá-lo.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO: da Teoria às técnicas de abordagem do estudo

“[...] O método é a alma da teoria”. (LÊNIN, apud MINAYO, 1994, p. 16)

Este capítulo tem como propósito apresentar os aspectos que evidenciam a escolha e adoção do método da pesquisa. Considerando que este estudo, insere-se num Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, destaca-se como essencial à fundamentação destes aspectos, bem como, as repercussões inerentes ao tipo do estudo.

3.1 Os caminhos das águas

A expressão “caminhos das águas” busca sintetizar uma estratégia metodológica voltada a promover a reflexão sobre a importância da água em níveis da bacia, do município e da sociedade local. Para o presente estudo, isto representou a interação com a comunidade local do ponto de vista de seu próprio contexto, ou seja, em suas propriedades visitadas ao longo dos caminhos das águas.

Este termo ganha maior sentido quando considerado, em meio ao movimento de migração, o costume dos alemães, um dos principais povos colonizadores das terras catarinenses, que tinham em si o princípio *Flüssendorf*, morar em torno das águas.

3.2 Tipo de Estudo: Qualitativo e Participante

No início de uma pesquisa, há sempre que se considerar algumas questões em torno do que se deseja investigar. A questão da linguagem, da abordagem e, sobretudo, do tratamento que serão empregados são alguns exemplos. O método é uma das questões principais, pois o mesmo trata do caminho para se chegar a determinado fim, e, portanto, deve incluir a teoria e a prática que conduziram a pesquisa.

Considerando que este estudo é parte integrante de um contexto de ações muito maior, é válido mencionar algumas condicionantes que permitiram avaliar e definir o caminho escolhido para a sua realização.

Dentre estas, inicialmente é possível destacar a fase de aproximação com o universo da pesquisa coletiva, que na ocasião se valia da atuação do primeiro grupo de

pesquisadores de campo, anteriormente mencionado, que por sua vez empenhava-se na elaboração do Diagnóstico Ambiental Participativo no Município.

Nesta aproximação, foi possível conhecer o ambiente teórico e prático da pesquisa coletiva e perceber os pressupostos e a postura ética do grupo, a partir da leitura da proposta de trabalho (projeto submetido ao CNPq), da participação nos encontros e reuniões de discussão e planejamento das atividades, bem como, a seu tempo, no acompanhamento das atividades em campo (exemplo: Fórum de Desenvolvimento e Meio Ambiente e Comissão Pró-CONDEMA de Desenvolvimento e Meio Ambiente), que estabeleceram o início da construção de uma relação de confiança entre pesquisadora e comunidade.

Esta fase inicial durou aproximadamente oito meses, correspondendo ao primeiro contato à entrada oficial no PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental. Decorrido este período, iniciaram-se os exercícios preliminares para a definição da proposta deste estudo, que compreenderam a participação nas atividades do NEA, nas disciplinas do curso e em leituras relevantes ao contexto em observação.

Além disso, é imprescindível mencionar que devido à lógica dinâmica deste processo, este também foi um momento de entradas e despedidas, à medida que a segunda etapa de ação passou a ser construída, com a formação de uma nova equipe de pesquisadores de campo (Projeto TRILHA/FINEP). Comparado ao pensamento de Morin (1999), este momento marca exatamente o princípio da reorganização permanente.

Considerando que o Projeto TRILHA estruturou-se a partir da leitura dos resultados do Fórum de Desenvolvimento e Meio Ambiente e definiu suas 11 metas de ações de pesquisa coletiva (Tabela 1) a partir dos resultados da primeira etapa de ação, cada novo integrante passou a desempenhar dois compromissos, um com o objetivo coletivo e comum a todos pesquisadores, referente aos interesses desta pesquisa maior, voltados à construção de uma gestão ambiental participativa, e outro com os objetivos individuais, pautados nas pesquisas para tese ou dissertação ou ainda monografia.

A partir daí, nota-se a conformação de duas linhas metodológicas muito fortes dentro deste grupo, sendo uma mais centrada no tratamento técnico e estrutural, característico das engenharias, porém não distante da veia participativa, e outra efetivamente participante e pedagógica.

A fim de concentrar e tornar mais consistente o diálogo multidisciplinar e solidária as reflexões e ações metodológicas deste grupo, uma nova condicionante passou ser incluída.

Tratando-se das reuniões de orientação pedagógica e metodológica, associadas à disciplina de Pesquisa Qualitativa Aplicada à Engenharia Ambiental, ministrada pela colaboradora e pelos coordenadores deste projeto²⁰.

Estas condicionantes foram acima de tudo, oportunidades que serviram para o refinamento das idéias utilizadas na composição da proposta deste estudo, que passou pelo crivo de todos os pesquisadores envolvidos neste grande projeto, através de exposição oral e documentada, em meados de novembro de 2003.

A partir da discussão e análise feita pelo grupo, em que foi possível rever questões e coletar sugestões, a proposta somente chegou a sua estrutura atual após uma série de três reuniões exclusivas e específicas sobre o tema com a coordenação e orientação deste estudo.

Uma vez considerados estes elementos, finalmente é possível dizer que o estudo ora aqui exposto é classificado como um método de pesquisa qualitativo e construtivista participante.

Segundo Patrício (1999), os métodos qualitativos operam com teorias e conhecimentos, indo muito além disso, pois têm como foco os fenômenos humanos e sociais da vida cotidiana.

Esses métodos têm como foco interrogar sobre fenômenos que ocorrem com os seres humanos na vida social e estão calcados em princípios da ciência não-positivista. São esses métodos que permitem não-somente ampliar teorias e conhecimentos já existentes sobre a realidade social, mas, especialmente, a construção de marcos teóricos, a partir dos próprios dados da realidade estudada e que, posteriormente, servirão de referências para outros estudos. (PATRÍCIO, 1999, p. 64 e 65)

Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa se preocupa com um universo que não pode ser mensurado e quantificado por variáveis absolutas.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21 e 22)

²⁰ PATRÍCIO, Z. M^a. Colaboradora e prof^a. dra. e coordenadora do Núcleo TRANSCRIAR/UFSC.
POMPÊO, C. A.; PHILIPPI, L., MASATO, K. profs. drs. Coordenadores.

Considerando-se o contexto de pesquisa coletiva ao qual o presente estudo pertence, é válido destacar que os métodos qualitativos têm se mostrado apropriados na valorização do conhecimento obtido mediante a participação do pesquisador e dos sujeitos envolvidos, colocando em evidência não meramente os resultados e os produtos finais, mas também todo o processo de produção de conhecimento e realização da pesquisa. Para Patrício (1999), isto é possível dada à relação dos métodos qualitativos com os novos paradigmas na produção de conhecimentos básicos e aplicados.

Os métodos qualitativos são apropriados para a operacionalização dos novos paradigmas na produção de conhecimentos básicos e aplicados, especialmente pelo seu caráter de considerar a qualidade da participação do pesquisador e de valorizar não só o produto final do estudo, mas seu processo também; de considerar os movimentos do fenômeno social, da realidade social que se faz objeto de estudo. (PATRÍCIO, 1999, p. 67)

Além disso, nota-se que este método permite o cumprimento entre a percepção humana e o ambiente com o qual a mesma interage, de forma a garantir, ao mesmo tempo, o rigor científico e a legitimidade dos resultados, ambos extremamente necessários.

Que métodos dariam conta de trabalhar sobre uma determinada situação de estudo, segundo os significados do próprio ser humano pesquisado? Que métodos consideram – e orientam sobre – a participação do pesquisador no processo e produto de conhecimento? [...] Considero que os métodos qualitativos de pesquisa representam as grandes possibilidades de operacionalização (de prática) das concepções que emergem dos novos paradigmas. [...] Através de métodos qualitativos também é possível desenvolver propriedades para trabalhar (transformar) as questões sociais, as questões de qualidade de vida, seja quando o produto da pesquisa refere-se a conhecimento aplicado, seja quando o próprio estudo origina situações de mudança em favor dos pesquisados. (PATRÍCIO, 1999, p. 64 e 65)

E foi exatamente um universo de significados e movimentos, aliados, ao mundo cultural, afetivo, particular, coletivo e de fato, subjetivo, que desejou-se adentrar, uma vez que um dos objetivos deste trabalho foi levantar a percepção da comunidade acerca das potencialidades para o desenvolvimento do turismo sustentável relacionado às águas – ou seja, investigar se a mesma percebe que existem atrativos naturais em seu município, manifestos pelos caminhos das águas, e que pudessem, sob uma ética e uma estética voltada à sustentabilidade, estimular, o desenvolvimento de atividades turísticas sustentáveis.

Conforme mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, os “caminhos das águas” é uma expressão que busca sintetizar uma estratégia metodológica voltada a conhecer, com base na reflexão e na autogestão da comunidade, os inúmeros aspectos que se relacionam às águas e aos demais cuidados ambientais que corroboram para o processo de viver feliz e mais saudável.

Nestes termos, o presente estudo se ocupou de interagir com a comunidade, criando, coletivamente, situações propícias à observação (olhar) dos cenários naturais e de todo seu potencial ao desenvolvimento do turismo sustentável, mas, sem desviar este mesmo olhar dos problemas existentes e as possíveis implicações que desta atividade possam emergir.

Nesta busca de interação e envolvimento com a comunidade, entra um elemento de extrema relevância nos métodos qualitativos, que é apontado por Patrício (1999, p. 67). Trata-se da “criatividade do pesquisador”.

Este elemento deve ser valorizado em todo o processo de construção e condução da pesquisa, pois há que se considerar a dinamicidade dos fatos, o movimento em torno da realidade, os imprevistos e as casualidades, que fazem dos métodos qualitativos processos não-lineares e sim flexíveis.

Além disso, há que se considerar que a participação é também como sugere Demo (1993), um processo de conquista, um devir. Isto exige do pesquisador criatividade, sensibilidade, respeito e, sobretudo, paciência, para compreender que os resultados podem ser lentos e muito sutis. “[...] A participação é dita como conquista, para significar que é um processo de vir-a-ser. A liberdade só é verdadeira quando conquistada, assim também a participação”. (DEMO, 1993, p. 18)

Desta forma, a pesquisa participante veio a se estabelecer como um incentivo ao processo de conquista dos indivíduos (sujeitos da pesquisa), que, neste caso, vivem no município de Alfredo Wagner, considerando o seu desejo por conhecer e compreender os fatos em torno da sua realidade, e que por vezes os interrogam a exercer uma postura cidadã. Em vias de fato, este tipo de método pode servir também de incentivo ao pesquisador em sua busca pela produção de conhecimento, que, por sua vez, pode vir a contribuir de forma positiva e transformadora numa determinada situação.

Dentro deste contexto, a pesquisa participante como um método de pesquisa qualitativa, é apropriada para lidar com as questões sociais que se deseja transformar. Neste estudo existia a intencionalidade de expor a comunidade a uma nova questão – o turismo

sustentável relacionado às águas – considerando o rumo incerto dos interesses observados localmente, de modo que supôs-se a necessidade desta população ser informada e sensibilizada quanto aos aspectos desejáveis e indesejáveis que dizem respeito a este tipo de atividade.

Sobre esta questão Patrício (1999), afirma que:

Existem estudos deste gênero, cujo próprio processo de conhecimento já promove transformação da realidade estudada. Exemplo destes seriam aqueles de caráter participante, a própria ‘pesquisa participante’ e a ‘pesquisa ação’. Nestes modelos, o próprio processo de pesquisa, além de produzir conhecimento sobre o tema estudado, também possibilita, intencionalmente, transformação da realidade envolvida nesta produção, através de processos de educação participante. (PATRÍCIO, 1999, p.65)

Sobretudo, no âmbito desta intencionalidade em transformar a realidade pesquisada, visando uma mudança favorável e contextualizada numa ética de preservação, proteção e conservação das riquezas naturais e culturais, pressupõe-se, também, a preocupação pela complexidade em torno deste movimento.

Entende-se que de fato uma pesquisa que tende a promover um processo de investigação social deve ter como base a participação dos sujeitos como algo intrínseco, buscando um operar com igualdade, um crescer e um aprender coletivo, um amadurecer e um desenvolver integrado, elementos que, por sua vez, dependem da construção de uma relação de confiança. Estes são aspectos que equivalem, em certa medida, à democratização do saber defendida por Demo (1985).

Os pesquisadores são treinados dentro de uma socialização conservadora, que pergunta somente o que é ou pelo como é, mas não pelo por que é, já que isto acabaria desmascarando a ideologia prática vigente no contexto universitário. Por outra, sendo o pesquisador um perito profissional e instalando-se numa das elites sociais, forja-se a idéia de que a população só pode ser objeto paciente, revelando a tendência constituinte de servir à manutenção dos privilégios vigentes. No máximo informa-se à população pesquisada sobre os resultados da pesquisa e se possível propostas são lançadas de cima para baixo. Não democratiza o saber; ao contrário, realiza fielmente sua vocação elitista e excludente. Encerra a questão no âmbito fechado dos especialistas, evitando que a população responda e corresponda ativamente. (DEMO, 1985, p. 28)

Por outro lado, esta busca pela reciprocidade entre pesquisador – sujeito – objeto também surge numa aproximação de integração entre teoria e prática, expressas por Freire

(1996) em sua “nova proposta pedagógica”. Diz-se nova em oposição ao modelo positivista e reducionista, que insiste na dicotomia sujeito – objeto.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 32)

Neste caminho de integração teórico-prática, percebe-se no diálogo entre múltiplas disciplinas a condição ideal que possibilita a reintegração sujeito – objeto. Conforme exposto no capítulo inicial deste trabalho, o diálogo multidisciplinar e participante é uma postura adotada pelos pesquisadores do NEA, considerando seu interesse em realizar um movimento de construção teórico-prática coletiva e de unidade entre pesquisador – comunidade.

É exatamente nesta postura voltada à produção de conhecimento e transformação da realidade, calcada na transparência e envolvimento da comunidade, através de um processo de construção coletiva, sem receitas e respostas prontas, que se insere a base deste trabalho ora aqui apresentado.

Sendo a água o tema gerador e eixo temático comum a todos os pesquisadores envolvidos neste projeto maior, existem os momentos de discussão e de prática coletivos e ainda as ações individuais. São nos momentos coletivos que evidencia-se a existência de um grupo multidisciplinar voltado a questões que vão muito além dos limites das pesquisas individuais. Estas, por sua vez, apresentam-se como um esforço ao avanço em escalas igualmente importantes e que, em determinadas situações, também exigem o diálogo e a cooperação dos demais pesquisadores.

Em específico ao presente trabalho é possível citar como exemplo deste movimento interdisciplinar a aproximação técnica com as atividades de campo realizadas pela equipe de geoprocessamento²¹ do NEA, que, por sua vez, permitiram a geração de cartografias digitais com imagens fotográficas, caracterizando, assim, parte do movimento de coleta e registro de dados.

Uma vez podendo contar com o elemento da interdisciplinaridade na construção deste processo qualitativo e participante, é válido acrescentar que o mesmo foi orientado pelo respeito e aplicação de outro elemento fundamental, a questão ética.

²¹ Responsável Fábio Vicieli. Engenheiro Civil.

Muito embora a ética em processos de investigação seja interpretada meramente como critérios que estabelecem procedimentos adequados e coerentes à execução de uma pesquisa, neste estudo, os cuidados éticos difundiram-se com os pressupostos da pesquisadora. Estes últimos podem ser sintetizados nas seguintes expressões:

- a participação efetiva da comunidade é diretamente proporcional aos seus próprios interesses;
- a clareza e a transparência no processo de socialização e sensibilização da sociedade representam o despertar da autonomia entre pesquisador e comunidade;
- o compromisso com os cuidados éticos é questão *sine qua non*, devendo a humildade do pesquisador estar entre eles.

Tendo em vista a relevância deste tema, o mesmo será tratado exclusivamente no tópico a seguir.

3.3 Cuidados Éticos da Pesquisa

Com base no que expõe Patrício (1999), e a própria Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde sobre processos de investigação baseados numa relação entre pesquisador – pesquisados, ou seja, que envolve seres humanos, as normas éticas devem ser concebidas de modo a cumprirem papel de norteadores em processos deste gênero.

Neste sentido, a eticidade representa, entre inúmeros aspectos, a garantia de que danos e prejuízos serão evitados e que a pesquisa terá relevância social, trazendo resultados e vantagens significativas para os sujeitos nela envolvidos, o que inclui a consideração de seus próprios interesses.

Além disso, a resolução aponta para a necessidade de tratamento adequado aos princípios científicos justificadores da realização da investigação, pautados, sobretudo, no uso de metodologias e procedimentos que assegurem a legitimidade e o respeito aos valores morais, culturais, sociais, espirituais e éticos dos sujeitos envolvidos.

Neste estudo, muito mais do que fazer valer procedimentos coerentes à execução de uma pesquisa includente de seres humanos, os cuidados éticos difundiram-se com os pressupostos da pesquisadora, por haver a intenção de se realizar um trabalho **com a comunidade** e não meramente para a comunidade.

Por esta razão, os diferentes passos realizados ao longo deste processo, além de respeitarem a lógica de interesse do estudo e seus distintos momentos, refletiram uma série de aspectos éticos, por vezes sutis, mas nem por isto menos importantes, a saber:

- apresentação oral e escrita dos objetivos, do método e dos fundamentos éticos da pesquisa à instância executiva representativa do Município; (Apêndice A)
- garantia de preservação da identidade dos sujeitos, bem como dos dados confidenciais que porventura se mostrem aparentes ao longo da investigação;
- uso de gravador, máquina fotográfica e filmadora somente para registro de informações, situações e momentos de interesse ao estudo e devidamente autorizados pelos sujeitos envolvidos;
- respeito e garantia ao direito de desistência em qualquer momento do processo de investigação por parte dos sujeitos direta ou indiretamente envolvidos no processo; e
- obtenção de consentimento livre e esclarecido dos sujeitos do estudo, em coerência ao item anterior e associada a uma declaração por escrito de aceite na participação (Apêndices B e C).

No tocante à apresentação escrita do estudo, mencionada acima, vale ressaltar que esta se refere a alguns aspectos defendidos por Patrício (1999, p. 70), que orienta o pesquisador a estar munido de documento de solicitação de autorização, além daquele de apresentação, para fazer o estudo, especialmente se tiver que circular por diferentes ambientes e consultar documentos referentes ao contexto pesquisado.

Somado a isto, a referida autora propõe que o pesquisador, além do documento de autorização assinado pelos sujeitos, esteja preparado para deixar com os mesmos um outro documento, pelo pesquisador já assinalado, contendo os fundamentos éticos e os compromissos de devolução de dados sobre o estudo, considerando, contudo, que tal procedimento seja, de fato, apropriado.

A devolução de dados é um importante momento do processo de investigação, pois além de possibilitar a comunicação dos resultados obtidos, a mesma pode gerar uma situação de início de novos estudos.

Esses momentos, que deveriam se caracterizar como final de estudo, nada mais são que momentos de iniciar estudos, sejam estes participantes ou somente geradores de outros temas de interesse. (PATRÍCIO, 1999, p. 74)

Por fim, é válido mencionar que muito embora o presente estudo contemple os princípios da eticidade propostos pela resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, o mesmo não foi submetido a exame e avaliação por parte do Comitê Ético devido à opção, por parte do coordenador e orientador desta pesquisa, em encaminhá-la junto às demais propostas de ações que compõem o Projeto TRILHA, procedimento que ainda encontra-se em processo.

3.4 A Pesquisa Individual sob o contexto da Pesquisa Coletiva

O contexto inicial desta pesquisa individual pode ser caracterizado por dois momentos principais. O primeiro trata da fase de cumprimento das disciplinas que conformam o Programa de Pós-Graduação (PPGEA), compreendidas em oito meses. Este período proporcionou a construção do primeiro referencial teórico deste estudo, apresentado no segundo capítulo deste relatório.

O segundo momento refere-se a uma fase de pré-campo, assim denominada por caracterizar-se numa série de eventos que, acima tudo propiciaram o início da interação entre pesquisadora e comunidade. O primeiro é compreendido pelo acompanhamento aos pesquisadores integrantes do Projeto TRILHA que passaram a assumir o compromisso de auxiliar a efetivação da Comissão Pró-CONDEMA.

Ao longo de inúmeros encontros e reuniões participativas com este grupo organizado da comunidade emergiu como proposta coletiva a elaboração de um instrumento de comunicação, sob a finalidade de fortalecer o grupo de cidadãos locais que integrava a Comissão Pró-CONDEMA, tendo em vista a continuidade no processo de construção da sua autonomia.

O atendimento desta proposta passou a configurar como o segundo evento desta fase de pré-campo, em que se realizou a Oficina²² de Elaboração do Boletim Jornalístico de AW-SC.

Observando-se o objetivo e a finalidade desta atividade, foi decidido, coletivamente, torná-la pública, estendendo, assim, o seu convite e divulgação, através da rádio comunitária, a toda a sociedade alfredense.

²² Esta experiência de elaborar um boletim jornalístico como forma de qualificar o processo de construção da autonomia da comunidade local foi sistematizada em artigo publicado pelos anais do II Encontro da ANPPAS – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ambiente e Sociedade, Indaiatuba, SP:2004. Disponível em: < www.anppas.org.br >

Ao passo que a realização da primeira oficina foi um sucesso em termos de participação, foram realizadas mais duas oficinas, que contaram com um número elevado de participantes, dentre eles: representantes da Comissão Pró-CONDEMA, professores e alunas da Escola Silva Jardim e Grupo de Agentes de Saúde do PSF–Programa de Saúde da Família, além de colaboradores como a Rádio Comunitária Nascente do Vale e um profissional²³ da área de Jornalismo, convidado para ser moderador e palestrante das oficinas.

Entretanto, se em quantidade de participantes esta atividade foi um sucesso, é preciso reconhecer que seu objetivo não foi atendido, uma vez que a Comissão Pró-CONDEMA ficou diluída entre tantos interesses e aspirações.

Embora o fator desencadeador deste descompasso de interesses possa estar enraizado na opção por tornar o evento aberto ao público de modo geral, nota-se a influência de outros fatores:

- a necessidade que o município apresenta em dispor de um canal de comunicação próprio e de alcance a toda sua extensão territorial;
- o fato de que embora a Comissão tenha tentado acompanhar e acatar a sugestão dos pesquisadores do NEA (grupo CNPq) em efetivar sua participação através do CONDEMA, esta não sentiu-se parte desta proposta maior;
- a falta de uma cultura política de participação, considerando-se que o processo de criação do CONDEMA foi freado pelo representante legal do município em exercício naquela ocasião.

Em depoimento colhido por Masson (2004, p. 131) junto aos sujeitos desta experiência, vale registrar como reflexão “[...] que o avanço foi reunir as pessoas, reuniões, Fórum. O poder público não absorveu as propostas da comunidade e a comunidade cansou. Mas não quer dizer que as pessoas não estão melhor orientadas”.

A partir daí, os pesquisadores do Projeto TRILHA sentiram-se comprometidos em compreender os efeitos dessa nova postura e ao mesmo tempo assumi-los enquanto produto de uma reorganização das ações coletivamente construídas.

Considerando o caráter inédito de exercício coletivo para as características do município, a existência da Comissão Pró-Conselho demanda uma reflexão sobre sua ação, buscando formas alternativas que permitam reorientar o processo iniciado. [...]

²³ Jornalista Claudia de Siervi.

A Comissão Pró-Conselho ainda está vazia de significância para a comunidade e para o contexto do município, apresentando-se como um limite de continuidade ao processo enquanto forma de ação organizada. (MASSON, 2004, p. 130 e 131)

Neste processo de reorganização, observa-se um dos resultados deste segundo evento da fase de pré-campo, a recriação deste grupo organizado da comunidade, desta vez motivado pelo interesse de criar um jornal local. Diz-se recriação por considerar-se que, por um lado, houve o afastamento de alguns membros da Comissão Pró-CONDEMA, e, por outro, o envolvimento de outros atores sociais, a exemplo da juventude e do grupo de agentes comunitárias do PSF.

Sob o aspecto do envolvimento do público jovem do município, vale ressaltar que este retrata um elemento igualmente novo neste processo de interação e promoção da reflexão social para a gestão ambiental em Alfredo Wagner.

A partir daí, nota-se que o rumo desta reorganização das atividades de construção de práticas coletivas passou a configurar-se em ações que desencadeiam processos com começo, meio e fim e, de certa forma, se mostram rápidos e com produtos palpáveis.

Isto certamente veio a estabelecer um novo olhar da comunidade local para com a presença dos pesquisadores e, portanto, da universidade neste município, pois se antes os resultados eram sutis e muito mais individuais do que coletivos, agora havia, inclusive, a possibilidade de reafirmar a relação de parceria.

Esta nova postura também permitiu a estruturação de um contexto mais pertinente às atividades e ações estratégicas estabelecidas para o processo de investigação das pesquisas individuais.

3.5 Processo de Coleta, Registro, Análise e Devolução dos Dados

O processo de pesquisa ora aqui exposto foi realizado mediante três momentos, sendo estes denominados por Patrício (1999, p. 69) como “*Entrando no Campo, Ficando no Campo e Saindo do Campo*”. Estes, por sua vez, ocorreram de forma interligada, pressupondo uma ação harmoniosa e permanente, diferenciando-se apenas por particularidades inerentes ao tipo do estudo.

Respeitando estes momentos, os eventos que compõem este processo de coleta, registro, análise e devolução dos dados encontram-se sistematizados a partir deste ponto,

mediante sua ordem cronológica. Entretanto, destaca-se que esta sistematização baseia-se na busca por um olhar crítico acerca desta experiência vivida coletivamente, de modo que não serão meramente descritos os eventos, mas sim o processo e o seu contexto.

Visando respeitar o movimento espiral de ação e pensamento que caracteriza este processo coletivo, será também apresentada a análise, a discussão e os resultados deflagrados por este estudo.

Utilizando-se da linguagem da pesquisa qualitativa e participante, seu enfoque solidário e criativo, bem como sua intencionalidade pela transformação da realidade, o caminho percorrido de fevereiro a setembro de 2004 é então resgatado aqui para contar esta história a partir de seu começo, meio e fim. Desta forma, o próximo capítulo estrutura-se de acordo com os momentos perseguidos neste estudo, compreendidos em “Entrando no Campo”, “Ficando no campo” e “Saindo do Campo”.

4. CONTEXTUALIZANDO A ÁREA DE ESTUDO: município de Alfredo Wagner-SC

No princípio DEUS criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o espírito de DEUS movia-se sobre as ÁGUAS. (Gênesis I, 1-2)

A área de estudo compreende o município de Alfredo Wagner, que representa a região das nascentes do Rio Itajaí do Sul, um dos grandes tributários da vertente atlântica da Bacia do Itajaí, que, por sua vez, destaca-se por ser a maior bacia inteiramente catarinense, com aproximadamente 15.000 km². (SANTA CATARINA, 1997, p. 20)



Figura 2. Mapa de localização da unidade federativa do Brasil, do Estado de Santa Catarina, da Bacia do Itajaí e do município de Alfredo Wagner. (NEA, 2001)

De acordo com o *Atlas de Santa Catarina* e com o *Diagnóstico Geral das Bacias Hidrográficas de Santa Catarina* (SANTA CATARINA, 1997, p. 20), a rede hidrográfica do Estado é constituída por dois sistemas independentes de drenagem. Trata-se do sistema de vertente integrado do interior ou simplesmente vertente do interior, que ocupa uma área aproximada de 60.123km², onde se destaca a bacia Paraná-Uruguaí; e do sistema da vertente atlântica, compreendendo uma área de aproximadamente 35.298km², formada por um conjunto de bacias isoladas, das quais destaca-se a bacia do Itajaí.

A bacia do Rio Itajaí conta com sete sub-bacias, das quais três constituem-se como sendo suas formadoras principais, são as sub-bacias dos rios Itajaí do Norte (3.315 km²), Itajaí do Oeste (2.928 km²) e Itajaí do Sul (2.309 km²), e as demais, entre elas a sub-bacia do Itajaí-Açu (2.794km²), como contribuintes. Esta última, entretanto, a sub-bacia do Itajaí-Açu, é a mais expressiva, devido a sua extensão e importância socioeconômica. (SANTA CATARINA, 1997, p29)



Figura 3. Mapa de localização das sete sub-bacias que formam a bacia do Itajaí. (Comitê Itajaí, 2003)

A sub-bacia do Itajaí-Açu inicia-se na confluência entre as sub-bacias do Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, onde o município de Alfredo Wagner representa a região de berço do Rio Itajaí do Sul, por abrigar seus formadores, os Rios Caeté e Águas Frias – 700m a montante da ponte da BR-282 e o Rio Adaga - 100m a jusante da ponte. (WAGNER, 2002, p. 29)

De acordo com Wagner (2002, p. 30), os afluentes dos três formadores do Itajaí do Sul são compreendidos em: **Rio Adaga** (alimentado pelo Rio da Casa Velha, Rio das Furnas, Rio Araçá, Arroio da Invernadinha, Rio do Lessa, Rio Braço Direito e córrego das Furnas); **Rio Águas Frias** (alimentado dentre outros pelo Rio São João, Arroio Grande, Rio Combréia, Rio Januário e Rio dos Porcos) e **Rio Caeté** (alimentado dentre outros pelo Rio Perito, Arroio Santa Bárbara e Arroio do Pingo).

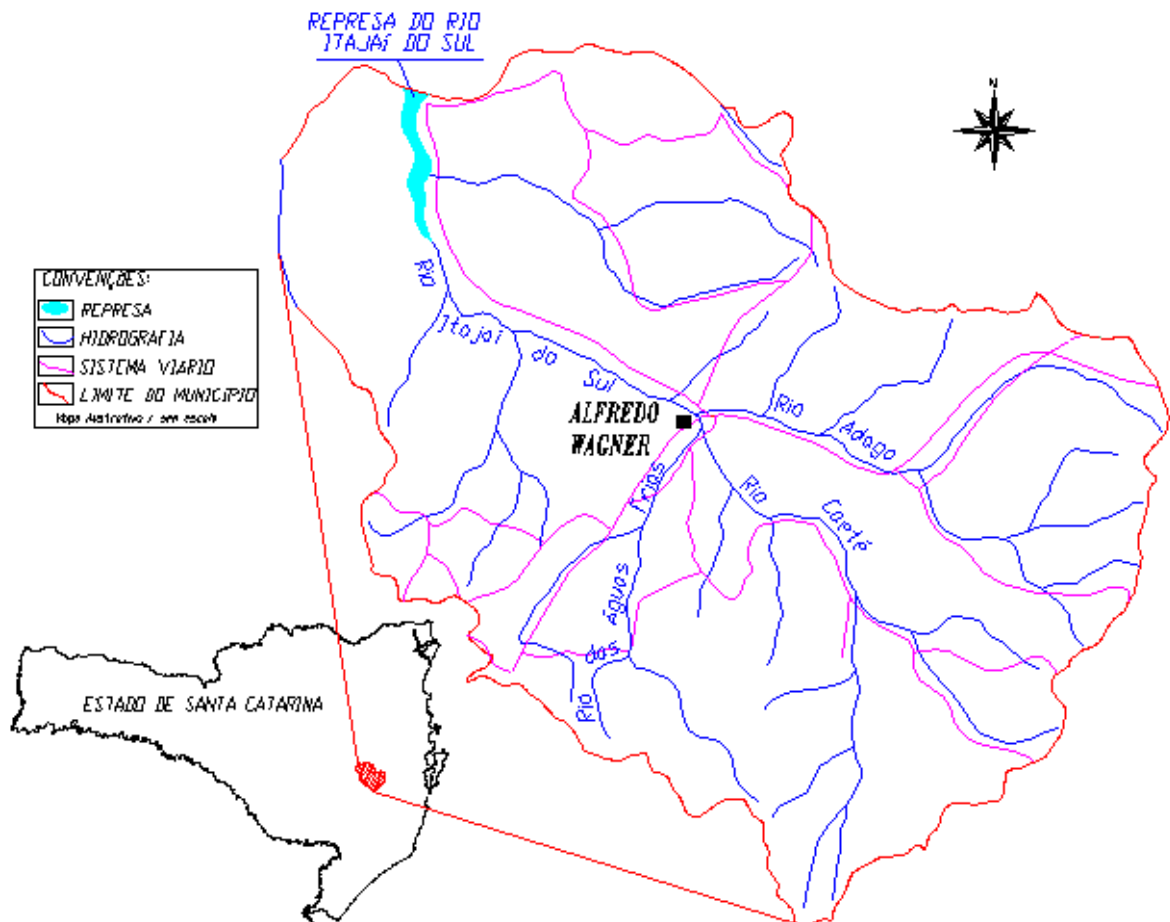


Figura 4. Mapa de localização dos rios formadores da sub-bacia do Itajaí do Sul. (NEA, 2001)

Considerando-se que o grande divisor de águas entre as vertentes do interior e atlântica é representado, ao sul, pela Serra Geral, e mais ao norte, pela Serra do Mar (SANTA CATARINA, 1997, p. 20), o município de Alfredo Wagner localiza-se na faixa de transição entre Litoral e Planalto, a aproximadamente 110 quilômetros da capital, Florianópolis, em direção ao Oeste catarinense.

Circundado em sua face sudoeste pela Serra Geral, o município encontra-se protegido das atuações das massas de ar Polar e Tropical Atlântica que comumente atravessam o Estado, acentuando as precipitações na área de abrangência das nascentes, mantendo os rios volumosos, segundo Almeida (2003, p. 37).

Por outro lado, a formação geológica desta região compreende um solo de transição, raso e medianamente profundo, cascalhento, pouco fértil e ácido, desenvolvido por rochas de xistos, argilitos, siltitos e arenitos. (SANTA CATARINA, 1997, p. 50). Isto resulta num armazenamento insuficiente da água, que precisa ser mantida em níveis estáveis para fins de proteção, mas que naturalmente mostra-se como um obstáculo para o desenvolvimento da agricultura.

Este certamente pode ser considerado como um primeiro indício de que é preciso diversificar as atividades econômicas do município, centrada principalmente no monocultivo da cebola, equilibrando, assim, períodos destinados ao descanso da terra, à sucessão e a renovação dos recursos naturais.

Mas esta é uma perspectiva que deve considerar o contexto real do município, que sofre com a ocorrência de freqüentes inundações e enchentes - somente na década de 90 registraram-se três, decorrentes do encontro das massas de ar Polar e Tropical Atlântica, anteriormente mencionadas. As enchentes representam o motivador de todo este processo de pesquisa que vem se desenrolando no município desde outubro de 2000, definindo, assim, a água como tema gerador comum a todas as atividades específicas deste estudo.

4.1 Alfredo Wagner: Ontem e Hoje



Figura 5. foto do Vale do Itajaí. (NEA, 2004)

O ano de 1853 marca o início do município de Alfredo Wagner, através do decreto nº 1.255, de 8 de novembro, do Imperador D. Pedro II, que criou a Colônia Militar de Santa Tereza, servindo de posto de colonização agrícola e de barreira às incursões indígenas. (EPAGRI, 2003, p. 11)

Em 1880 veio então à colônia militar o sr. Augusto Lima, acompanhado de mais alguns colonos, os quais resolveram subir o Rio Itajaí do Sul à procura de terras mais férteis para a agricultura. (EPAGRI, 2003, p. 11). Subindo este rio, estabeleceram-se na barra dos rios Adaga e Caeté, instalando as barracas de lona, onde até hoje se encontra a igreja católica, lugar que passaram a chamar de Barracão, surgindo daí o primeiro nome da cidade. (ALMEIDA, 2003, p. 141)

O processo de desenvolvimento e crescimento de Barracão inicialmente foi tímido, depois o gradativo abandono dos colonos da colônia militar, associado à mudança da rota dos viajantes devido às dificuldades da Estrada da Tropa, fez surgir um progressivo movimento de ocupação ao centro da sede urbana do Barracão. (ALMEIDA, 2003, p. 141)

Em 1957, Barracão foi elevado à categoria de distrito, pertencente ainda a Bom Retiro. Mas em 1961, num ato de homenagem a um de seus mais ativos habitantes, o lugar foi emancipado à condição de município com o nome de Alfredo Wagner, pela resolução nº 05 da Câmara Municipal de Bom Retiro, tendo sido homologado pela Lei 868 de 21/12/61 da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. (EPAGRI, 2003, p. 11)

O município de Alfredo Wagner tem sua sede urbana cartograficamente localizada à latitude Sul de 27°42'01'' e longitude Oeste de 48°59'30'', num fundo de vale onde confluem os rês rios formadores da sub-bacia do Itajaí do Sul. Por esta razão, a ocorrência de inundações e enchentes torna-se um acontecimento inevitável e de ampla repercussão.



Figura 6: foto da sede urbana de Alfredo Wagner. (NEA, 2002)

Com uma população de 8.824 habitantes, da qual 72% reside na zona rural, o município caracteriza-se por uma economia centrada na produção agropecuária e extrativista, tendo na cultura da cebola sua principal atividade de renda. (EPAGRI, 2003, p. 15)

Atuando no monocultivo da cebola existem 1.450 famílias, que exploram cerca de 4.000 hectares em 64.000 toneladas/ano de produção total, o que resulta em 45% da economia local. (EPAGRI, 2003, p. 16)

Embora seja um município indubitavelmente enraizado nas atividades agrícolas, Alfredo Wagner não possui uma Secretaria de Agricultura²⁴, estando seus interesses nesta área defendidos pela Prefeitura, Epagri, Conderma – Conselho de Desenvolvimento Rural e STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Isto, sem dúvida resulta, num enfraquecimento de uma discussão pró-ativa para uma política voltada à dinamização e diversificação deste setor.

Ironicamente, as características de alto relevo e alta suscetibilidade à erosão denotam que o município não possui um solo recomendável para culturas anuais, mas sim adequado para atividades silvopastoris. (SEIBT, 2002, p. 33). Como resultado desta combinação arriscada, observa-se um intenso processo erosivo dos solos, encostas e vales adjacentes aos eixos hídricos.

Os solos desta região são, em sua maioria, Cambissolo Bruno Húmico Álico, Podzóico Vermelho Amarelo, Podzóico Bruno Acinzentado, Litólico e Aluvial com domínio absoluto de horizonte B incipiente. (UBERTI apud SEIBT, 2002, p. 33). Estas características,

²⁴ Com a gestão eleita em 2004 foi criada a Secretaria de Agricultura.

segundo Seibt (2002, p. 33), representam solos de encostas de estrutura frágil e erodente, solos das chapadas extremamente ácidos, solos aluviais eutróficos, identificando, de modo geral, que o município possui relevo abrupto, solos jovens com fraca estruturação e uma rede de drenagem muito densa.

Combinada com a fragilidade do solo e a atividade agrícola intensa, um fator crítico determinante se apresenta: o uso abusivo de agrotóxicos, que já mostra sinais de um processo de difícil reversão.

Os agrotóxicos são um problema grave, e o uso está se intensificando, com muitos problemas de intoxicação. Há excesso de aplicações. Não há fiscalização e a própria revenda é quem recomenda. [...] As embalagens são jogadas em qualquer lugar e a chuva leva para os córregos e rios. (morador entrevistado por SEIBT, 2003, p. 154)

O uso dos agrotóxicos não está relacionado meramente com as atividades produtivas e os danos ambientais, mas sim com a saúde de muitas famílias, cujo índice de intoxicação, apontado pela equipe médica local, não deixa dúvidas: há um quadro de 20 a 30% de atendimentos decorrentes do uso inadequado de agrotóxicos, devendo, ainda, ser considerado que este número aumenta significativamente nos períodos de tratamentos culturais. (SEIBT, 2003, p. 157)

Sendo a agricultura familiar o modelo econômico e social predominante no município, um outro ponto crítico refere-se ao perfil das pequenas propriedades rurais, caracterizadas, de acordo com os dados do STR e citadas por Seibt (2002, p. 78), como 15 a 20% periféricas, isto é, em processo de exclusão, vivendo com menos de um salário mínimo de valor agregado por pessoa ocupada.

Este perfil certamente caracteriza uma situação pouco confortável, pois significa entre 250 a 330 agricultores locais com potencial para o abandono do campo. Considerando que a maioria das famílias é composta por, no mínimo, três pessoas, este número eleva-se para em torno de 900 indivíduos, ou seja, aproximadamente 10% da população local. (SEIBT, 2002, p. 78)

Segundo Seibt (2002, p. 110), além das propriedades ditas *periféricas*, que em 1985 representavam 50% no Brasil, estas ainda classificam-se em *transição* e *consolidadas*, que correspondem, respectivamente, a 23,5% do total brasileiro e a uma grande parcela em Alfredo Wagner, e a 26,5% do total brasileiro, sendo a minoria no Município.

Estes números reforçam a idéia de que é preciso pensar em opções de reforço à renda familiar, buscando implantar uma estrutura que venha a incluir os pequenos proprietários, evitando, assim, o êxodo no campo, mas contribuindo para a ascensão social de quem está em vias de exclusão.

Esta classificação desvela os dois maiores problemas do meio rural quanto à estrutura fundiária, relações econômicas de geração de riquezas e nível educacional: num extremo, o latifúndio, e, no outro, a propriedade familiar periférica. Este contexto mostra a necessidade de se fazer uma política agrícola diferenciada para a agricultura. [...] Para o latifúndio dever-se-ia fazer reforma agrária, e, para a propriedade familiar periférica, um processo creditício orientado e supervisionado, baseado em análise de investimento, e uma ascensão educacional via pedagogia da alternância, nos moldes das casas familiares rurais. (TEDESCO apud SEIBT, 2002, p. 111)

De acordo com Masson (2004), cerca de três famílias estão deixando Alfredo Wagner a cada semana, um indicador que tem trazido grandes preocupações, já que desde 1980 até 2003 foi registrado um decréscimo de 4 mil pessoas nos dados estatísticos municipais.

A maioria da mão-de-obra absorvida pela monocultura da cebola ou fumo durante a safra, sofre um grande vazio no restante do ano, levando muitas famílias a migrarem para outras cidades em busca de outras oportunidades de trabalho [...] O abandono das propriedades é justificado pela administração municipal devido à frustração relacionada com as últimas três safras agrícolas. (MASSON, 2004, p. 83)

O comércio é outro indicador da economia local, uma vez que o mesmo configura-se como um prestador de serviços voltado às demandas das atividades agropecuárias e de produção rural. O setor industrial ainda é incipiente, caracterizando-se pela existência de um frigorífico (bovino, suíno e ovino); duas olarias (tijolo e telha); cinco madeireiras e no ramo agroindustrial de pequeno e médio porte, destacando-se uma agroindústria de laticínios (queijos e derivados); uma casa do mel e uma olerícula (conserva). (EPAGRI, 2002, p. 22)

O município dispõe de 733,4km², apresentando uma vegetação primária intensamente modificada, pois aproximadamente 45% da flora original já foi destruída (SOUTO, 2003, p. 16). Dentre outros fatores, é possível justificar este fato pela influência da colonização para a agricultura e pecuária, bem como a consciência de “produção a todo custo”, oriunda da Revolução Verde, cujo modelo se estabelece no Brasil até hoje. Segundo Seibt (2002):

O modelo de agricultura estabelecido pela Revolução Verde ainda é o vigente no Brasil, assim como na maioria dos países. Este modelo se concentra principalmente na produção de grãos a partir do uso intensivo dos recursos existentes desconsiderando os aspectos ambientais. Tem como pilares de sua sustentação a monocultura com plantas híbridas e o elevado uso de energia externa para a produção de grãos, na forma de agrotóxicos, adubos químicos e mecanização. Essa necessidade de grande quantidade de insumos para alcançar altas produtividades é decorrente da não-valorização da biodiversidade funcional nos agroecossistemas, e caracteriza-se por ser um pacote tecnológico desenvolvido para a produção em larga escala. (SEIBT, 2002, p. 100)

Com o predomínio das florestas de araucárias nesta região, houve uma acelerada multiplicação de serrarias para a produção de tábuas e barrotes, que atendiam a construção de residências e a comercialização com o Litoral. Contudo, estes exemplares da flora original estão reduzidos a reservas situadas em locais de difícil acesso, havendo em seu lugar grandes áreas recobertas por reflorestamento de *Pinus elliotii*, ou pinus americano, como a população costuma denominar.

4. 2 Um Olhar Sobre o Turismo em Alfredo Wagner

De acordo com a setorização feita pela Epagri, o município está configurado em 14 microrregiões, além da sede urbana, onde estão distribuídas 40 comunidades.

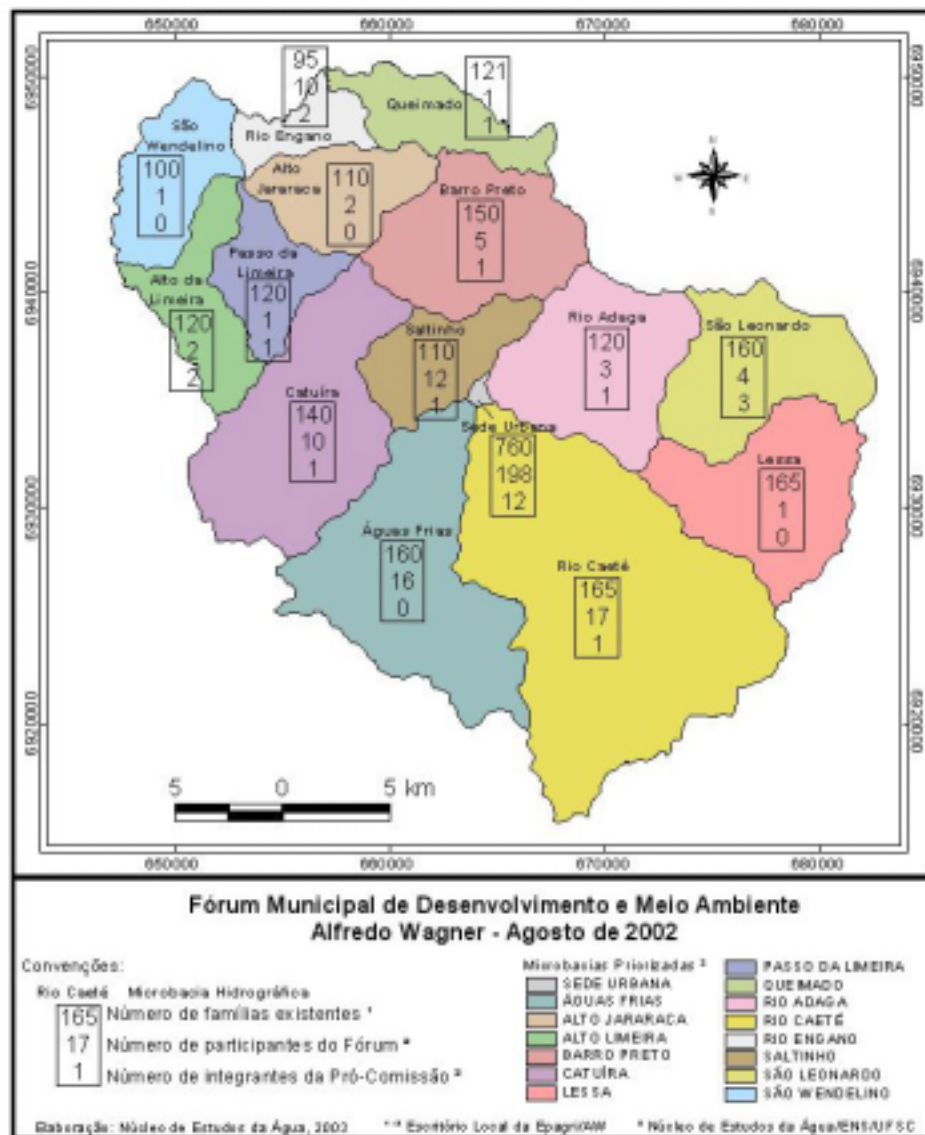


Figura 7. Mapa de setorização das microrregiões. (NEA, 2002)

O contexto educacional do município pode ser compreendido pela existência de 28 unidades escolares, sendo 26 Escolas do Ensino Fundamental de 1º a 4º série, 1 Escola de Ensino Fundamental de 1º a 8º série (Escola Básica Passo da Limeira), 1 creche e o Colégio Estadual Silva Jardim no centro urbano. (SCHMITZ, 2003, p.70)

De acordo com os dados da SME- Secretaria Municipal de Educação de Alfredo Wagner, em 2003 haviam 240 jovens matriculados no ensino de 2º grau, 74 alunos cursando o ensino superior à distância pela UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina e 29 alunos matriculados no ensino especial. (EPAGRI, 2003, p. 19)

Ainda no tocante ao sistema educacional do Município, como boa parte da população vive em áreas rurais, por vezes longínquas, a administração local optou pela construção de Escolas Isoladas, denominação dada às unidades escolares localizadas nas comunidades afastadas. Estas possuem, em sua maioria, apenas uma sala de aula, banheiro externo e cozinha, destinadas a receber, simultaneamente, por um único professor, alunos de múltiplas séries. (SCHIMITZ, 2003, p. 70)

As escolas isoladas, freqüentadas por um número reduzido de alunos em algumas comunidades, passaram por um processo de nucleação, isto é, houve a junção de duas escolas isoladas, através do deslocamento, via transporte escolar, dos alunos para a unidade detentora de um número maior de alunos matriculados.

Contudo, a nucleação não serviu de ensejo para a observação e discussão de alguns pontos críticos que se relacionam ao ambiente escolar e às práticas pedagógicas existentes. De acordo com Schimitz (2003, p. 79-81), destacam-se, entre eles, a realidade de 86% das escolas da rede de ensino, que não realizam nenhum tipo de tratamento na água consumida por confiar veementemente na qualidade da água captada, em mesma porcentagem (86% das escolas), em fontes, nascentes e caxambus (orientados pela EPAGRI, correspondem a nascentes protegidas)

Outro aspecto é a inexistência de área verde e a conservação de vegetação nativa na área externa de 73% das escolas, havendo a utilização deste espaço para o cultivo orgânico (hortas) em apenas 36%. Um último aspecto refere-se à coleta seletiva de lixo, que só é realizada em 9% das escolas. (SCHIMITZ, 2003, p. 81)

Estes números indicam um sistema educacional fragilizado quanto à possibilidade de executar programas de educação ambiental que pudessem, por sua vez, ser combinados e aplicados em prol de atividades adjacentes, a exemplo de um turismo voltado ao contexto da sustentabilidade.

Dentre as opções de reforço à renda, o turismo é apontado pelos pesquisadores do NEA (grupo CNPq) como uma atividade em potencial no município, devido à possibilidade de desenvolver o turismo rural, agroecológico, ecológico e arqueológico, combinado com as

belezas naturais e exuberantes, com os recursos hídricos abundantes e as cavernas e platôs, que permitem um amplo espetáculo visual. (SEIBT, 2002, p. 39)

O agroturismo também é apontado na fala dos moradores locais, alguns entrevistados pelos pesquisadores no NEA na primeira etapa de ação desta pesquisa, como uma atividade opcional à dinamização da matriz econômica do município, onde a diversificação da agricultura e o incentivo à pequena agroindústria também ganham destaque.

Considerando um olhar voltado ao turismo, o Município possui alguns pontos que discorrem a favor do desenvolvimento desta atividade, considerando, sobretudo, um segmento que estimule um desenvolvimento com sustentação socioambiental:

- o município é cortado de leste a oeste pela BR-282, que liga o Litoral ao Oeste catarinense, constituindo-se, assim, numa rota de fácil acesso, caracterizada inclusive por um turismo de passagem;
- possui áreas de grandes altitudes e ricas em nascentes, revelando uma paisagem com potencial para o desenvolvimento de atividades turísticas sustentáveis;
- colonizado por alemães advindos da primeira colônia alemã de Santa Catarina, fundada em 1829, em São Pedro de Alcântara (ALMEIDA, 2003, p. 127), o município possui potencial histórico-cultural a ser revelado e preconcebido em estudos de identidade cultural;
- a relação das sociedades mais antigas com a natureza encontra-se resguardada em sítios arqueológicos dificilmente encontrados em áreas de inundação, 47 registrados por todo o território (ALMEIDA, 2003, p. 137 e 138), sendo alvo, inclusive, de estudos e de criação de um Museu de Arqueologia Municipal.

Por outro lado, há uma série de fatores que põem em foco a necessidade de um tratamento adequado a esta temática, neste caso, aspectos que se mostram negativos às condições socioambientais do município. Apresentando um breve perfil baseado nas pesquisas desenvolvidas pelo NEA (2001), é possível mencionar:

- rios desprotegidos e assoreados pelo carreamento de sedimentos oriundos de solo exposto; (p. 10)
- águas poluídas e contaminadas, inclusive o manancial que abastece a cidade Rio Caeté, por resíduos de diferentes naturezas, tais como: esgoto doméstico injetado diretamente no leito dos rios, resíduos de origem animal, vegetal, químico e industrial; (p. 11)

- solo altamente erosivo e desprotegido pela ação antrópica, pela lavagem das chuvas e por atividades agrícolas.

Ainda sob este aspecto, e agora citando Almeida (2003, p. 88 e 89), é possível acrescentar:

- o uso indiscriminado de agrotóxicos, que, inclusive, vem ocasionando sérios problemas de saúde, havendo casos fatais;
- um sistema educacional fragilizado quanto à possibilidade de executar programas de educação ambiental;
- falta de organizações sociais emancipadas e efetivas, desprivilegiando a promoção de ações descentralizadas;
- fragilidades culturais e perda gradativa de referências e valores próprios;
- um sistema de saúde distante do real contexto socioambiental.

O cenário organizacional constituído no município é caracterizado por um número considerável de conselhos e associações municipais, no entanto, os mesmos consolidam na prática uma política de mera desconcentração.²⁵ Isto porque, nos processos de responsabilidade compartilhada entre poder público e sociedade, dentre outros caminhos, um instrumento legitimador da participação social, refere-se aos conselhos municipais, contudo, estes devem dirimir o fenômeno da desconcentração, que constitui um sofismo a práticas de descentralização.

De acordo com os estudos de Masson (2004, p. 87), em Alfredo Wagner os conselhos representam a estrutura de maior volume quanto à forma de organização existente, havendo um total de 10 conselhos temáticos e quatro associações municipais. Entretanto, muito embora suas atribuições declarem o alcance deliberativo, os membros e representantes efetivos destes Conselhos, em sua maioria, não ultrapassam o domínio do Poder-Público.

²⁵ MENDONÇA & POMPÊO, Anais da X SILUBESA In: Desenvolvimento Local e Sustentabilidade Social—A Perspectiva da Responsabilidade Compartilhada, 2003. No contexto da descentralização, é muito importante que se faça uma diferenciação desta para com o fenômeno da desconcentração, visto que, na prática, é este último que vem se consolidando. Neste caso, se a descentralização é entendida como um processo de transferência de poder de decisão, a desconcentração é meramente a distribuição ou “desinchaço” de atividades e obrigações executivas, sem a transferência de autoridade e autonomia decisória.

Tabela 3. Conselhos municipais existentes em Alfredo Wagner.

Conselho	Finalidade
CMI—Conselho Municipal do Idoso	Deliberativo e consultivo e controlador das ações, em todos os níveis, dirigidas à proteção e a defesa do direito do idoso.
CMA—Conselho Municipal de Alimentação	Deliberativo de assessoramento e fiscalização da merenda escolar.
COMAD—Conselho Municipal Antidrogas	Deliberativo e normativo no sistema de prevenção, fiscalização e repressão de entopercentes.
CME—Conselho Municipal de Educação	Deliberativo na atuação e formulação de estratégias e no controle da execução da política municipal de educação.
CPHC—Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural	Deliberativo na atuação e formulação de estratégias e no controle da execução da política municipal de defesa ao patrimônio histórico-cultural
CMCA—Conselho Municipal da Criança e do Adolescente	Deliberativo e controlador da política de atendimento aos direitos das crianças e adolescentes.
CONDERMA—Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente	Deliberativo na participação e fortalecimento e organização do plano municipal de desenvolvimento rural e de preservação do meio ambiente.
CMTE—Conselho Municipal do Trabalho	Deliberativo no levantamento, definição e priorização das demandas da clientela para qualificação profissional.
CMAS—Conselho Municipal de Assistência Municipal	Deliberativo e trata da política da assistência municipal.
CMS—Conselho Municipal de Saúde	Deliberativo, normativo, consultivo e fiscalizador.

Fonte: (MASSON, 2004, p. 88)

Tabela 4. Associações existentes em Alfredo Wagner.

Associação	Finalidade
AFASLA – Associação dos Agricultores Familiares de São Leonardo	Promover atividades socioculturais de cooperação solidária na compra e venda de produtos agropecuários.
ADCD—Associação Comunitária de Demoras	Dinamizar e integrar as ações da comunidade, oportunizando a participação na resolução dos problemas locais.
AMLA—Associação de Moradores de Lomba Alta	Promover ações na área civil para o desenvolvimento de práticas organizativas e associativas locais.
APOE—Associação de Produtores Orgânicos de Invernadinha	Produzir, comprar e vender produtos orgânicos.

Fonte: (MASSON, 2004, p. 88)

No aspecto da descentralização, as associações caracterizam-se como modelos de organização que vêm aumentando consideravelmente no município, merecendo destaque a criação de outros três grupos organizados no ano de 2002: o clube de mães, grupo de idosos e a CRE\$OL—Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária.

Atualmente com 80 sócios, a CRE\$OL é uma instituição financeira autorizada pelo Banco Central do Brasil, administrada por representante dos agricultores familiares e que, acima de tudo, preocupa-se com a preparação e articulação do pequeno agricultor no processo organizacional e de acesso ao crédito. (MASSON, 2004, p. 89)

O grupo de idosos é, acima de tudo, uma atividade recreativa que reúne, semanalmente, 150 munícipes da terceira idade e moradores de comunidades situadas na área urbana e rural. O grupo realiza encontros dançantes e musicais, regados a lanche e bebida

patrocinados, em parte, pela contribuição mensal de dois reais (R\$ 2,00) de cada membro. (MASSON, 2004, p. 89)

O clube de mães se distribui em cinco comunidades distintas, entre as áreas urbana e rural. Os encontros são semanais e neles são promovidas palestras e orientações para a realização de trabalhos manuais, tais como crochê, tricô, macramê, bordados e costura. Atualmente existem cerca de 100 mulheres participando, além de voluntárias que ocasionalmente contribuem com seu conhecimento e aptidão neste tipo de atividade. (MASSON, 2004, p. 89)

No âmbito da comunicação, o município dispõe de um único sistema de radiocomunicação, que, na prática, atende apenas uma parcela do território: trata-se da Rádio Nascente do Vale, cujo nome deriva da característica de posicionamento geográfico de AW em relação à Bacia do Itajaí.

A programação desta rádio relaciona-se diretamente com seus sócios fundadores, dentre eles quatro igrejas evangélicas, havendo a disposição de 15 minutos diários restritos aos seus interesses. Além destas, a Câmara de Vereadores detém seu espaço semanal, que usualmente não é aproveitado. Logo, o restante do caderno de programações da rádio limita-se a breves noticiários gerais, entrevistas ocasionais e música.

Além da rádio, um jornal regional de periodicidade semanal, originário do município vizinho de Bom Retiro, circula quase exclusivamente pelo centro urbano, com algumas notas de caráter social, econômico, político e ambiental sobre o município.

No tocante aos aspectos políticos, a Câmara de Vereadores, de acordo com Masson (2004, p. 86), conta com oito representantes, além da equipe de apoio e secretariado. As sessões ocorrem de forma semanal e sua duração é baseada na demanda constada em ata. Além disso, existe o espaço intitulado Tribuna Livre, que desde 2001 se reserva ao uso por inscrição destinado à população.

Ainda no âmbito das relações políticas, é válido mencionar que ao longo dos 43 anos que se passaram, assim como os próximos quatro anos, o poder público simplesmente tem alternado nas mãos de dois partidos políticos distintos.

Por fim, merece destaque, nesta breve aproximação com o contexto municipal estudado, o perfil dos moradores de Alfredo Wagner, que em geral se mostram hospitaleiros, trabalhadores e abertos a novas experiências.

Em suas práticas do cotidiano, existe um forte costume entre aqueles que moram nas áreas rurais, em se deslocarem ao centro urbano, comumente chamado de “praça”, nas segundas e sextas-feiras. Este é o período que caracteriza a dinâmica social deste município, pois é o tempo de movimentar interesses pessoais, profissionais e afetivos. Esta é uma prática compartilhada entre jovens e adultos, onde ocorre a troca de informação e o desempenho da sociabilidade.

5. ENTRANDO NO CAMPO: dos primeiros passos às primeiras realizações.

A participação será mais assumida, livre e consciente na medida em que os que dela participem perceberem que a realização do objetivo perseguido é vital para quem participa da ação e que o objetivo só pode ser alcançado se houver efetiva participação. (WHITAKER, apud FILHO, 2002, p. 158)

O “Entrando no Campo”, de acordo com Patrício (1999), retrata o início do processo, em que se estabelece os momentos de interação com o contexto onde será desenvolvido o estudo, em que realiza-se a estruturação da proposta, a delimitação do problema, define-se os instrumentos de coleta de dados, a escolha dos sujeitos que participarão da investigação e a negociação sobre a operacionalização de todo processo planejado.

O processo ‘Entrando no Campo’ representa os primeiros momentos de interação com o contexto onde será desenvolvido o estudo. Pode ser identificado como o período de pesquisa exploratória, que irá viabilizar o estudo propriamente dito. (PATRÍCIO, 1999, p. 69)

Comumente denominado como fase exploratória, este momento de “entrar em campo”, de modo geral representou, neste estudo, um período individual da pesquisadora na busca efetiva pelo espaço de interação social para a construção do processo de investigação no município. Diz-se efetiva por estar sendo considerado o envolvimento da pesquisadora nas atividades²⁶ relacionadas às ações da pesquisa coletiva, citadas no tópico 3.3.

Desta forma, é possível caracterizar esta fase de campo individual a partir de alguns momentos importantes, como o de entrega da carta de apresentação do estudo ao prefeito em exercício (ver apêndice A), no dia 16 de fevereiro de 2004, que, por sua vez, marca o início oficial deste trabalho.

Em seguida, por intermédio do representante da Secretaria de Desenvolvimento Social do município de Alfredo Wagner²⁷, foi possível estabelecer o primeiro contato com a

²⁶ Em especial o acompanhamento e capacitação da Comissão Pró-CONDEMA.

²⁷ Gerent, Dilmor. Secretário de Desenvolvimento Social da Prefeitura de Alfredo Wagner em administração vigente no período de 2000-2004

temática do estudo, considerando-se o convite para participar como representante do município numa ação promovida pela 13ª SDR – Secretaria de Desenvolvimento Regional Catarinense.

A referida ação que recebeu o título de “Roteiro Turístico da Caravana do Desenvolvimento do Turismo da 13ª Regional”, compreendeu a visita aos 10 Municípios que compõem esta regional, tendo como objetivo oferecer a estes a oportunidade de conhecer e refletir sobre suas potencialidades para o desenvolvimento de atividades turísticas na região.

De acordo com os mapas abaixo, é possível visualizar onde estão estabelecidas as Secretarias²⁸ de Desenvolvimento Regional de Santa Catarina, a 13ª SDR e os 10 Municípios que a compõem.

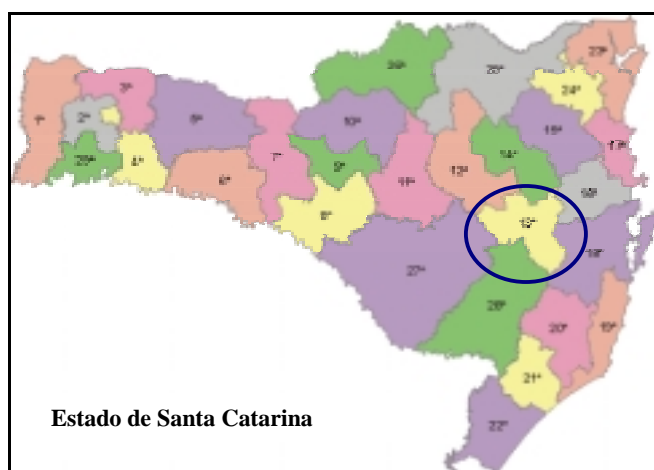


Figura 8. Mapa de visualização das Secretarias de Desenvolvimento da 13ª SDR (CIASC, Regional (CIASC, 2002)

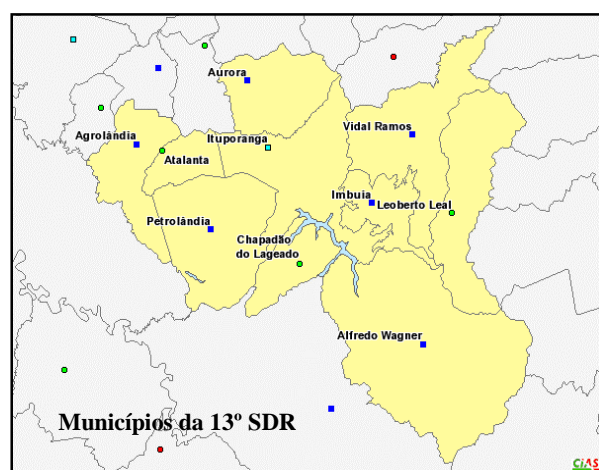


Figura 9. Mapa de visualização dos Municípios da 13ª SDR (2002)

Através de um plano de visitas de cinco dias, a valer do período de 16/02 a 20/02 de 2004, sob a orientação de guias indicados pelas prefeituras, foram visitados os pontos considerados de relevante interesse turístico nesta região.

O desempenho das atividades não foi orientado por nenhuma metodologia predefinida pela Gerência de Organização e Lazer da 13ª SDR, proponente da experiência,

²⁸ A fim de esclarecimento, as secretarias regionais representam a proposta de descentralização do governo catarinense, que estabeleceu em vinte e nove (29) regiões distintas do Estado, uma SDR— Secretaria de Desenvolvimento Regional. Os municípios que estão geograficamente e politicamente relacionados a cada uma destas regiões, devem se dirigir, em primeira instância, à SDR ao qual o mesmo pertence. Isto evitaria, na visão do poder público estadual, possíveis atrasos e contratempos no cumprimento das tarefas do administrativo, além de proporcionar maior autonomia e sustentação para as regiões que compõem o Estado.

mas sim por alguns critérios estabelecidos coletivamente no decorrer do processo, sendo estes influenciados pelos princípios desta pesquisa:

- todos os participantes da equipe atuavam como observadores;
- as impressões e sugestões da equipe eram coletivizadas com os representantes de cada município, bem como registradas por escrito e em vídeo;
- todas as visitas deveriam ser e, portanto, foram gravadas e fotografadas mediante recursos audiovisuais;
- todos os municípios deveriam e foram visitados num mesmo período de tempo, não sendo este inferior a três horas em nenhuma hipótese;
- a participação dos representantes legais de cada município junto à equipe era livre e irrestrita, assim como a quaisquer cidadãos; e
- o registro escrito, fotografado e filmado, sob inteira responsabilidade da gerência, deveria e, conseqüentemente, foi disponibilizado a todos os municípios, através de seus respectivos representantes.

A equipe que compôs a “Caravana” foi formada por secretários de Turismo, presidentes e membros de Conselhos Municipais de Turismo, turismólogos, estudantes e profissionais de outras áreas, que em comum apenas detêm o interesse pela atividade turística.

Dentre os pontos de relevante interesse ecológico, cultural, social e, portanto, turísticos, escolhidos pelos guias e representantes de cada município visitado, destacam-se, conforme o quadro a seguir:

Tabela 5. Potencialidades Turísticas dos Municípios da 13ª SDR

Município	Potencialidades Turísticas
Leoberto Leal	<u>7 pontos visitados:</u> cachoeira do ponto de abastecimento, Salto do Nico, Gruta Nossa Senhora de Lourdes, beira rio, SINTREAL - Sindicato dos Trabalhadores de Leoberto Leal, cachoeira do SINTREAL e Museu Lindolfo Scheidt.
Vidal Ramos	<u>5 pontos visitados:</u> Parque de Exposição, trilha do Parque, Futuro pesque e pague Back, Cachoeiras da propriedade da família Back e Café colonial.
Alfredo Wagner	<u>7 pontos visitados:</u> Museu de Lomba Alta, gruta e cachoeira do Poço Certo, serraria da Vila do Poço Certo, Artesanato do Coquinho, Secretaria de Educação, para apresentação de vídeo do município, parque de exposição e pesque pague.
Imbuia	<u>5 pontos visitados:</u> Campo das flores, duas cachoeiras numa mesma propriedade particular, parque de exposição, gruta e cachoeira do parque e futuro pesque pague Heinckel.
Agrolândia	<u>4 pontos visitados:</u> Sítio aquático Beicker, associação de artistas e artesões, parque de exposição e pesque e pague Nascer-do-Sol.
Atalanta	<u>4 pontos visitados:</u> Parque Municipal da Mata Atlântica, APREMAVI—Associação de Preservação do Meio Ambiente, propriedade agroturística receptora e Sítio do Lazer Serra do Pitoco.
Chapadão do	<u>3 pontos visitados:</u> trilha da cachoeira do Saltinho, trilha Cântion Cachoeira do Saltinho e

Lageado	restaurante comida caseira Sebold.
Petrolândia	<u>6 pontos visitados:</u> Mirante da Serra, sede da Klabin Ind. de Papel, camping açude Klabin, casa de artesanato, pesque e pague Rio de Dentro e pesque e pague Erimar.
Aurora	5 pontos visitados: Café colonial Dieddlin, Recanto Nilton Krieger, Casa dos produtos coloniais, Cachoeira do Billy e Pesque e pague do Dinho.
Ituporanga	<u>10 pontos visitados:</u> Pesque e pague Clasen, Câmara de Vereadores, Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo, Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Salto Grande, Casa Giratória, Parque Nacional da Cebola, Camping Verde Mata, Cachoeira da Amizade e Barragem.

Fonte: Compilado pela própria pesquisadora. (2004)

Dentre outros ganhos, esta visita culminou na certeza da importância dos objetivos e finalidades da pesquisa ora aqui sistematizada, tendo em vista o fato de que a consolidação de uma atividade turística, em especial aquela voltada aos princípios da sustentabilidade, necessita de extrema atenção quanto ao envolvimento e educação participante da comunidade, principalmente se for levado em conta o rumo incerto dos interesses relacionados ao desenvolvimento de um turismo a qualquer custo, como, de fato, pôde ser observado na maioria dos municípios visitados.

Desta forma, foi possível construir um forte argumento para atrair a atenção e interesse da comunidade na discussão dos eixos temáticos “turismo sustentável e as águas” no município de Alfredo Wagner.

Contudo, havia a necessidade de reunir informações e dados que pudessem sensibilizar a comunidade local quanto ao potencial de seu município para o desenvolvimento de atividades turísticas, em especial segmentos dentro da perspectiva de um turismo sustentável, mas que ao serem apresentadas não interferissem no processo de investigação e desempenho dos objetivos e finalidades deste estudo.

Para tanto, foram definidas algumas atividades estratégicas, a fim de estabelecer juntamente com os pressupostos da pesquisa (item 3.1), uma espécie de linha dorsal metodológica, muito embora, o processo de pesquisa aqui descrito caracterize-se por ser do tipo qualitativo, participante e construtivista. Tais atividades buscaram, a seu tempo, promover a divisão da responsabilidade entre pesquisadora e sujeitos envolvidos.

Tabela 6. Atividades do Entrando no Campo

Atividades previstas	Técnicas
1. Mapeamento do espaço de interação social (instâncias comunitárias, executivas, temáticas e institucionais).	Observação Documental/ estruturadas Participante/ Entrevistas Análise Semi-
2. Levantamento das características socioeconômicas e ambientais.	Observação Documental/ estruturadas Participante/ Entrevistas Análise Semi-
3. Identificação de sujeitos para a formação de núcleo de pesquisadores locais.	Diálogos informais

A primeira atividade referente ao mapeamento do espaço de interação social foi realizada a partir da sistematização da dinâmica encontrada no município de Alfredo Wagner. Com isto, a pesquisadora obteve um perfil das forças vivas e delineou a dinâmica local estabelecida em encontros, reuniões e atividades promovidas pelos distintos segmentos organizados no município.

Além disto, esta atividade possibilitou à pesquisadora se aproximar com mais frequência dos atores sociais e realizar, com alguns destes, **entrevistas-testes** que serviram para o ajuste na redação das perguntas que conduziram os diálogos a partir deste instrumento de coleta de dados. Foi adotada a técnica da entrevista semi-estruturada (ver apêndice B) associada à técnica da observação participante, como mostra a tabela 3.

Este mapeamento²⁹ também permitiu a visualização e a identificação dos espaços propícios para se estabelecer uma melhor comunicação e interação com as atividades e os grupos organizados locais, que por sua vez, passaram a ser incorporados nas ações da pesquisa individual e coletiva, transformando o processo de construção da autonomia local em práticas educativas participantes.

A segunda atividade representou parte do movimento de construção do referencial teórico, assim como parte do levantamento das informações acerca das relações que se estabelecem no diálogo de uma proposta voltada ao tema do turismo sustentável e águas, rumo ao desenvolvimento local e regional do município.

Tendo como base, principalmente, os estudos já desenvolvidos pelo NEA, assim como livros, documentos, relatórios e outros materiais relacionados e elaborados no

²⁹ O mapeamento do espaço de interação social foi uma proposta do coordenador e orientador desta pesquisa, cujo processo foi revitalizado a partir da implementação de uma agenda tripla, uma referente à dinâmica do município, outra sobre as metas da pesquisa coletiva e a terceira sobre as pesquisas específicas. Desta forma, uma sobrepondo-se à outra, é possível realizar uma leitura da pesquisa como um todo.

município, foram obtidos os primeiros dados referentes às características socioeconômicas e ambientais locais, apresentados no capítulo 5.

A terceira atividade consistiu numa estratégia de ação metodológica, à medida que foi estabelecido o interesse em realizar um trabalho **com a comunidade e não somente para a comunidade**. Por esta razão, elegeu-se a criação de um núcleo de pesquisadores locais, que representou a consolidação de uma equipe, na qual perdurou o olhar coletivo entre pesquisador e comunidade.

A respeito desta estratégia, Minayo (2002, p. 54 e 55) afirma que “[...] a entrada no campo pode ser facilitada através de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados”.

Certamente este núcleo de pesquisadores locais veio a cumprir um papel de mediador, entretanto, mais do que se fazer interlocutor deste processo, foi estabelecida, de uma forma ética e transparente, a oportunidade de se construir um processo natural de emancipação e amadurecimento ao longo da experiência vivenciada coletivamente.

Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. [...] Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p. 26 e 29)

Neste caso, tendo como referência os eventos que balizaram este momento de entrar em campo, em especial as Oficinas de Elaboração do Boletim Jornalístico de AW-SC, é possível destacar que foi a partir destas situações de troca de experiências que iniciou-se o processo de formação do núcleo de pesquisadores locais.

Considerando-se que o movimento de concepção do boletim jornalístico de AW-SC, então intitulado *AW Notícias*³⁰, resultou na entrada de novos segmentos de atores sociais, em especial as alunas da Escola Silva Jardim, os primeiros convites formais para a composição do núcleo de pesquisadores locais foi direcionado a duas alunas integrantes da

³⁰ O *AW Notícias*, produto direto das Oficinas de Elaboração do Boletim Jornalístico de AW-SC, resultou na consolidação de uma equipe jornalística composta por oito participantes desta atividade de capacitação. Após sua 4ª edição, o jornal passou por fatores semelhantes aos que fizeram a Comissão Pró-CONDEMA chegar ao fim.

equipe do jornal, sob a finalidade de incentivar e de valorizar este novo olhar ao contexto desta pesquisa.

As referidas alunas, e então co-autoras na construção deste estudo, foram Wanessa Boeing e Diana Dell`Antônia, jovens entre 16 e 17 anos de idade, estabelecidas na região desde seu nascimento.



Figura 10: fotografia do núcleo de pesquisadores locais. (NEA, 2004)

O terceiro integrante do núcleo de pesquisadores locais também foi mediador na primeira etapa de ação da pesquisa coletiva, membro da Comissão Pró-CONDEMA e integrante da equipe do jornal. Trata-se do sr. Irimar José da Silva, naquela ocasião presidente do STR–Sindicato de Trabalhadores Rurais e vereador. Filho de agricultores, exercendo esta profissão por um longo período de sua vida, atuando há 10 anos à frente do STR, foi a partir de sua própria história de vida e de luta que se concretizou o seu convite.

6. ENTRANDO-FICANDO EM CAMPO: dos ajustes finais ao processo criativo individual e coletivo

Disse certo o poeta: “Navegar é preciso”. [...] Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para navegar. Puseram-se, então, a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco: manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... (ALVES, R., 1999, p. 73)

Uma vez formado o núcleo de pesquisadores locais, iniciou-se a fase do entrando-ficando em campo, caracterizada pelo planejamento coletivo das atividades, a partir da negociação de horários, discussão sobre a importância de um cronograma, determinação das áreas prioritárias para o estudo, apresentação dos instrumentos, conceitos e técnicas de coleta, registro e análise de dados, além da preparação de um pré-campo coletivo.

Atentando-se para o fato de que somente um dos integrantes³¹ do núcleo de pesquisadores locais detinha conhecimento acerca do contexto e das atividades da pesquisa coletiva, e, ao mesmo tempo, visando respeitar a agenda de compromissos de cada participante, é possível descrever esta fase de planejamento a partir de dois momentos, sendo um individual e outro coletivo.

O momento individual consistiu em encontros presenciais para a apresentação da proposta deste estudo aos pesquisadores locais através de uma conversa informal, porém expositiva, acerca do tema, do problema, dos objetivos, das atividades, das estratégias de tratamento e dos produtos esperados.

Vale acrescentar que uma cópia do resumo esquemático deste estudo foi entregue a cada pesquisador (ver apêndice D). Além disso, foi explicitado que as atividades e estratégias apresentadas apenas tratavam-se de pistas metodológicas, cujo processo deveria ser construído e discutido coletivamente, caracterizando, assim, o amadurecimento e o comprometimento desta equipe coletiva entre pesquisador-observador e pesquisadores locais-atores.

O momento coletivo representou a oficialização desta equipe de pesquisadores, através de encontros preparatórios para a definição do pré-campo coletivo. Este, por sua vez, caracterizou-se pela realização de uma atividade de campo piloto, que permitiu a realização

de ajustes no horário de início e fim de cada dia de campo, na forma de locomoção, na atenção aos cuidados éticos, na delimitação do universo amostral, bem como na composição do cronograma da pesquisa como um todo.

No tocante ao cronograma (ver anexo), foi decidido, com base nas informações contidas no mapeamento do espaço de interação social e na declaração dos pesquisadores locais, que toda a etapa de levantamento de dados em campo deveria ser cumprida até o mês de junho, estendendo-se ao máximo até o mês de julho, por ocasião do período eleitoral. Do contrário, corria-se o risco de gerar conflitos entre os compromissos e finalidades deste estudo com interesses meramente políticos.³²

6.1 O Primeiro Pré-Campo Coletivo

O pré-campo coletivo foi realizado em dois dias, sendo que no primeiro não foi possível estar presente toda a equipe, conformando-se, assim, a necessidade de se realizar uma segunda experiência.

O primeiro pré-campo consistiu num convite realizado pelos proprietários de um empreendimento turístico e de lazer, Restaurante Pesque e Pague, situado nas margens da Rodovia SC-30, Km 02, rumo a Ituporanga-SC, a fim de que fossem visitadas as trilhas semi-abertas nos fundos da propriedade.



Figura 11: fotografias do empreendimento Pesque e Pague em AW-SC. (NEA, 2004)

³¹ O pesquisador local sr. Irimar da Silva foi mediador durante as pesquisas do grupo CNPq e manteve-se atuante ao longo das atividades da pesquisa coletiva do atual grupo Finep.

Tal convite emergiu durante a visita aos pontos turísticos do município ao longo da ação proposta pela 13ª SDR. Participaram desta experiência apenas dois membros do núcleo de pesquisadores locais, além da pesquisadora, com apoio de transporte e locomoção da prefeitura local.

Em específico sobre a visita neste empreendimento, inicialmente foi apresentada a equipe que se fez presente, assim como buscou-se relatar mais claramente os objetivos, finalidades e produtos esperados nesta pesquisa – considerando-se que, numa primeira oportunidade, foram manifestados os interesses deste estudo.

Vale salientar que desde o primeiro contato ficou evidente o interesse dos proprietários pelo investimento na área turística voltada ao enfoque ecológico, assim como a necessidade de apoio técnico e institucional, considerando a ausência de contato com outras pessoas inseridas no ramo.

O interesse pelo segmento da atividade turística sustentável pôde ser confirmado, inicialmente, pelo encerramento das atividades do pesque e pague, cujo nome manteve-se apenas por questões comerciais, e, posteriormente, pela abertura das três trilhas visitadas, que constituem um hobby da família, segundo relato dos proprietários.

A gente gosta muito de natureza. Essas terras são uma herança deixada pela família do meu marido. [...] Quase ninguém sabe que nós temos essas trilhas abertas aqui, embora a gente tenha o interesse em explorá-las para o turismo ecológico. Mas a gente precisa de auxílio, essa visita tá sendo boa pra gente, pois nós mesmos abrimos uma parte das trilhas, outra parte já era caminho natural, estrada de boi. (proprietária em entrevista, março de 2004)

Nas trilhas, observou-se que o terreno levemente acidentado não impõe riscos e empecilhos para serem estruturadas trilhas autoguiadas, isto é, que dispensam o acompanhamento obrigatório de condutores e guias.

Cada trilha visitada caracteriza-se por um perfil diferente, culminando em possibilidades de focar o atrativo principal em elementos distintos. Como exemplo, é possível dizer que a primeira trilha (foto 1), por estar localizada num ambiente de mata fechada, pode ser direcionada principalmente à observação da fauna e flora local; a segunda trilha (foto 2) tem como atrativo principal uma cascata e uma cavidade natural de proporções

³² Além disso, observa-se, já nesta época, a intenção do pesquisador local sr. Irimar José da Silva em candidatar-se à disputa para prefeitura deste Município nas eleições 2004.

médias; já a terceira trilha, por referir-se a uma antiga estrada de boi, situada na parte alta do terreno e caracterizada pela terra de cascalho e chão batido, mostra-se adequada para passeios a cavalo, de bicicletas ou mesmo de charretes.



Figura12: fotografias das trilhas 1 e 2 no empreendimento Pesque e Pague. (NEA, 2004)

Além das trilhas, os proprietários manifestaram interesse em erguer chalés independentes, isto é, equipados com sala, suíte e cozinha montada, ao redor da lagoa artificial onde inicialmente funcionava a atividade do pesque e pague.

Muita gente nos pede, sugere e até reclama que estamos perdendo dinheiro por não termos construídos chalés ou uma pousada aqui. Mas tudo que a gente faz é com recurso próprio, não tem incentivo ou mesmo apoio para a gente que trabalha neste ramo aqui, então tudo é lento mesmo. Nós temos o interesse em erguer os chalés ao redor da lagoa, mas nem sabemos se isso é adequado. No entanto, isso só vai acontecer depois que ampliarmos o restaurante e construirmos as quadras e outra piscina. (proprietária em entrevista, março de 2004)

De modo geral, o que foi concluído e repassado aos proprietários, em caráter informal a partir desta visita, foi a necessidade de se observar algumas questões:

- trabalhar com trilhas não significa meramente abrir uma picada de chão e fincar placas de sinalização, mais do que isso, é necessário investir num programa de uso público, que implica o tratamento físico, conceitual e estrutural do atrativo, observando-se a capacidade de carga e a condição ética de que não é a trilha que vai se adaptar ao ser humano, mas sim, o contrário. O programa de uso público não exclui a possibilidade de se investir em equipamentos turísticos na trilha, desde que estes não interfiram na

harmonia das relações deste ecossistema (exemplo: torres de observação da fauna, em especial avifauna, pontes suspensas e outros);

- a construção de chalés às margens da lagoa precisa ser analisada com vistas a inúmeros aspectos, um deles certamente é de caráter ambiental (exemplo: a construção de chalés implica a estruturação de um sistema de saneamento eficaz e coerente com as normas ambientais vigentes, devendo respeitar, dentre outros critérios, a distância e profundidade do terreno em relação ao rio, lagos e lagoas, mata ciliar e outros);
- uma vez mencionado o interesse por um enfoque ecológico, a expressão “explorar” não mostra-se coerente, mesmo em conversas coloquiais, cabendo aí um exercício de reflexão conceitual.

6.1.1 Inaugurando o Processo Criativo Coletivo

Este primeiro pré-campo coletivo, realizado em 10 de março de 2004, teve duração de quatro horas, correspondendo a uma hora de diálogos informais, duas horas de caminhadas e diálogos informais e uma hora para descanso, refeição e despedidas.

Considerando-se os objetivos do pré-campo coletivo, ao final desta visita, durante o momento de descanso, a equipe, mesmo incompleta, discutiu e definiu alguns aspectos:

- **Equipamento técnico de coleta e registro de dados** (GPS–Sistema de Posicionamento Satélite Global, máquina fotográfica digital e gravador) – cada pesquisadora se responsabilizaria pelo uso de um deles, evitando, assim, contratempos, acúmulo de funções e, principalmente, desvios de atenção com as informações observadas e repassadas pelos sujeitos e com a própria segurança, tendo em vista as atividades de caminhadas em áreas suscetíveis a acidentes e outras adversidades.
- **Ajustes no horário de início e fim de cada dia de campo** – observou-se que a conversa inicial deveria ser mais objetiva no sentido de apresentar a equipe, os objetivos e os preparativos para o início das caminhadas, definindo-se que a realização da entrevista deveria ser estendida a todo o processo de entrar, ficar e sair da propriedade visitada. Desta forma, a entrevista poderia ser realizada de forma natural, ao longo da aproximação com os sujeitos, podendo, inclusive, ser influenciada positivamente pelo cenário, pelo clima e pelas emoções vivenciadas durante as caminhadas e as despedidas.

- **Atenção aos cuidados éticos** – notando-se a diferença que faz o cuidado com o “pedir licença”, cuidado este que se mostra nos resultados, nas informações e na própria experiência como um todo, a equipe coletiva discutiu e decidiu que não somente seriam atendidos os critérios de eticidade estabelecidos, como também seriam devolvidos todos os documentos de registro em fotografia a todos os sujeitos participantes deste estudo.
- **Transporte e locomoção** – considerando-se a dificuldade em transitar pelas longas distâncias que caracterizam a elevada extensão territorial do município, assim como a imprecisão na disponibilidade de veículos e motoristas cedidos pela prefeitura, esta foi uma das questões que a equipe preferiu discutir somente em sua plenitude.
- **Delimitação do universo amostral** – por estar correlacionada à questão do transporte, a discussão sobre este tema também foi reservada para uma melhor oportunidade.

Após este primeiro pré-campo coletivo, no dia 18 de março, foi definido e acertado com o núcleo de pesquisadores locais, as questões pendentes acerca dos ajustes para o início oficial das atividades de coleta, registro e análise deste estudo. Dentre os acertos finais, é possível citar:

- **Transporte** – ficou definido que para as atividades de campo seria alugado o carro do STR, sob responsabilidade e financiamento da coordenação do Projeto Trilha, cabendo a um dos pesquisadores locais a função de dirigir e conduzir o restante da equipe.
- **Horários** – a fim de conciliar as agendas dos membros da equipe coletiva, o calendário de campo ficou definido em saídas regulares semanais no período consecutivo de segunda a quarta-feira, em frente à panificadora da cidade, a partir das 8h da manhã, com retorno entre 17h e 18h. Esta decisão implicou a mudança parcial, porém regular, da pesquisadora para o município, o que, por sua vez, facilitou o processo de aproximação com o objeto e com os sujeitos do estudo.
- **Delimitação do universo amostral** – esta foi a mais complexa das questões discutidas pelo grupo, pois havia elementos de peso, que, por sua vez, configuraram na sua decisão. Havendo um interesse explícito em aplicar o estudo por todo o município, houve, a priori, uma convergência da equipe. Contudo, a partir da vivência em campo, este tema foi novamente discutido pela equipe, cabendo a decisão final para a coordenação e orientação desta pesquisa. A decisão tomada e, portanto, acatada pela equipe coletiva, foi o comprometimento com **oito** das 14 microrregiões estabelecidas na setorização da Epagri, pronunciadas no quinto capítulo deste trabalho. Vale dizer que as microrregiões

escolhidas representam áreas de extremo conhecimento por parte de um dos membros da equipe coletiva, embora cada área estudada corresponda, na prática, a uma, duas ou até mesmo cinco comunidades. Além disso, as oito microrregiões são áreas geograficamente equivalentes, na medida em que estão localizadas a montante da bacia do Rio Itajaí do Sul. Por fim, a equipe também definiu que a cada microrregião seriam visitadas **duas propriedades por comunidade**, privilegiando-se os locais onde fossem manifestados ou observados a ocorrência de **pontos notáveis relacionados às águas** ou mesmo onde fossem localizados indivíduos e famílias interessadas nos eixos temáticos deste estudo.

6.1.2 Apresentando o Universo de Estudo

Um dos instrumentos utilizados como apoio na delimitação do universo amostral foi o mapa de setorização da Epagri, cuja ilustração mostra as oito microrregiões definidas para a realização deste estudo.

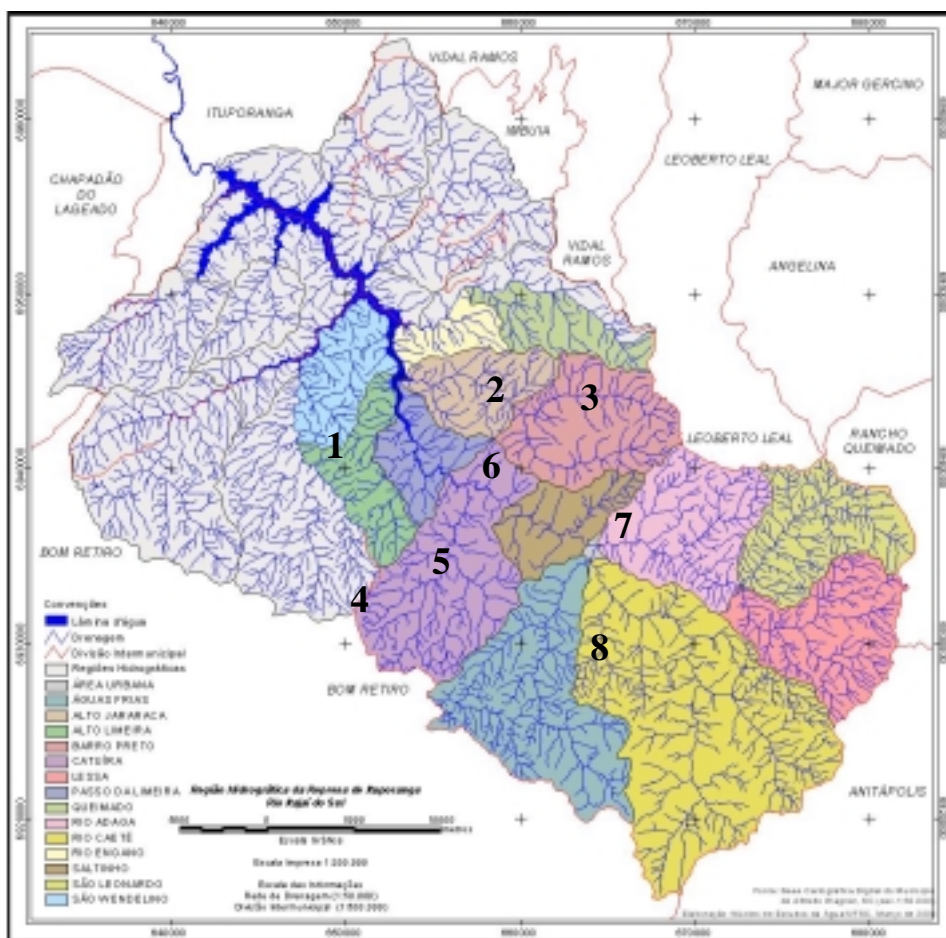


Figura13: Mapa de setorização da EPAGRI. (NEA, 2004)

As oito microrregiões e suas respectivas comunidades são apresentadas na tabela a seguir .

Tabela 7. Caracterização das Microrregiões Estudadas

Identificação	Setores	Comunidades
1	São Wendelino	São Wendelino Barro Branco
2	Rio Engano	Rio Engano
3	Queimado	Queimado Xaxim
4	Alto Limeira	Alto Limeira Invernadinha Pinguirito
5	Passo da Limeira	Passo da Limeira
6	Alto Jararaca	Alto Jararaca Arnópolis Barrinha Chapadão Paulo Saturnino
7	Barro Preto	Barro Preto Alto Demoras Rio das Demoras Soldadinho
8	Saltinho	Saltinho Demoras

6.2 O Segundo Pré-Campo Coletivo

A partir dos ajustes e delimitação do universo amostral foi agendado o segundo pré-campo coletivo³³, desta vez com a participação prevista de toda a equipe coletiva. Neste momento, já por influência do núcleo de pesquisadores locais, ficou determinada a visita à comunidade do Alto Jararaca.

A partir daí é válido destacar um aspecto que veio a compor um primeiro indício da consolidação de uma relação de responsabilidade compartilhada, ou seja, de co-gestão nesta equipe. Trata-se da iniciativa e do cuidado de um dos pesquisadores locais em avisar com antecedência a família a ser visitada pela equipe, desfazendo qualquer possível desconforto ou insucesso decorrentes de uma visita surpresa.

Desta forma, emergiu um **novo elemento processual** adotado pela equipe coletiva nas visitas que se sucederam, cabendo aqui o seguinte adendo: o pesquisador local, por si só,

³³ Embora não fizesse parte do universo amostral definido para o estudo, neste segundo pré-campo também foi visitada devido a RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural, denominada Rio das Furnas, localizada na comunidade de São Leonardo. Entretanto, visando atender o pedido do proprietário, a mesma não será incluída na apresentação deste estudo.

traz a responsabilidade de mediar e inserir a equipe no contexto foco da investigação, porém, considerando-se que este é um processo solidário, de co-gestão e de responsabilidades compartilhadas, a todo instante estão sendo construídas novas relações, oriundas do processo criativo de todos os envolvidos no seu contexto.

O referido elemento trata-se da **consulta local**, de responsabilidade exclusiva do núcleo de pesquisadores locais, que uma vez cientes da próxima localização a ser visitada, preocupava-se em levantar informações com outros moradores acerca da ocorrência de **pontos notáveis relacionados às águas** e de famílias ou indivíduos interessados na temática deste estudo.

É muito interessante notar que embora eu tenha percorrido inúmeras vezes toda essa região, até porque eu nasci, me criei e trabalhei uma vida por aqui, conversando sobre todo tipo de assunto com praticamente todos, pois eu conheço acho que todo mundo que vive aqui no município devido a minhas funções políticas e trabalhistas, eu nunca tive a oportunidade de conversar com as pessoas sobre essas belezas da água, sobre as cachoeiras, as cascatas e lajeados que às vezes a gente nem sabe que existem. (Pesquisador local sr. Irimar, março de 2004)

No caso desta visita ao Alto Jararaca, a iniciativa do pesquisador local permitiu à equipe se aproximar do indivíduo que é considerado líder natural da comunidade, tendo sido apontado como tal por outros moradores da localidade, e vindo, portanto, a configurar como o **guia 1** deste estudo.

Cabe aqui esclarecer que a fim de assegurar a privacidade dos sujeitos envolvidos, assim como respeitar os princípios éticos anteriormente revelados, todos os sujeitos envolvidos no contexto desta investigação estão devidamente protegidos por dois códigos, o codinome inicial 'guia', comum para todos, e a numeração por ordem de visitas às propriedades. Contudo, há uma exceção referente aos sujeitos do primeiro pré-campo coletivo, que manifestaram o desejo pela revelação e divulgação de seu estabelecimento.

Colocando em prática alguns procedimentos já definidos pela equipe coletiva, este pré-campo realizado em 24 de março de 2004 teve início às 8h, sendo que as 8h30 min a equipe chegou à propriedade do **guia 1**.

Considerando-se os demais procedimentos destacados no primeiro pré-campo coletivo, bem como os ajustes estabelecidos, a equipe se apresentou, relatou seus objetivos e intencionalidades e fez-se cumprir todos os critérios éticos estabelecidos.

No decorrer desta visita, cuja função principal foi testar e discutir as técnicas de coleta, registro e levantamento de dados, apresentados no tópico a seguir, a equipe pôde compreender melhor os procedimentos da ação coletiva.

6.3 Técnicas e Instrumentos de Registros de Dados

De acordo com Patrício (1999), as técnicas de levantamento de dados utilizadas nos métodos qualitativos em geral são a **observação participante** e a **entrevista aberta ou semi-estruturada**. “[...] Ambas, dependendo do pesquisador e dos objetivos e finalidades do estudo, sofrem inúmeras variações. Há casos em que a observação participante é desenvolvida por fases, ou momentos distintos, com ou sem entrevista”. (PATRÍCIO, 1999, p. 71)

No presente estudo, ambas técnicas foram adotadas e associadas a instrumentos equivalentes que são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 8. Técnicas e Instrumentos de Registro de Dados

Técnica	Registro
Observação participante	Diário de Campo com imagem*, gravador, máquina fotográfica digital.
Entrevista semi-estruturada	Formulário de entrevista **, gravador.
Georeferenciamento por meio de GPS—Sistema de Posicionamento Satélite Global	Formulário de Registro de Pontos Notáveis com imagem **, gravador.
Análise bibliográfica e documental	Diário de Campo*.

* Modelo Patrício, Z.M^a, 1990. (Ver apêndice C)

** Desenvolvido pelo próprio pesquisador. (Ver apêndice A)

No que se refere às entrevistas semi-estruturadas, estas já haviam sido testadas pela pesquisadora ao longo das primeiras atividades e eventos que caracterizam o início do “Entrando no Campo”. Entretanto, o questionário semi-estruturado teve, neste segundo pré-campo coletivo, uma nova oportunidade de ser testado.

O pré-teste visa evidenciar possíveis falhas na redação das perguntas, na complexidade, imprecisão, desnecessidade e exaustão das questões, assim como a possibilidade de constrangimento ao informante. (GIL,1994, p. 132)

O uso da técnica de observação participante representou, neste estudo, o condutor de todo processo de investigação em campo, considerando, neste caso, tanto as visitas às

propriedades, as entrevistas semi-estruturadas, assim como a participação nos distintos momentos de ação da pesquisa.

De acordo com Minayo (2002) e Patrício (1999), a observação participante tem como principal instrumento de pesquisa o investigador, que estabelece contato direto, geralmente freqüente e prolongado, com os atores sociais e os seus contextos.

O processo da observação participante está associado diretamente ao uso do **diário de campo** (ver apêndice C), um importante instrumento de registro. O diário de campo, para Minayo (2002, p. 63), como o próprio nome já diz, é um instrumento ao qual o pesquisador deve recorrer no cotidiano da pesquisa. “[...] um amigo silencioso, intransferível e pessoal”.

Segundo Patrício (1999), o pesquisador realiza anotações em forma de diário codificado, que é decodificado ao final de cada dia de trabalho. O diário compõe dados da observação e da impressão do pesquisador, que ao final servirão como ponto de partida para a análise das categorias que emergirem da observação, ou mesmo que forem preestabelecidas. Sob este aspecto, vale esclarecer que não foram consideradas neste estudo categorias preestabelecidas, muito embora haja uma orientação decorrente dos dois eixos temáticos deste estudo.

O Diário de Campo registra Notas de Campo e Notas do Pesquisador. Nas primeiras são registrados dados referentes ao contexto físico, cultural, social e afetivo que se está estudando: tudo o que se observa (mais objetivamente possível) no ambiente, e os diálogos, acompanhados de todas as expressões verbais e não-verbais que ocorrem. Nas outras Notas, constam as reflexões do pesquisador, referentes ao método empregado, ao tema e aos seus sentimentos em relação ao estudo. No Diário de Campo há locais para a análise, visto que esta é feita no decorrer do processo de levantamento dos dados. (PATRÍCIO, 1999, p. 72)

A partir deste pré-campo coletivo também se observou que o diário de campo, neste estudo, deveria ser utilizado de duas formas, uma direta e outra indireta.

A forma direta refere-se ao uso irrestrito do diário de campo, considerando-se situações em que não havia empecilhos para que o mesmo fosse devidamente utilizado. Já a forma indireta, refere-se aos momentos em que não havia condições para utilizá-lo de forma direta, havendo, portanto, a necessidade de intermediar seu uso a partir do equipamento de registro **gravador**, respeitando-se, porém, o acordo ético previamente estabelecido.

Outro importante instrumento utilizado e testado pela equipe coletiva neste segundo pré-campo foi o **formulário de registro dos pontos notáveis relacionados às águas**

(Ver apêndice A), que, por sua vez, também esteve associado ao uso do gravador, assim como ao uso de outros dois equipamentos de registro, o **GPS** e a **máquina fotográfica digital**.

Sob este aspecto, Loizos (apud BAUER & GASKELL, 2002) comenta três razões que valorizam o uso de imagens como registro de dados:

A imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais. A segunda razão é que embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números. [...] A terceira razão é que o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. (LOIZOS, apud BAUER & GASKELL 2002: 138)

Desta forma, as informações obtidas foram transcritas e sistematizadas mediante o preenchimento do formulário de registro de pontos notáveis, assim como no próprio diário de campo do pesquisador.

Além disto, o registro de dados em GPS foi repassado ao núcleo de geoprocessamento do NEA, a fim de que fossem elaboradas cartografias digitais de cada microrregião visitada, localizando os pontos de ocorrência dos atrativos naturais relacionados às águas identificados. (Ver anexo)

O processo de entrar, ficar e sair desta propriedade além de proporcionar à equipe uma melhor compreensão sobre os instrumentos e técnicas de coleta e registro, também permitiu a discussão de novos elementos, que vieram a enriquecê-lo. Dentre estes, é possível citar dois:

- para fortalecer a construção de uma atividade participante e solidária com a comunidade, determinou-se a busca pela localização das lideranças locais, a fim de estabelecer um vínculo de comunicação permanente com os sujeitos incluídos direta ou indiretamente no processo; e
- ao longo da visita, principalmente durante as entrevistas, toda a equipe assumiu a responsabilidade de observar e registrar na memória as informações consideradas relevantes para a pesquisa, considerando-se os casos em que não fosse adequado utilizar, nem de forma direta ou indireta, o **diário de campo**.

Sobre este último elemento, a decisão da equipe estendeu-se a todas as situações, independente da autorização do sujeito quanto à gravação das entrevistas semi-estruturadas,

de modo que a equipe coletiva assumiu a postura de se reunir logo após o término das visitas a fim de, num só movimento, garantir a unidade de ação coletiva e participante da pesquisa, assim como resgatar o máximo de informações obtidas durante toda a visita em determinada propriedade.

Estes elementos foram observados pela equipe e definidos a partir deste segundo pré-campo, por estar sendo considerada a possibilidade de interromper os afazeres ou intimidar o sujeito participante quanto à naturalidade e a confiança na exposição de informações. Assim como, por haver uma clareza e transparência entre a equipe de que todos eram co-responsáveis pela construção deste processo.

Entretanto, é importante destacar que o uso dos equipamentos de registro, em específico a máquina fotográfica e o gravador, em alguns momentos foi facilitador nos processos de levantamento e registro de dados, pois implicaram situações de quebra-gelo.

É difícil confiar apenas em sua memória sem se arriscar a perder dados relevantes para a pesquisa. Hoje os aparelhos são tão pequenos que não impressionam mais e as pessoas aceitam com facilidade que sua fala seja gravada. Então porque recusar o uso da técnica? [...] Além disso, o pesquisador pode fazer observações no local sem tomar notas por escrito; dentro do campo, nem sempre é fácil escrever. A pergunta é, preciso transcrever? Respondemos que é sempre útil ouvir a gravação no seu conjunto, tomar notas e transcrever quando necessário. (MORIN, 2004, p. 142)

Quanto às condições que caracterizaram-se como empecilho para o uso direto do diário de campo, estas referem-se especificamente às atividades de caminhada, que em muitos casos consistiram em situações adversas, como escalada, travessias em mata fechada, em vaus, cenários chuvosos e escorregadios, dentre outros. Estas adversidades, por sua vez, imprimiram a necessidade de se carregar a menor quantidade de material possível, bem como, de associar a observação do pesquisador com a própria segurança³⁴ e não somente com o processo de levantamento de dados.

Especificamente sobre esta segunda visita em campo, foi possível observar e coletar uma gama de informações, resultando numa **motivação** muito importante para a história deste estudo, de modo que foi sugerido pelo próprio **guia 1**³⁵ e prontamente aceito

³⁴ Considerando que duas componentes do núcleo de pesquisadores locais eram menores, também foi concedida pelos responsáveis autorização mediante exposição dos objetivos, riscos e atribuições equivalentes ao presente estudo.

³⁵ Conforme exposto no item 6.2, os atores entrevistados têm identidade preservada pelo uso do codinome **guia** associado ao número equivalente à ordem de envolvimento com o estudo.

pela equipe coletiva, o retorno a esta comunidade visando aprofundar e validar os dados obtidos.

Esta região é uma das mais pobres do município, você pode notar, inclusive, pelo número de moradores que tem aqui, é muito pequeno, mas também pelo fato de que a terra aqui é acidentada demais para se cultivar em escalas maiores do que o plantio de subsistência. Tem muita gente que tem terra aqui e não mora, eu, como represento minha comunidade, acabei ficando responsável por vigiar muitas destas propriedades. Se vocês vierem amanhã eu posso mostrar mais cachoeiras que tem nesta região. (Guia 1, março de 2004)

Pode-se dizer que esta motivação da equipe nasceu a partir da fala dos próprios sujeitos, que confirmaram haver, de fato, uma lacuna a ser preenchida quanto à necessidade de reforçar a renda das famílias, mas de um modo a se preservar as inúmeras belezas escondidas em seu ambiente de vida. Assim como a própria sensação de prazer e felicidade que surge ao se estabelecer o contato com a natureza e seus elementos, em especial as águas.

Este trabalho está sendo diferente de todos os trabalhos já feitos pela UFSC e é o que eu estou gostando mais de me envolver, o que não quer dizer que eu não tenha gostado dos outros, mas neste a gente percebe que além de estar fazendo algo que gosta, porque eu adoro caminhar assim em contato com a natureza, vai estar trazendo uma proposta concreta, uma mudança real para a população. (Pesquisador Local sr. Irimar, março de 2004)

E foi a partir deste cenário, desta composição recursiva de elementos, que teve início o processo de ficar em campo, onde são trazidas as impressões, sentimentos e primeiras análises decorrentes das situações observadas e vividas coletivamente pela equipe, inclusive considerando-se este segundo pré-campo coletivo.

7. FICANDO NO CAMPO: construindo ações solidárias

Toda água é benta.
(Autor desconhecido)

O segundo momento, “Ficando no Campo”, segundo Patrício (1999, p. 70), “[...] caracteriza-se pelo processo de coleta de dados propriamente dito e pelos diferentes momentos de interação com os sujeitos de estudo”. Importante destacar que, concomitantemente a este momento de levantamento e registro de dados, também foram registradas as primeiras análises e impressões destes, considerando-se, mais uma vez, o caráter de interligação existente entre as distintas fases que compõem o estudo.

As atividades que corresponderam a este segundo momento de ação, “Ficando no Campo”, foram:

Tabela 9. Atividades do Ficando no Campo

Atividades previstas	Técnica
4. Caminhadas em campo para estudo do potencial turístico relacionado às águas.	Observação Participante/ entrevistas semi-estruturadas
5. Processo de Elaboração do Diagnóstico;	Categorização e análise interpretativa dos dados

As caminhadas em campo, incluído o segundo pré-campo coletivo, somaram a visita em **20 propriedades** espalhadas em **sete** das oito microrregiões delimitadas como universo amostral deste estudo. Isto porque uma destas microrregiões, denominada Queimado, não foi referenciada pela comunidade local ou mesmo concebida pelo núcleo de pesquisadores locais como uma área de ocorrência de pontos notáveis relacionados às águas. Além disso, não foram encontrados moradores desta região interessados em participar do estudo.

Queimado é uma das áreas mais ricas do município, é bem desenvolvida e as famílias de lá são as mais abastecidas em termos financeiros. Lá eles têm quadra de esportes, comércio, as terras são planas e boas para o cultivo, isto acaba mesmo saindo do tipo de público que está participando deste nosso trabalho. (Pesquisador local sr. Irimar, abril de 2004)

Destas 20 propriedades visitadas, também cabe esclarecer que apenas **15** estavam **ocupadas**, ou seja, em cinco propriedades visitadas não havia ocupação por parte dos

proprietários, de modo que a visitação somente foi possível devido aos acordos existentes entre proprietários e moradores do entorno, vizinhos e até mesmo arrendatários.

Das 15 propriedades ocupadas visitadas, foram entrevistados **17** atores, cujo perfil é brevemente caracterizado no item 7.7. O **guia 16**³⁶, que somaria o total de 18 entrevistados, por razões pessoais não pôde concluir sua participação neste estudo.

Considerando-se os objetivos da pesquisa, é possível caracterizar a hidrografia destas sete **microrregiões** a partir dos pontos notáveis relacionados às águas identificados em cada uma destas localidades, assim como observar as primeiras lições tiradas da percepção da comunidade local.

Respeitando a ordem cronológica de visitas e utilizando-se de uma linguagem narrativa associada a trechos dos relatos dos sujeitos participantes deste estudo, nos tópicos seguintes são apresentados os dados obtidos sobre os **pontos notáveis** e os relacionados à **percepção da comunidade** sobre a água como um atrativo natural do município.

7.1 Microrregiões do Alto Jararaca e do Barro Preto

As microrregiões do Alto Jararaca e do Barro Preto³⁷, cujas localizações estão ilustradas em cartografia (ver anexo), foram visitadas nos dias 24 e 25 de março. Segundo a setorização da Epagri, o Alto Jararaca e o Barro Preto conformam, cada uma, quatro comunidades, sendo, respectivamente as do Alto Jararaca, Arnópolis, Barrinha e Chapadão Paulo Saturnino; e Barro Preto, Alto Demoras, Rio das Demoras e Soldadinho.

Por orientação do **guia 1**, líder e representante da comunidade de Alto Jararaca, foram visitadas nestas áreas **quatro propriedades**, sendo que destas apenas duas encontravam-se ocupadas por seus proprietários.

A **primeira propriedade** pertence ao **guia 1**, e, muito embora não existam pontos notáveis relacionados as águas, há um interesse explícito por parte desta família quanto à possibilidade de consolidar na atividade turística um reforço em sua renda.

³⁶ O guia 16 é considerado pelo núcleo de pesquisadores locais como o morador mais distante da cidade em todo o município. Na ocasião de sua visita, embora aguardada por esta família, houve um chamado de emergência que implicou sua desistência.

³⁷ Somente na geração dos mapas com os dados obtidos em GPS identificou-se que estas microrregiões foram visitadas num mesmo período. Em parte isto reflete que os limites da setorização da EPAGRI são desconhecidos pela própria comunidade local, observando-se que na prática o guia 1 desconsidera que houve confluência na visita destas áreas.

[...] Só nesta localidade eu tenho, digamos, quatro casas disponíveis para receber turistas. Sendo que em duas eu tenho certeza que tenho carta branca para isso. Se quiser hospedar 20, 30 pessoas, dá. Acho que daqui mais um tempo, quando acabar a construção, lá em casa também vai sobrar alguma coisa [...] Mas falta informação, infra-estrutura e divulgação. Acho que a divulgação é a primeira coisa, porque sozinho aqui ninguém consegue nada. Mas tem que ser bem divulgado. No entanto, acho que falta interesse local. (Guia 1, março de 2004)

Neste depoimento inicial já é possível notar o forte apelo econômico que a atividade turística possui, mesmo nas populações que não têm muito clara a concepção desta atividade. Além disso, percebe-se que esta falta de informação gera confusões, ao passo que, mesmo ciente de que falta infra-estrutura para receber o turista, existe a ilusão de que o problema está na falta de divulgação.

Esta confusão tem seu sentido, uma vez que a maioria da população somente se envolve e se interessa quando vê e se convence de que não se trata de sonho e promessa, mas sim de possibilidades e oportunidades concretas.

Para despertar o interesse da comunidade é preciso, primeiro, despertar o interesse dos turistas, pois é difícil despertar o interesse de alguém sem antes ver o turista. A partir do momento que alguém procurar vai ser mais fácil convencer a pessoa, envolvê-la. As pessoas precisam primeiro ver o turista, daí a dificuldade. (Guia 1, março de 2004)

Esta desinformação sobre a atividade turística gera equívocos, ilusões, que, por sua vez, dão espaço às inúmeras externalidades do turismo. Entretanto, esta é apenas um reflexo do cenário em que se discute o alcance e a própria definição de turismo, haja vista o leque de conceitos e terminologias existentes acerca desta atividade.

Logo, esta confusão, muitas vezes transmitida pela mídia impressa, televisiva e falada, chega aos ouvidos da população, que se vê distante de uma concepção coerente com a realidade.

O turismo representa uma segunda fonte de renda, significa uma oportunidade. Só que tem lugares que é bem desenvolvido e dá para ter uma noção, é só ter certeza se vai conseguir desenvolver aqui né? Os exemplos que eu tenho de turismo são de fora, porque Alfredo Wagner hoje não pode ser citado como exemplo de turismo. Temos lugares aqui, mas por enquanto não gira, não gira nada de dinheiro em torno disso. (Guia 1, março de 2004)

Percebe-se que esta confusão é muito maior quando refere-se às múltiplas terminologias em torno dos distintos segmentos da atividade turística. O maior exemplo, neste caso, é o turismo alternativo, que ora foi alternativo, passando por turismo responsável e atualmente busca uma convergência no sentido de um turismo sustentável. Então, mais uma vez a confusão estende-se ao âmbito social.

Turismo sustentável, digamos que tem a ver com pessoas que vivem no meio rural, trabalhavam com agropecuária e hoje vivem apenas disso. Acho que o turismo sustentável é alguém que consiga se sustentar só com o turismo. Em Urubici eu vi e ouvi isso lá. (Guia 1, março de 2004)

Em contrapartida, se é preciso “ver” o turista para fazer com que a população local acredite e se interesse pela atividade turística, quando se tratam de recursos naturais, mesmo elementos de grande relevância e em evidência, como é o caso das águas no município de Alfredo Wagner, o comportamento se repete.

Isto pode ser um reflexo de um fato observado, onde percebeu-se que a população local desconhece o cenário exuberante de seu município. Uma das razões é a dificuldade de acesso, pois não existem linhas públicas a serviço da população, exceto aquelas destinadas ao transporte escolar. Este fator, à grande extensão territorial que o município possui, finda num dos principais argumentos, que, por sua vez, vêm dos próprios pesquisadores locais.

Se não fosse por esse trabalho que a gente tá fazendo eu nunca que ia conhecer esses lados. O mais longe que eu já fui foi no Rio Lessa, pois lá tem um lajeado que no verão é freqüentado pelo pessoal daqui, que toma banho, faz churrasco e toma sol lá. (Pesquisadora local Diana, abril de 2004)

Eu também, até porque é tudo muito longe, se você não tiver carro não tem como visitar e conhecer nada. Eu só conhecia o lado de Queimado, mas porque meu namorado mora lá e às vezes a gente vai na casa da família dele, mas o resto eu não conhecia nada, nem a RPPN eu nunca que ia saber que existia aqui. (Pesquisadora local Wanessa, abril de 2004)

Sobretudo, também foi possível observar que o potencial natural existe, e a exemplo da microrregião do Alto Jararaca, mostra sinais de que mesmo sem o turismo já existe impacto e degradação.



Figura 14: fotografias do trajeto ao (1º) ponto notável. (NEA, 2004)

O trajeto mostrou sinais de poluição e degradação, atribuídos à enxurrada das chuvas recentes, que carregam os resíduos sólidos e químicos utilizados nas plantações e cultivos nas áreas de entorno.

Sobre este aspecto, vale ressaltar que esta foi a primeira impressão que a equipe coletiva teve ao realizar uma hora e 40 minutos de caminhada em mata fechada para chegar até o **primeiro ponto notável** relacionado às águas, situado na **segundaº propriedade** visitada com a orientação do **guia 1**.



Figura 15: fotografias no trajeto e do (1º) ponto notável da microrregião do Alto Jararaca. (NEA, 2004)

A água observada neste caminho e caracterizada pela formação desta cachoeira de aproximadamente 30 metros de queda é percebida como um atrativo natural devido sua beleza cênica associada a sua abundante quantidade.

As águas aqui têm potencial para o turismo, na minha opinião, tanto pela forma geográfica em que elas se encontram, quanto pelo fato dela muitas vezes ser uma água forte e pura e que nasce na própria região. Temos muitas cachoeiras, além desta conheço outras aqui no Alto Jararaca, mas vocês terão que voltar outro dia porque esta aqui vai levar a manhã toda. (Guia 1, março de 2004)

Muito embora, o **guia 1** tenha mencionado questões como a qualidade da água encontrada nesta região, é preciso reconhecer que não há estudos ou parâmetros efetivos que comprovem esta afirmação. Ao contrário, a paisagem circundante põe em dúvida a real proteção e qualidade desta água, considerando-se que o cume desta cachoeira localiza-se muito próximo à estrada no alto da serra.

Também é importante destacar que apesar de se tratar de uma água corrente com aparência cristalina, pode haver fontes poluidoras não-localizadas, a exemplo da disposição de resíduos líquidos e químicos escoados superficialmente ou lixiviados, assim como o lançamento aleatório de detritos sólidos, resultando em trechos de água turva visualizados ao longo do trajeto até este ponto.

Esta cachoeira em si mostra-se adequada para **contemplação**, além de possuir altura equivalente às proporções necessárias para práticas de rapel e de escalada. Estas atividades estão enraizadas na lógica do **turismo de aventura**, no entanto, sua prática livre e dissociada de um planejamento e fiscalização pode resultar em sérios problemas. Um exemplo refere-se ao uso do equipamento, que requer a perfuração da rocha, implicando, por sua vez, a atenção e fiscalização deste tipo de procedimento, além das recorrentes situações de perigo que exigem um acompanhamento profissional comprovado.

De modo geral, este **primeiro ponto notável**, resguarda um forte potencial ao turismo sustentável – considerando, inclusive, práticas de um turismo aventura, desde que organizado, planejado e orientado, tendo em vista que o seu acesso, com nível de dificuldade alto, pode resultar num critério natural de proteção e seleção dos turistas.

O **segundo ponto notável** relacionado às águas, situado na **terceira^o propriedade** visitada com a orientação do **guia 1**, refere-se a uma cachoeira de aproximadamente 10 metros.

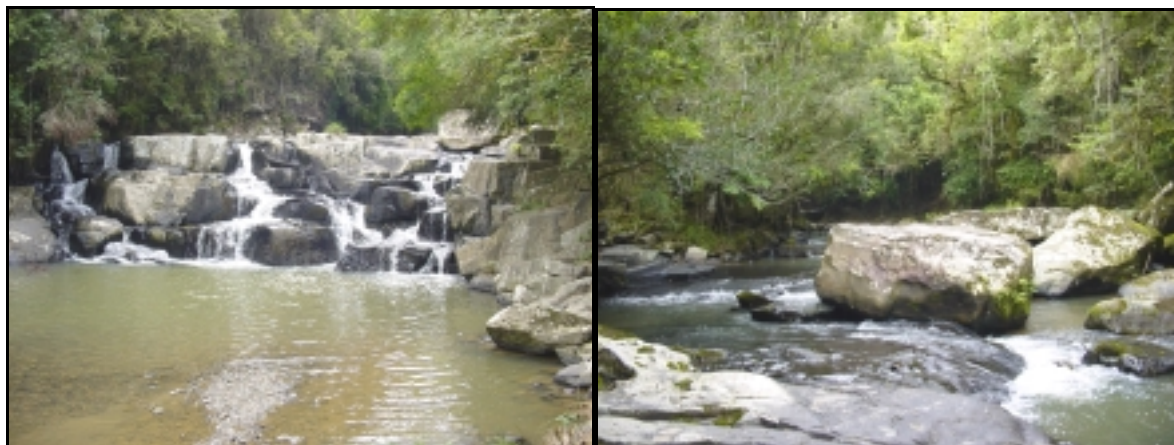


Figura 16: fotografias do (2^o) ponto notável da microrregião do Alto Jararaca. (NEA, 2004)

Esta propriedade nunca foi ocupada por moradores, de modo que não foi possível entrevistar os proprietários e nem mesmo os vizinhos, que, segundo o **guia 1** estavam na roça.

Aqui do lado mora uma família bem humilde, eles são em quatro, o pai, a mulher os dois com idade bem avançada, e os dois filhos. Eles devem estar na roça, mas não tem problema passar por aqui, porque é o único caminho para chegar a outra propriedade. (Guia 1, março de 2004)

O **segundo ponto notável** aparenta potencial para **banho e contemplação**, inclusive na visão do **guia 1**. Muito embora não existam dados efetivos que comprovem a balneabilidade deste local, a paisagem circundante de mata fechada, aliada ao fato de que não foram encontrados vestígios de resíduos sólidos ou líquidos e à aparência cristalina da água parecem sustentar esta possibilidade. Entretanto, não desconsidera-se a importância dos estudos e análises da água em locais como este.

A trilha que percorremos da propriedade do vizinho até aqui foi aberta e é mantida por eles mesmos, que costumam vir aqui se banhar. Esta água deve ser boa mesmo, porque ela nasce no topo deste morro, que tem uma nascente e desce até esta propriedade, chegando nesta cachoeira. (Guia1, março de 2004)

Apesar de se tratar de uma água corrente com aparência cristalina, deve-se considerar que esta também é uma microrregião em que registra-se atividades agrícolas associadas ao uso de agrotóxicos, que, por sua vez, pode constituir uma segunda fonte poluidora não identificada.

Esta água se encontra com o Rio Alto Jararaca que percorre toda esta região, então há sempre a possibilidade de contaminação por agrotóxico, já que nesta área tem plantações e cultivos em que o agrotóxico é usado, além disso, no alto da propriedade vizinha tem um cemitério de anjinhos, só crianças foram enterradas ali. (Pesquisador local sr. Irimar, março de 2004)

De modo geral, este **segundo ponto notável** apresenta potencial ao turismo sustentável, considerando inclusive a presença dos moradores do entorno, que, uma vez sensibilizados, envolvidos e informados, podem vir a ser guardiões desta localidade.

O **terceiro ponto notável** situa-se na **quarta propriedade** visitada com a orientação do **guia 1**.

Ao longo do trajeto, que em parte pode ser percorrido de carro, numa estrada que segundo o pesquisador local sr. Irimar e o **guia 1** possui aproximadamente uns 100 anos e que mais adiante requer uma caminhada de 25 minutos devido às péssimas condições da estrada³⁸, foi encontrado o proprietário roçando a entrada de suas terras.

Com a devida autorização deste, prosseguiu-se o percurso a pé e após 15 minutos a equipe coletiva alcançou a sede da propriedade. Sob orientação do **guia 1**, foi possível percorrer uma pequena parte dos 90,3 hectares de terra que conforma esta propriedade, que além de possuir o Rio Alto Jararaca correndo aos fundos, ainda possui três cachoeiras distantes apenas alguns metros uma da outra.

Destas cachoeiras duas possuem apenas o som da queda de suas águas como testemunha de sua presença, pois apenas uma possui acesso irrestrito. Nesta, a água observada é caracterizada por uma queda de aproximadamente 45 metros e por uma cavidade natural transformada em altar sacro.

³⁸ Cabe esclarecer que segundo o núcleo de pesquisadores locais, estas estradas estão nestas condições por não serem estradas de manutenção pública, mas sim privadas, a exemplo da referida estrada cujo acesso é exclusivo a propriedade visitada, já que é a última desta área.



Figura17: fotografias do (3º) ponto notável da microrregião do Alto Jararaca. (NEA, 2004)

Percebe-se que além de ser concebido como um atrativo natural devido a sua beleza cênica, associada à exuberância do local, este **terceiro ponto notável** é bastante visitado pela comunidade e moradores do entorno, em especial nos períodos de festivais religiosos.

Esta gruta é muito visitada pelos moradores da região, que costumam vir aqui visitar e rezar. Este altar e estas imagens foram colocados pela própria comunidade, que traz parentes, amigos. Na época dos festejos isso aqui enche de gente. (Guia 1, março de 2004)

Esta cachoeira apresenta potencial para **contemplação**, além das práticas religiosas que indicam um propenso turismo religioso interno. Na paisagem circundante, nota-se a presença de mata nativa, em especial nas encostas da serra, numa região acidentada, em que se mistura o cultivo de feijão e milho ao reflorestamento de *Pinus elliotii*.

Somente foram encontrados vestígios de resíduos sólidos e líquidos nos córregos que atravessam a propriedade para se encontrarem com o Rio Alto Jararaca situado aos fundos da casa-sede. Nesta última, nota-se a ausência de um sistema de saneamento, resultando no lançamento do esgoto diretamente no leito do rio.

No tocante à situação da água observada neste **terceiro ponto notável**, de acordo com o proprietário e nesta ocasião **guia 2**, embora não tenha chovido com frequência nos

últimos dias, a diminuição da quantidade desta em suas terras pode estar relacionada ao reflorestamento da mata nativa que uma vez eliminada diminui as condições locais de evapotranspiração. Por outro lado, o próprio **guia 2** garante que o único prejuízo esteja relacionado a quantidade desta água.

Faz tempo que não chove. Deu uma chovida esses dias, mas foi muito pouco. Eu notei que depois que eles começaram a cortar os pinheiros começou a diminuir mais a minha água. [...] Eu acho que aquela água que vem na casa é limpa. A gente toma aquela água e não passa mal, faz a comida com ela e tudo. E do lado de cá, a água que vem das pedras, pelo acostamento, onde é plantado o *pinus* também é limpa. O *pinus*, não tem poluição nenhuma, não tem agrotóxico, ninguém põe veneno, então pelo menos, não prejudica em nada a saúde. (Guia 2, março de 2004)

Já nos primeiros depoimentos fica nítida a percepção do **guia 2** quanto à relação da água como um atrativo natural em evidência no município.

Olha que essas cachoeiras altas, isso aí é uma grande coisa. Tem gente que vem de fora e adora né? É o turismo entende? Que nem em Águas Mornas. Lá tem a natureza e as cascatas, isso é uma grande coisa. Não tem poluição, não tem nada. Eu acho que o turismo mais lindo é no mato. (Guia 2, março de 2004)

A concepção de turismo, na visão do **guia 2**, embora caracterize um certo distanciamento quanto às implicações de uma atividade não-planejada, mostra um contexto que vai mais além do que a discussão sobre o turismo no cenário atual. Isto porque, ao passo que é mencionado, de forma sutil, o viés econômico, também é manifestado o caráter educativo e sensibilizador que esta atividade, quando devidamente organizada, pode alcançar.

O turismo é grande coisa. Do que a cidade de Florianópolis tá vivendo? É de turismo. É lazer. O lazer pode ser a praia, a cachoeira, preservar as árvores, a natureza, não destruir a natureza. Pra mim, não destruir a natureza é uma grande coisa. Eu nunca derrubei nada na minha propriedade, para não destruir a água e a natureza. (Guia 2, março de 2004)

Entretanto, mais uma vez observa-se a necessidade de informação junto à população sobre a atividade turística e suas segmentações, implicações e necessidades, pois mesmo quando há um bom senso sobre a relação do turismo sustentável com questões que ultrapassem o viés econômico, nota-se que esta falta de informação e esclarecimento gera um desinteresse e a exclusão por parte da população.

Não sei o que é turismo sustentável e nem nunca ouvi falar em turismo sustentável. Eu acho que o turismo é grande coisa, mas o cara também tem que ter como investir. (Guia 2, março de 2004)

De modo geral, este **terceiro ponto notável** apresenta um rico potencial ao turismo sustentável, considerando o seu difícil acesso como filtrador ao próprio perfil do visitante, a existência de outros atrativos naturais equivalentes e de extremo valor, porém protegidos e assim mantidos pelos proprietários, além da visitação por parte dos moradores do entorno, que já indica um reconhecimento ao potencial turístico desta área pela comunidade local.

7.2 Microrregião do Rio Engano

A segunda microrregião visitada foi a do Rio Engano, cuja localização é ilustrada em cartografia (ver anexo). Esta compreende uma única comunidade de mesmo nome, porém geograficamente acentuada.

No dia 31 de março foram visitadas, nesta área **sete propriedades**, sendo que destas apenas uma encontrava-se desocupada por seus proprietários. A **primeira propriedade** pertence ao **guia 3** que juntamente com sua família, demonstrou um forte interesse em consolidar na atividade turística um reforço em sua renda, embora o próprio reconheça não ter certeza do que venha a ser o turismo.

Essa conversa sobre o turismo eu já ouvi falar por aí e eu acho que significa o passeio de pessoas para lugares diferentes, para descansar. Em Urubici eu ouvi falar que tem muito disso, de gente que tá buscando melhorar a sua renda. (Guia 3, março de 2004)

Além de ouvir histórias sobre municípios como Urubici, o **guia 3** admite já ter visto e ouvido, em programas de rádio e televisão, experiências sobre o turismo, inclusive a respeito do turismo sustentável.

Eu já ouvi falar também sobre o turismo sustentável, na televisão, em rádio, mas eu não sei dizer o que significa. A gente ouviu na tevê, mas às vezes nem dá tanta importância para aprender o significado da coisa. (Guia 3, março de 2004)

Entretanto, mais uma vez é preciso admitir que em parte isto pode ser um reflexo da dificuldade que a população encontra em compreender o universo do turismo e suas múltiplas relações e denominações, enquanto um tema que se mostra confuso e por vezes incoerente.

No que se refere às águas, para o **guia 3** de fato existe um potencial sobre as águas para o desenvolvimento do turismo no município, considerando-se, acima de tudo, as belezas cênicas reveladas pelos caminhos das águas.

Tem bastante lugar bonito aqui. Eu acredito que a nossa água aqui se mostra muito bonita em alguns lugares. Aqui na minha propriedade mesmo é um exemplo. (Guia3, março de 2004)

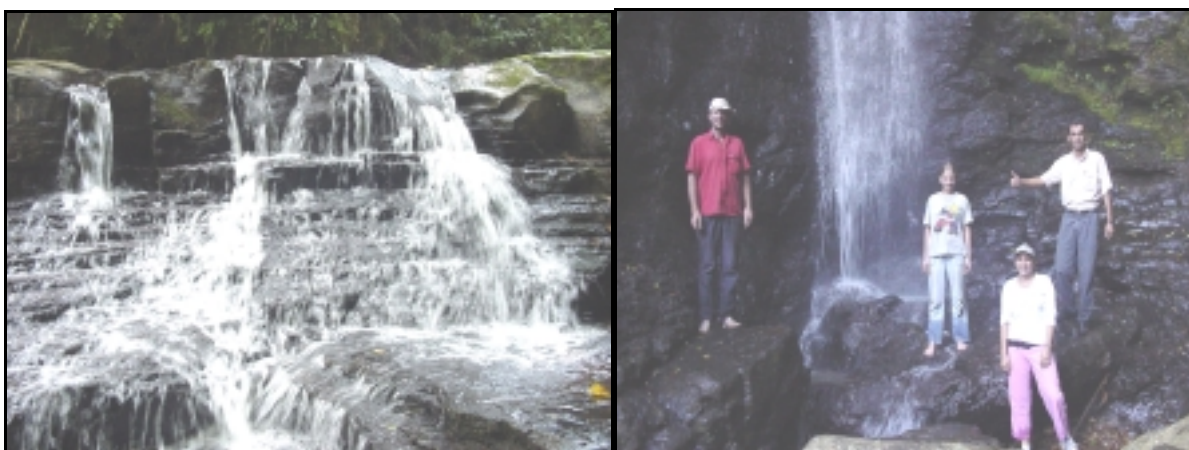


Figura 18: Fotografias do (1º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)

O **primeiro ponto notável** a que se refere esta propriedade é uma cachoeira de aproximadamente 15 metros de queda, associada a um percurso em uma trilha semi-aberta com trechos de travessia pelo Rio Engano, caracterizado por pequenas formações de cascatas.

Esta cachoeira apresenta potencial para **contemplação, banho, rapel e escalada**. Sobre o aspecto da balneabilidade, muito embora não existam parâmetros, estudos e análises que atestem e comprovem esta característica, a mesma é inicialmente confirmada pelos **guia 3** e pesquisador local sr. Irimar. Além disso é possível mencionar a aparência cristalina e o fato de que esta é uma água corrente que nasce dentro dos limites da propriedade, não excluindo, porém, a necessidade de atestar sua real condição no aspecto da qualidade e balneabilidade.



Figura 19: Fotografias do (1º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)

Os demais potenciais remetem a questões anteriormente observadas, e que, na prática, podem ser reforçadas por duas características:

- o fácil acesso até a propriedade, numa lógica de seleção de visitantes, é compensado pelo percurso de 15 minutos considerado em níveis entre difícil e moderado pela equipe coletiva; e
- o fato desta propriedade constituir-se numa pequena área de floresta fechada de mata nativa preservada, associada à existência de uma trilha semi-aberta que representa um caminho natural, originalmente concebido como uma estrada de boi, cuja história está resguardada na memória do **guia 3**.

De modo geral, este **primeiro ponto notável** apresenta um forte potencial ao turismo sustentável, incluindo o turismo aventura, considerando práticas organizadas, planejadas e devidamente orientadas para a visitação de turistas.

A **segunda propriedade** pertence ao **guia 4** e, muito embora não existam pontos notáveis relacionados às águas, há um interesse explícito por parte deste ator em envolver-se com outras atividades, além daquelas relacionadas à função agrícola.

Eu me interessou por outras oportunidades que possam mudar meu futuro. Não gostaria de continuar trabalhando o resto da vida no campo. Eu gostaria de aprender outras coisas. Tem uns 15 dias, mais ou menos, eu ouvi meu vizinho falando sobre turismo, sobre nosso lugar, e fiquei bastante interessada. (Guia 4, março de 2004)

Tendo sido localizado pelo núcleo de pesquisadores locais, o **guia 4** mostrou interesse pela temática deste estudo, de modo que percebe-se duas questões muito fortes. A primeira é a possibilidade de incluir os jovens e os interessados, que, de modo geral, se sentem à mercê do destino, desejando novas oportunidades para crescer, aprender e tentar outros rumos. A segunda, é que além de possuir um visível potencial natural para o desenvolvimento do turismo sustentável, o município também dispõe de uma população interessada, ávida por fazer parte de uma mudança.

O turismo são informações, passeios de turistas a municípios e localidades diferentes. Eu acho que nosso município tem potencial. Em Queimado, por exemplo, os turistas poderiam visitar o ginásio de esportes e outros lugares vizinhos. (Guia 4, março de 2004)

Ao passo que nota-se o interesse, inclusive a coerência sobre o que constitui-se a atividade turística, observa-se, constantemente, a carência pela informação, pelo esclarecimento, que, por sua vez, deve ser feito de modo a respeitar a linguagem simples, a cultura e os interesses desta população.

No depoimento do **guia 4** fica registrado que embora teoricamente sua concepção de turismo seja coerente, há uma certa dose de incerteza acerca do que poderia de fato vir a ser um atrativo aos turistas. Isto pode ser reflexo da carência de informação, como, também, uma falsa ilusão (que, inconscientemente, desprestigia as características do próprio lugar de origem) na forma de expressar o que os turistas buscam como lazer.

Ainda sobre este aspecto, cabe salientar que este também pode ser o retrato da prática pedagógica do ensino local, que é desvinculada de propostas que privilegiem a formação dos alunos frente uma educação ambiental voltada à realidade do próprio município, como mencionado no capítulo 5 deste trabalho e melhor contextualizado no trabalho de Schimitz (2003).³⁹

Por outro lado, este também pode ser um meio de expressar alternativas que possam substituir a perda em torno dos atrativos naturais, que, a exemplo da água, segundo o **guia 4** estão desaparecendo.

³⁹ SCHIMITZ, 2003, op.cit. O referido trabalho buscou compreender, sob a perspectiva dos profissionais da educação a realidade do ensino no município e suas condições frente a um desejado compromisso com os cuidados ambientais e qualidade de vida da população local.

O município tem muita água, mas estão secando. Além disso, não é mais como antes, em que se podia tomar banho no rio, agora eu já não tomo banho no rio, pois a água está muito suja. (Guia 4, março de 2004)

No aspecto do turismo sustentável, os depoimentos acima já dão sinais de que se desconhece a existência de uma preocupação em realizar um turismo de forma ética, inserido na realidade da cultura e da simplicidade das comunidades mais afastadas do ambiente urbano.

Eu não sei o que é, até porque nunca ouvi falar em turismo sustentável. Não consigo dizer, porque não tenho idéia. (Guia 4, março de 2004)

Isto vem a reforçar a necessidade em se realizar programas de educação voltados para a população em geral, a fim de que esta possa ter condições de participar ou mesmo se proteger de possíveis mudanças e transformações desejadas e indesejadas acerca do turismo.

O **segundo ponto notável** relacionado às águas está situado **terceira propriedade** visitada na microrregião do Rio Engano. No entanto, este não foi o único motivo que resultou nesta visita, pois segundo o pesquisador local sr. Irimar, a propriedade em si mostrava-se com um enorme potencial a ser trabalhado, além do interesse manifesto por parte dos proprietários acerca da atividade turística de reforço à renda familiar.

Tal potencial de fato pôde ser percebido e comprovado ao longo desta visita, pois a casa-sede em estilo germânico, apresenta estruturas atualmente raras na região, associadas, sobretudo, ao cuidado da família em preservar a sua história e a cultura alemã, através de utensílios domésticos, ferramentas, mobílias, roupas e objetos em geral. Além disto, nesta propriedade nota-se o interesse pelo manejo de plantas e ervas medicinais, árvores frutíferas e leguminosas, que já vêm sendo utilizadas no preparo de compotas e conservas.



Figura 20: Fotografias da (3ª) propriedade visitada na microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)

Mas cabe esclarecer que a insistência pela afirmação de uma atividade turística apenas de reforço à renda familiar remete a duas questões, sendo a primeira uma preocupação da equipe em tratar de um tema que não venha a substituir o estilo de vida da comunidade local, mas sim melhorar sua qualidade de vida. Em segundo lugar, o reconhecimento de que, a exemplo desta família, existe uma noção, por parte da própria comunidade local, de que se envolver com outra função exigirá mais mão-de-obra, tempo e dedicação, de modo que o interesse pelo turismo se limita e, portanto, se encaixa num turismo planejado, organizado e de fato equitativo.

A gente sempre teve a preocupação em guardar muita coisa, a casa tá cheia de acervo da família, rádio, móveis, utensílios e ferramentas em geral. Além disso, a casa tem vários quartos, um sótão, um galpão, onde se prepara o fumo, e um engenho da época do meu avô, onde eu produzo melado. A produção de melado é uma das minhas fontes de renda, eu sou o único que produz melado nesta região e isso me toma muito tempo. Então a gente tem interesse, mas ao mesmo tempo se preocupa com a coisa da dedicação ao se meter com mais um afazer. (Guia 5, março de 2004)

Isto mostra que esta família, dentro de suas limitações, possui uma noção mais clara do que vem a ser o turismo e suas implicações.

Eu acho que o turismo é um troço bom para o pessoal vir para nossa cidade. Da cidade do interior mesmo, para ver o que nós temos guardado, como por exemplo, a tafona do meu avô, nosso engenho de açúcar, que todo ano nós preparamos melado. (Guia 5, março de 2004)

Entretanto, quando se trata de relacionar esta noção mais coerente acerca do turismo e suas implicações com a preocupação anteriormente caracterizada, esta clareza se

perde e dá indícios de maiores confusões conceituais, tais como a paridade entre os termos turismo sustentável e turismo sustentado.

O turismo sustentável é uma atividade que sustenta toda a família. Até o rapaz que trabalha na lanchonete, esses dias me disse que tem o turismo que se sustenta sozinho. Ele disse que a filha dele, que trabalha lá na casa de um irmão dele em Urubici, disse que o turismo sustenta toda a família dele e mais quatro empregados. Então eu acho que é isso mesmo, um turismo que sustenta toda a família. (Guia 5, março de 2004)

Entende-se que estas distintas formas de encarar o turismo remetem às ações centradas nas atividades que auferem auto-sustentação econômica (turismo sustentado) ou nos elementos e demais interesses que as tornam possível, benéfica, equilibrada e perene (turismo sustentável), de modo que o **guia 5** não deixaria de ter razão caso estivesse referindo-se a um turismo sustentado. Mas certamente esta proliferação de definições e conceitos, ao se estender ao âmbito social, também gera suas confusões.

Nesta propriedade o **segundo ponto notável** refere-se a uma pequena cascata localizada na entrada da casa-sede.



Figura 21: Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)

Percebe-se que a água, na visão do **guia 5**, somente é concebida como um atrativo natural quando associada a sua quantidade, qualidade e característica geográfica.

Neste município tem bastante água, só que agora tá meio fraca. Mas tem água pra isso sim, água que não tem veneno, nem nada, que tá limpa por enquanto.[...] Tem, por exemplo, a cachoeira mais bonita naquele arroio que sobe lá né, tem umas cachoeiras lá dentro que tem que ter corda para descer e tudo. No Riozinho tem um salto de 15 metros. (Guia 5, março de 2004)

O **segundo ponto notável** apresenta potencial para **contemplação**, inclusive o mesmo vem acrescentar a esta propriedade um cenário mais atraente e bucólico. Na paisagem circundante nota-se a presença de mata nativa, em especial nas encostas da serra, numa região acidentada. O acesso até esta propriedade é fácil, podendo ser realizado de carro, a pé ou mesmo a cavalo.

De modo geral, este **segundo ponto notável**, associado ao patrimônio histórico-cultural que se faz presente na memória e no acervo da família, bem como na origem germânica da construção referente à casa-sede, ao galpão e o depósito, apresenta um rico potencial ao desenvolvimento da atividade turística sustentável no município.

A **quarta propriedade** visitada pertence ao **guia 6** que demonstrou pouco interesse em envolver-se com a atividade turística, mesmo numa lógica de reforço à renda familiar. Entretanto, observou-se, ao longo da visita, que o desinteresse não é decorrente de uma apatia ou aversão ao que esta atividade pode representar, mas sim uma consequência da falta de esclarecimento e entendimento sobre o tema, combinado com uma dose de baixa estima.

Não sei o que é turismo. Não sei nem o que dizer. Também nunca ouvi falar em turismo sustentável. Eu sou uma velha já, que já aprendeu o que tinha de aprender. Moro aqui há nove anos com meu marido cercada pelos meus filhos, noras e netos que vivem na casa deles aqui nos fundos. [...] Eu tenho uma outra filha que mora lá embaixo e ela vem muito aqui com os conhecidos dela também. O pessoal gosta de vir aqui pescar no meu açude, tomar banho na cachoeira, porque aqui é um lugar muito legal. (Guia6, março de 2004)

Nesta propriedade está o **terceiro ponto notável**, que se refere a uma queda d'água com potencial para **contemplação e banho**, segundo o **guia 6**. Embora não existam estudos que comprovem a balneabilidade deste local e apesar da aparência turva da água, esta condição é veementemente atestada por este guia.

“[...] Nós não só olhamos não, tomamos banho também, a água tá escura por causa de muita chuva que deu ontem, porque ela costuma ser limpinha”. (Guia 6, março de 2004)



Figura 22: Fotografias do (3º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)

Também se observou, nesta visita, que a água, devido exclusivamente a sua abundância no município, é concebida como um atrativo natural em potencial ao turismo nesta região.

Acho que o município pode contar com a água sim porque tem bastante água no nosso lugar. Tem gente que fala que logo, logo, não vai ter água, que daqui há três anos não vamos mais ter toda essa água. Mas olha ali embaixo [apontando para o rio que corre atrás da casa-sede] tem uma pedra que eu lavava roupa. Ainda não pude lavar minha roupa porque a pedra foi coberta pela água já tem um tempão. Então eu acho que a água não tá secando, tá aumentando. Então eu acho que a água não vai secar, tá aumentando, porque mesmo que tenha gente ficando sem água aqui eu não fiquei. (Guia 6, março de 2004)

Na paisagem circundante nota-se a presença de mata nativa, em todo entorno da propriedade, que está situada nos limites dos municípios catarinenses de Alfredo Wagner e Imbuia. O acesso a esta propriedade é fácil, podendo ser realizado de carro, a pé ou mesmo a cavalo. De modo geral, este **terceiro ponto notável** apresenta-se como mais um exemplo do potencial deste município ao desenvolvimento de um turismo sustentável.

A **quinta propriedade** visitada nesta microrregião pertence à família dos **guia 7 e 8**, que são irmãos e moram com suas respectivas famílias nesta localidade, mantendo-a, mesmo desocupada, como uma herança adquirida por parte de pai.

Entretanto, cabe esclarecer que além desta propriedade os **guias 7 e 8** possuem propriedades individuais, que por fins de organização serão aqui referenciadas a partir das observações obtidas e pautadas ao longo das visitas e entrevistas realizadas junto aos demais membros da família, **guias 9 e 10**.

Nesta **quinta propriedade** registra-se o **quarto ponto notável**, que, por sua vez, refere-se a uma cachoeira de aproximadamente 20 metros de queda.



Figura 23: Fotografias do (4º) ponto notável da microrregião do Rio Engano. (NEA, 2004)

Localizado nas margens da estrada geral e protegido unicamente pela rasa cobertura de mata ciliar existente em seu entorno, este **quarto ponto notável**, possui fácil acesso, caracterizado por um percurso de 5 minutos numa trilha descendente, ou seja, em declive.

Na paisagem circundante nota-se a presença de mata nativa, numa região levemente plana, por onde, inclusive, corre o Rio Engano num trecho de estirão⁴⁰. A água, que na visão do **guia 7** pode representar uma forma de atrair os turistas para a região em virtude de sua quantidade e beleza cênica, a exemplo deste **quarto ponto notável**, deixa dúvidas mesmo em sua relação de quantidade, como afirma o **guia 8**.

Eu acredito que pelo fato de que existe muita água e muitos lugares bonitos em nosso Município tem condições da água incentivar esse turismo. O Salto, por exemplo, é um lugar para se levar os turistas. (Guia 7, março de 2004)

Pode até ser um atrativo, mas cada vez mais os rios vêm secando, e nossa cachoeira é um exemplo. (Guia 8, março de 2004)

De fato, existe uma grande dúvida em torno desta relação de quantidade e qualidade das águas, haja vista sua aparência turva associada à existência de inúmeras plantações e cultivos de grande porte, que sugerem o uso de agrotóxico, além da presença de resíduos sólidos espalhados na mata e no rio.

⁴⁰ De acordo com Guerra & Guerra (1997, p. 249) estirão “[...] são trechos de rios em linha reta ou quase reta”.

Logo se percebe que a área equivalente a este **quarto ponto notável**, com enorme potencial para **contemplação**, mostra sinais de urgência quanto ao uso de medidas paliativas e educativas direcionadas à proteção deste ambiente natural.

A cachoeira está com um grande volume de água em virtude das chuvas recentes, mas é este barulho decorrente do grande volume de água que atrai os curiosos que passam pela estrada até esta cachoeira. [...] Esta turma, que não percebe o valor deste lugar, chega aqui, e faz festa, já que os proprietários não impedem que os curiosos circulem à vontade, e fazem isso que estamos vendo, deixam lixo espalhado no chão, no rio, escrevem seus nomes nas rochas expostas e ainda fazem churrasco na raiz de uma árvore centenária como esta. (Pesquisador local sr. Irimar, março de 2004)

Sabe-se que o turismo, por depender de um espaço natural limpo, conservado e protegido, pode vir a ser uma forma de despertar esta visão ecológica e conservadora na comunidade local, mesmo que para isto utilize-se, inicialmente, do viés econômico para despertar a atenção desta população.

De modo geral, este **quarto ponto notável** apresenta-se adequado para a **contemplação**, entretanto seu acesso fácil requer atenção dobrada com a proteção e preservação deste local, que se mostra como mais um importante atrativo natural do município para o desenvolvimento de um turismo sustentável.

A **sexta propriedade** visitada pertence ao **guia 7** e **guia 9**, e, muito embora não existam registros de pontos notáveis nesta propriedade, a mesma relaciona-se com a existência de outros atrativos turísticos. Além disso, o **guia 7** e sua família demonstraram um grande interesse em envolver-se com a atividade turística, considerando uma lógica de reforço à renda familiar, embora não possuam informação e conhecimento acerca de segmentos que, a exemplo do turismo sustentável, caracterizem também um turismo de inclusão.

A gente tem bastante interesse em saber e aprender mais sobre o turismo, até porque a gente tem interesse nas coisas que a UFSC faz e porque a gente, incluindo meu filho, anda com vontade de investir em algo diferente. [...] Mas eu nunca ouvi falar em turismo sustentável, não sei nem o que dizer. (Guia 9, março de 2004)

Dentre os demais atrativos é possível mencionar a atividade de PRV – Pastoreio Racional Voisin, uma prática diferente e inovadora na criação de bovinos que resulta numa forma mais simples e econômica de produzir leite à base de pastagem.

O nome Voisin se deve ao sobrenome do bioquímico André Marcel Voisin, criador deste projeto. Em 2002, este projeto foi implantado em Alfredo Wagner contando com quatro famílias, hoje já conta com 16. [...] O PRV surgiu da necessidade de os agricultores terem uma maior independência financeira, pois, convencionalmente, para a obtenção de ração e produtos veterinários, o agricultor estava trocando leite por ração, além de se passar por garçom de vacas. [...] O resultado é um produto ecologicamente recomendado e não-prejudicial à saúde, com baixo custo de produção e aumento da capacidade de suporte da pastagem. (AW NOTÍCIAS, Nº 0, dezembro de 2003)

Além disto, na propriedade existe um galpão onde está armazenado um antigo engenho, algumas ferramentas e utensílios domésticos e até mesmo uma charrete. Embora todos estes necessitam de reparos e de um específico trabalho de restauração, são registros de uma memória coletiva a ser preservada e valorizada por esta família. Através da atividade turística sustentável é possível influenciar, de forma positiva, situações como esta, em que um precioso acervo histórico-cultural está se perdendo.

De modo geral, esta **sexta propriedade** possui uma localização de fácil acesso e combina uma série de possibilidades para o estabelecimento de atrativos turísticos associados à prática de um turismo sustentável.

A **sétima propriedade** visitada pertence ao **guia 8 e guia 10**, e, da mesma forma que a propriedade anterior, não apresenta registro de pontos notáveis, entretanto também nota-se a presença de outras potencialidades ao turismo sustentável, a ver como exemplo uma casa recém-construída que poderia ser utilizada para o receptivo de turistas, segundo os próprios **guia 8 e guia 10**.

Nós construímos uma casa maior, esta aí em frente, que já está em fase final de acabamento, com tudo que tinha direito, churrasqueira, varandões, bem diferente dessa nossa casa, que é em estilo alemã como vocês podem ver. Mas daí, agora ninguém quer mais se mudar, nem os filhos. Então como a gente recebe muita visita, gostamos realmente de receber visitas, somos até conhecidos por isso, pode ser uma possibilidade pra gente deixá-la para uso desses turistas. (Guia 10, março de 2004)

Nós sempre recebemos visitas e as pessoas dizem que somos muito acolhedores, e deve ser mesmo, pois sempre voltam. Nós já chegamos a receber 40 pessoas em nossa casa. Agora nós temos esta casa nova, Falta pouco pra terminar, se o pedreiro não tivesse sumido ela já estaria pronta. Mas a gente desistiu de se mudar, deu um dó. São muitos anos apegados a esta casa e nós não queremos mais nos mudar. Eu poderia muito bem receber turistas nesta minha casa nova e continuar tranqüilamente na minha casa velha com minha família. Se der certo essa história de turismo aqui, seria bom pra mim. Nós plantamos fumo e milho, mas tem um período que a gente fica parado sem fazer nada, só aguardando o tempo para outra safra. (Guia 8, março de 2004)

O turismo em todas as suas nuances, por ser uma atividade sazonal, permite conciliar, quando num contexto planejado e organizado, o receptivo de turistas durante épocas de poucas atividades, principalmente considerando-se uma população receptora rural, que em geral também vive de atividades sazonais. Entretanto, esta não é uma regra geral, e, na prática, pode haver reações diferentes.

O turismo é uma coisa boa tanto pra quem oferece quanto pra quem vai visitar. [...] Eu não sei explicar o que é o turismo sustentável, mas já ouvi falar na televisão. Parece ser algo bom. (Guia 10, março de 2004)

Turismo é movimento de pessoas, passeio de pessoas que vão conhecer lugares diferentes. [...] Também não sei explicar, mas já ouvi na televisão falar sobre o turismo sustentável. (Guia 8, março de 2004)

Nota-se sempre a dificuldade em lidar com a compreensão do foco principal que vem a caracterizar o turismo sustentável, isto mostra que, independente de uma prática voltada aos princípios da sustentabilidade, existe uma necessidade e um compromisso ético de esclarecer a população residente em cidades e localidades próximas a áreas e equipamentos turísticos e, principalmente, aquela denominada receptora, sobre os riscos e oportunidades que podem repercutir em diferentes níveis nas suas vidas e nos ambientes tocados pelo turismo.

De modo geral, esta **sétima propriedade**, que possui uma localização de fácil acesso, resultou numa avaliação unânime da equipe de pesquisadores locais, ao afirmar que “[...] unindo a imagem da casa nova com o aconchego da casa antiga, o jeito hospitaleiro desta família e a própria cachoeira, que pertence à família, nota-se um grande potencial”.

7.3 Microrregião de São Wendelino

No dia 1º de abril foi visitada a microrregião de São Wendelino, ilustrada em cartografia (ver anexo) e composta por duas comunidades: São Wendelino e Barro Branco. Nesta área foram visitadas **quatro propriedades**, sendo que, destas, duas encontram-se desocupadas por seus proprietários.

A **primeira propriedade** visitada nesta microrregião foi indicada pelo **guia 11**, que apresentou-se bastante solícito nas referências acerca de pontos notáveis nesta área.

Eu acho que turismo é uma coisa boa, ao menos é o que a gente ouve na televisão e também foi o que eu vi lá em Urubici. Mas se vocês querem ver coisas bonitas eu digo pra vocês que aqui mesmo em São Wendelino não tem muito para ver não, mas

em Barro Branco tem muita coisa em termos de água. Depois do terreno da minha avó, passando a porteira já se avista uma cascata grande, bonita. Mas é na propriedade do lado que tem a maior cachoeira e a mais bonita de todas que tem nessa região. Faz tempo que eu não vou lá, mas outras pessoas também foram, tiraram foto e tudo. (Guia 1, abril de 2004)

Nesta **primeira propriedade**, no momento da visita, foram encontrados os proprietários de saída, mas que permitiram a entrada e deram as últimas indicações acerca do local. O **primeiro ponto notável** observado nesta microrregião, por indicação do **guia 11**, refere-se a uma cachoeira. Entretanto, esta se encontrava absolutamente seca, e, segundo a vizinhança, isto já faz algum tempo, de modo que o abastecimento doméstico está sendo garantido por um dos vizinhos.



Figura 24. Fotografia do (1º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004).

Embora esta propriedade não apresente mais a beleza cênica de antes, o seu aspecto atual permite uma clara visão do cenário resultante de escassez da água. Desta forma, o **primeiro ponto notável** desta microrregião constitui-se, na verdade, como um exemplo a toda a população de que é preciso reconhecer a água como um recurso natural renovável, porém, finito.

De modo geral, acredita-se que, independente das condições atuais deste **primeiro ponto notável**, há um forte apelo ao seu uso em práticas educativas, de modo que mesmo desconsiderando-o como um atrativo natural a ser trabalhado na lógica de um turismo

sustentável, sua estética implica sensibilização de uma ética urgente, mesmo que através de visitas escolares ou de um turismo científico voltado a pesquisas.

A **segunda propriedade** a ser visitada nesta microrregião refere-se à primeira das duas registradas como desocupada. Entretanto, esta foi uma surpresa à equipe, que ao realizar a consulta local sobre esta microrregião, descobriu o falecimento de seu morador. Este, ao contrário do que se imaginava, não era o proprietário, mas sim o vigia contratado pelo verdadeiro proprietário, residente em outro município.

Nesta **segunda propriedade**, localizada nos limites dos municípios de Chapadão do Lageado e Alfredo Wagner, o **segundo ponto notável** refere-se a um lajeado, que se destaca por sua grande extensão.

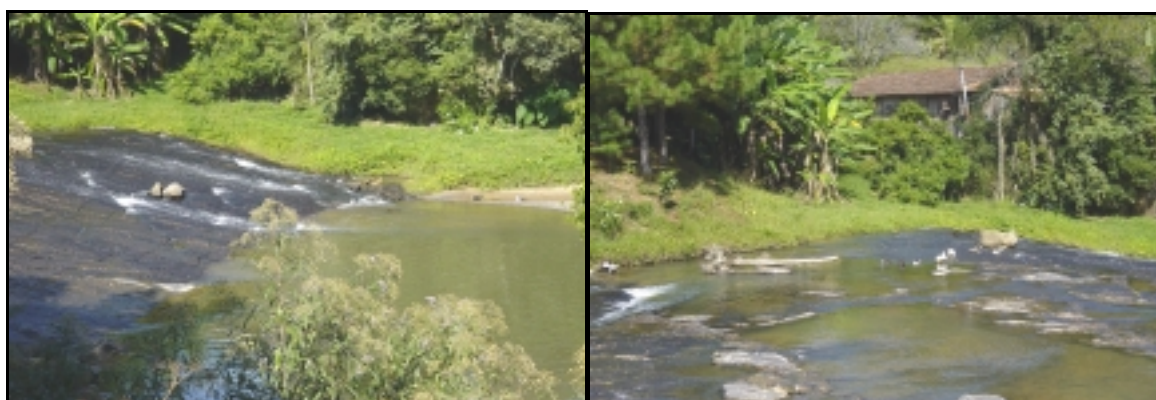


Figura 25. Fotografia do (2º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004).

Observando-se sua formação, este **segundo ponto notável** mostra-se adequado para **contemplação e banho**, com as devidas ressalvas quanto a esta última condição. Neste caso, alguns aspectos devem ser considerados, a exemplo da presença de animais (dentre eles, patos, gansos, galinhas e cavalos) e de canos do esgotamento doméstico direcionados ao leito do rio, muito embora a propriedade, atualmente, esteja desocupada.

A água, em sua aparência, mostra-se esverdeada, o que enfatiza a necessidade de parâmetros confiáveis para diagnosticar sua balneabilidade. No tocante à paisagem circundante há uma combinação de mata nativa, serra e pasto, caracterizados por trechos de área plana e acidentada.

Devido à propriedade estar localizada às margens da estrada geral, seu acesso é extremamente fácil, o que, ao mesmo tempo, implica um fator preocupante, cabendo uma atenção dobrada quanto à proteção e preservação. De modo geral, o **segundo ponto notável**

apresenta-se adequado para **contemplação** e **banho**, podendo ser considerado como mais um importante atrativo natural do município para o desenvolvimento de um turismo sustentável.

A **terceira propriedade** a ser visitada nesta microrregião refere-se à segunda propriedade registrada como desocupada. A sua visita foi realizada por indicação e acompanhamento do **guia 12**, que demonstrou nítido interesse pela temática deste trabalho, inclusive propondo-se a apresentar, além de sua propriedade, esta **terceira propriedade**, que é mantida sob sua responsabilidade a pedido de seus proprietários.

Eu acho que turismo significa as pessoas que vêm pra fazer as brincadeiras, olhar aí as belezas que tem no mato do interior. Eu acho assim, vem um cara aí, abre um hotelzinho, uma coisa aí, chama os turistas [sic] e quem é que vai ganhar dinheiro? Somos nós se nós arrumarmos tudo isso aí para depois fazer nossa vida melhor. Do contrário é capaz de eu ver meus filhos trabalhando de garçom pros outros. (Guia 13, abril de 2004)

A visão do **guia 13** reflete um pouco da preocupação e desejo que algumas destas famílias de pequenos agricultores que vivem isoladas têm quanto ao futuro incerto de seus filhos, assim como com a própria perspectiva de viver melhor e mais saudável. Além disto, mostra que há uma consciência sobre o potencial turístico do meio rural, mas que, por sua vez, somente lhes interessa se corresponder a práticas voltadas aos (teoricamente, porém inconscientemente percebidos) princípios da sustentabilidade.

Eu não sei o que é turismo sustentável, pra ser sincero é a primeira vez que ouço. [...] Eu já ouvi falar que o turismo pode ser a renda de uma família, então eu acho se eu botasse [sic] um hotelzinho aqui pra mim, seria pra mim, aonde podia ser minha renda e não um lá de fora que viria aqui abrir um negócio pra ele, que eu serviria de garçom, inda por cima se servir. (Guia13, abril de 2004)

Nesta **terceira propriedade** está localizado o **terceiro ponto notável**, que refere-se a uma cachoeira de aproximadamente uns 15 metros de queda.



Figura 26. Fotografia do (3º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004).

Este **terceiro ponto notável** apresenta potencial para **contemplação, banho e psicossidade**, segundo o **guia 13**.

Esse lugar aqui é freqüentado por quase todos os moradores da região. O pessoal vem pescar, tomar banho, olhar a cachoeira. Eu sou obrigado a manter esse caminho aberto porque minhas filhas adoram vir aqui e sempre me cobram pra fazer um caminho melhor pra elas virem aqui sozinhas. (Guia 13, abril de 2004)

Além disto, seu longo percurso (são necessários 45 minutos de caminhada a pé) pode configurar-se numa atividade de **trekking**, considerando-se outros pontos que se fazem notáveis, aclives/declives, obstáculos naturais, paisagem circundante composta em sua maioria por mata nativa e o fato desta ser uma antiga estrada de boi, atualmente representando uma trilha natural semi-aberta.



Figura 27. Fotografias de outros pontos que se fazem notáveis no trajeto do (3º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004)

A despeito da situação da água observada nesta **terceira propriedade**, embora não tenha sido registrada a ocorrência de resíduos sólidos e líquidos, há focos de água parada, água corrente e inclusive água mineral, oriunda de uma fonte localizada abaixo de uma parede de rocha.

Apesar disto, compreende-se que a balneabilidade deste **terceiro ponto notável** não representa um dado oficial, tendo em vista a falta de parâmetros adequados para esta avaliação.

De modo geral, o **terceiro ponto notável** apresenta-se adequado para **contemplação, banho, psicossidade e trekking**, podendo ser incluído na lista dos atrativos naturais de Alfredo Wagner.

A **quarta** e última **propriedade** visitada nesta microrregião de São Wendelino pertence ao **guia 13**. Nela foi observado o **quarto ponto notável**, referente a uma pequena cascata.



Figura 28. Fotografia do (4º) ponto notável da microrregião de São Wendelino. (NEA, 2004).

Este **quarto ponto notável**, localizado aos fundos da casa-sede, mostra-se adequado para **contemplação**. O acesso consiste em dois minutos de caminhada sem obstáculos. A paisagem circundante reflete uma mistura de mata nativa com formação de pasto, associada à presença de animais. Este último põe em dúvida a situação desta água, embora a aparência seja de uma água cristalina, compreendida pelo **guia 13** como mineral⁴¹.

Para o **guia 13**, as águas de fato representam um atrativo em potencial que o município possui, embora perceba, mesmo que sutilmente, algumas inaptidões. A primeira delas é a perda da água em sua quantidade e qualidade, que já se tornou uma reclamação recorrente no município; a outra refere-se ao acesso a alguns destes atrativos, que por vezes encontram-se protegidos em áreas inóspitas, muito distantes e até mesmo inacessíveis.

Eu acredito que o município tem muita coisa. Tem lugar aí que tem muita coisa. Tem um terreno meu que tem água a coisa mais linda do mundo. Nesta época de seca você vê que ele ainda tá bom, tá boa a água, tá com um nível bom de água, pois foi mínima coisa que mudou. [...] Lá tem casa de pedra [gruta], natureza, uma beleza de peiral. Nós já pousamos lá, pescamos, assamos uma galinha, um peixe. Tem outros lugares que eu já ouvi falar que é muito bonito, mas eu nunca fui porque daqui é muito longe, por isso não tive vontade de ir. (Guia 13, abril de 2004)

⁴¹ Sob este aspecto é válido destacar que para Guerra & Guerra (1997, p. 26) diz-se água mineral somente para as “[...] águas que emanam de fontes, contendo em solução muitas substâncias minerais”.

Além disto, é preciso destacar, mais uma vez, que o município conta com um importante fator, a sua população inquieta, disposta a participar de mudanças e interessada em aprender.

Eu tenho uma filha que é apaixonada pela natureza, pelo meio ambiente. Ela chega da escola e sempre traz um questionamento diferente, me põe contra a parede. Ela é uma que teria muito interesse e potencial para esse trabalho de vocês. Ela, com esse jeito, me fez mudar em muita coisa já, me fez pensar e mudar minha postura em termos de conservar e preservar a natureza. Eu não derrubo nem corto mais árvore, tá tudo aí. E se um dia vier os turistas aqui eles vão poder ver aqui o que os outros não vão ter mais. (Guia 13, abril de 2004)

De modo geral, este **quarto ponto notável** apresenta potencial para **contemplação**, mas, além disto, observando-se o seu contexto, é possível confirmar a existência de potencial natural e humano para se desenvolver um turismo ético e saudável para todos.

7.4 Microrregião do Passo da Limeira

No dia 21 de abril foi visitada a microrregião do Passo da Limeira, ilustrada em cartografia (ver anexo), composta por esta única comunidade. Nesta área foram visitadas **duas propriedades**, sendo que ambas encontram-se ocupadas por seus proprietários.

A **primeira propriedade** visitada nesta microrregião pertence ao **guia 14**, que demonstrou um forte interesse pela temática deste trabalho, a ver em seu depoimento.

Moramos nesta região tem 13 anos, há oito anos começamos esse negócio que atualmente é o que sustenta a família, contrariando todos os conselhos e descrenças dos parentes. [...] A gente tem aqui um restaurante, um campo de futebol, um açude e as churrasqueiras. O pessoal que vem aqui é tanto de dentro como de fora de Alfredo Wagner. [...] A gente quer ampliar, colocar uns chalés em volta do açude e em outros pontos. As pessoas cobram da gente, querem ter um lugar de lazer, para sair de casa, descansar, passar o fim de semana. Até o pessoal de fora que às vezes vem aqui fala que se tivesse estrutura eles iriam preferir ficar aqui e não lá na cidade. Mas por enquanto ainda estamos nos preparando, porque as pessoas não têm essa visão aqui. (Guia 14, abril de 2004)

Embora esta propriedade não apresente pontos notáveis, observou-se a presença de um arroio nos fundos do restaurante, próximo ao açude. Este arroio recebe o despejo do esgoto gerado na propriedade, que, embora também seja um estabelecimento comercial, não possui um sistema de saneamento.



Figura 29. Fotografias do arroio na (1ª) propriedade da microrregião de Passo da Limeira. (NEA, 2004)

Enquanto o **guia 14** apresentava a propriedade à equipe, observou-se uma grave contradição, à medida em que este mesmo arroio é apontado como exemplo do potencial das águas do município para o desenvolvimento de atividades turísticas.

O nosso Município tem muito potencial para o turismo, pois nós temos água limpa. Este arroio mesmo que vem aqui, é um arroio bem limpinho. [...] Nós estivemos lá em Urubici e vimos que o quê eles fazem lá nós poderíamos fazer aqui. (Guia14, abril de 2004)

Esta é uma questão que reforça a necessidade de se investir numa atividade que concilie a possibilidade de ascensão econômica, respeitando, assim, os anseios da comunidade, com o florescer de uma consciência ecológica. E sob esta perspectiva, há o pressuposto de que o turismo sustentável, ao ser trabalhado de modo a respeitar seus princípios, pode vir a ser uma oportunidade neste sentido.

Dentro deste contexto, a comunidade local, a exemplo do **guia 14**, também vem demonstrando o devido interesse por esta atividade, contudo, nota-se que este é um interesse por um fazer turístico diferente, na qual a mesma se sinta motivada e capaz de participar.

O turismo é o pessoal parar para descansar, passar o final de ano, tem muita gente que não gosta de ir à praia, que gosta de ir num lugar que nem aqui.[...] Eu nunca ouvi falar em turismo sustentável, mas lá em Urubici, como eu posso te dizer, a gente só chegou e deu uma olhadinha e saiu, não chegou a ir lá, mas eu sei que eles têm turismo lá. (Guia 14, abril de 2004)

Logo, percebe-se que para não desperdiçar todo este potencial natural e humano que o município possui, é preciso lançar a semente do turismo sustentável, esclarecendo,

informando, motivando e fazendo esta comunidade sentir-se capaz de transformar sua realidade.

A **segunda propriedade** visitada nesta microrregião pertence ao **guia 15**, que demonstrou relativo interesse pela temática deste trabalho, muito embora tenha acolhido com muita atenção a equipe coletiva.

Esta minha propriedade tem 22 hectares, está à venda porque nenhum dos meus quatro filhos quer tocar com ela, pois cada um já tem suas terras. Eu tô velho, mal de saúde, não sirvo mais pra muita coisa, já fui em vários médicos e todos dizem que não há muito que fazer, por essas e outras quero deixar essa ocupação e sair daqui para o centro com a mulher. Vocês vêm falar de turismo, eu acho até interessante, mas o turismo é bom só pra quem tem como investir, gente simples que nem nós eu não sei não, isso é o que significa turismo para mim. [...] Turismo sustentável eu nunca ouvi falar e não tenho como opinar sobre o que eu não sei. (Guia 15, abril de 2004)

Desta visita participou quase toda a família que fez questão de acompanhar a equipe até o **primeiro ponto notável**, em especial por confienciarem que nunca haviam visitado o local. Este fato reforça a percepção de que a comunidade desconhece os cenários do município, mesmo aqueles muito próximos.

Nesta **segunda propriedade** observou-se o **primeiro ponto notável** da microrregião Passo da Limeira. Este se refere a uma cachoeira de aproximadamente 45 metros de queda.

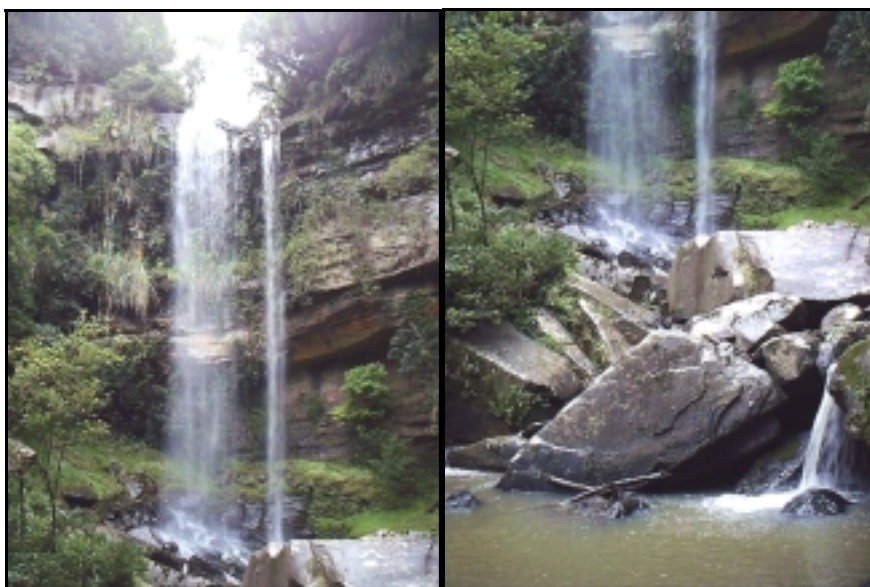


Figura 30. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião Passo da Limeira. (NEA, 2004)

O acesso a esta propriedade é simples, no entanto, para se chegar até este **primeiro ponto notável** é necessária uma hora de caminhada numa trilha semiaberta irregular, ou seja, com aclives e declives. Porém, segundo o **guia 15**, o percurso estava mais complicado neste dia devido às chuvas recentes, associadas a um longo período em que não foi feita manutenção na trilha.

Para o **guia 15** não há uma opinião formada sobre o potencial das águas como um atrativo para o desenvolvimento do turismo sustentável de AW, porém há uma percepção muito clara acerca da perda deste importante recurso natural.

Se você visse como isso aqui era há uns 20 anos você não acreditaria. Havia mais água e água boa. Eu acho que seria bom se houvesse atividades diferentes e que pudessem ajudar na preservação e conservação principalmente das águas. (Guia 15, abril de 2004)

No tocante à situação desta água, muito embora seja uma água corrente, observou-se uma aparência turva e, em alguns trechos, esverdeada. Porém, este **primeiro ponto notável** se mostra adequado para **contemplação, banho, rappel e escalada**, considerando práticas planejadas, seguras e orientadas de um turismo de aventura.

Apesar de não existirem parâmetros que atestem a condição de balneabilidade deste local, o proprietário afirma que esta é praticada com frequência no local. Também se nota a conformação de cavidades naturais, por vezes resultando em câmaras de diferentes níveis, associadas à paisagem circundante caracterizada por vestígios de mata nativa e reflorestamento de *Pinus elliotii* numa serra geral de área acidentada.

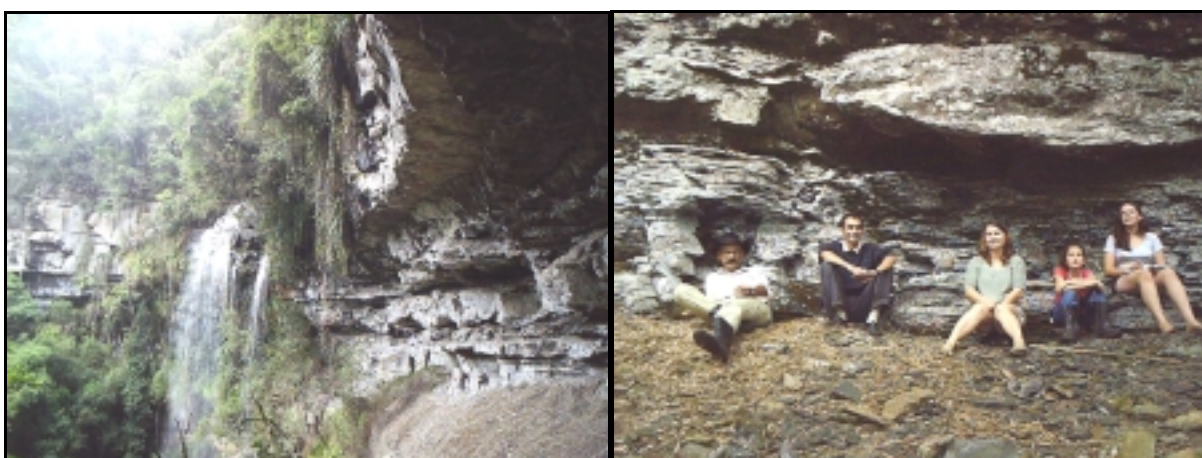


Figura 31. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião Passo da Limeira. (NEA, 2004)

Apesar desta propriedade apresentar um forte potencial turístico, a mesma está à venda. Segundo o proprietário, até o presente momento, dentre os interessados, já foi manifesto o interesse na construção de um hotel-fazenda, cabendo à população aguardar quais fundamentos da atividade turística o futuro proprietário irá perseguir.

De modo geral, esta visita acentuou a preocupação com o êxodo rural. Muito embora este caso se justifique por questões de saúde, percebe-se que esta saída freqüente das famílias tradicionais do campo resulta na perda dos costumes, da história e de toda a memória cultural do lugar.

7.5 Microrregião do Alto Limeira

No dia 22 de abril foi visitada a microrregião do Alto Limeira ilustrada em cartografia (ver anexo), composta pelas comunidades de: Alto Limeira, Invernadinha e Pinguirito. Nesta área foram visitadas **duas propriedades**, sendo que destas apenas uma encontra-se ocupada por seu proprietário.

A **primeira propriedade** visitada nesta microrregião, identificada como ocupada pela equipe, foi indicada e orientada pelo **guia 16**, que demonstrou um nítido interesse pela temática deste trabalho, a notar pelo seu empenho em apresentar todos os pontos notáveis relacionados à água de que se tem conhecimentos nesta área.

Segundo o **guia 16**, nesta localidade podem ser identificados pelo menos dois pontos notáveis, entretanto, nesta visita, só foi possível localizar o **primeiro ponto notável**, tendo em vista um chamado de emergência que culminou na interrupção das atividades.

Este **primeiro ponto notável** refere-se a um lajeado, com potencial aparente para **contemplação, banho e psicossidade**.



Figura 32. Fotografias do (1º) ponto notável da microrregião de Alto Limeira. (NEA, 2004)

Embora seja desconhecida a real condição de balneabilidade deste **primeiro ponto notável**, observou-se uma aparência esverdeada, com alguns focos de água parada, devido às depressões existentes ao longo da extensão do lajeado, além da presença de resíduos de origem animal.

A paisagem circundante é caracterizada por vestígios de mata nativa, associada a uma serra de região acidentada com áreas de pastagem e de reflorestamento de *Pinus elliotii*. Vale acrescentar que esta é uma das microrregiões em que mais se observou reflorestamento de *Pinus elliotii*.

No tocante à acessibilidade deste local, é importante considerar que esta é uma das localidades mais distantes do centro urbano. Além disto, seu acesso implica o uso de veículos motorizado com tração nas quatro rodas, pelo menos numa parte do trajeto e outra parte a pé ou em veículo não motorizado ou de tração animal.

Por questões éticas, não serão tratadas as demais informações, considerando-se que não foi obtido oficialmente o aceite de participação neste estudo por parte do **guia 16**.

De modo geral, percebeu-se que este **primeiro ponto notável** resguarda um forte potencial ao turismo sustentável, considerando inclusive seu difícil acesso que pode resultar num critério natural de proteção e seleção dos turistas.

A **segunda propriedade** visitada nesta microrregião foi indicada e orientada pelo **guia 17**, que demonstrou grande interesse pela temática deste trabalho, a ver em seu depoimento.

Eu já ouvi muitos casos em Urubici e também em reportagens no Globo Rural e acho que o turismo pode ser uma boa alternativa para a sobrevivência do homem do campo e inclusive para este permanecer no campo. [...] Eu acho que o turismo, principalmente o turismo rural, vem a ser uma boa alternativa de sobrevivência para quem mora nas comunidades. E também um esporte, algo mais novo, que não era conhecido antigamente e que pode ser uma boa oportunidade para aqueles que vivem na cidade e que não conhecem o campo. (Guia 17, abril de 2004)

Nota-se no depoimento do **guia 17** a diferença resultante do processo de informação e esclarecimento à população, considerando-se, inclusive, o perfil de escolaridade diferenciado deste ator em relação aos demais.

Eu acredito que o turismo sustentável venha a ser uma forma de manter as pessoas que vivem do campo no campo, principalmente a exemplo do turismo rural. É uma forma de manter as pessoas em suas comunidades, ajudar na melhoria da renda dessas famílias e também sendo uma alternativa para que as pessoas possam

conhecer e ter mais informação sobre as comunidades rurais, sobre as pessoas que vivem no campo. Isso é também um pouco do que vi em reportagens do Globo Rural e que de vez em quando comentam sobre o turismo rural. (Guia17, abril de 2004)

Além disto, percebe-se, na maioria dos depoimentos colhidos até aqui, que a maior e, talvez, única fonte de informação a respeito do turismo nas comunidades e famílias do campo é oriunda da mídia impressa e televisiva. Isto reforça a necessidade de se investir, de forma acessível, em programas de sensibilização e esclarecimento da população quanto à temática do turismo e suas nuances com o ambiente natural e social.

Nesta **segunda propriedade** observou-se o **segundo ponto notável**, que se refere a uma cavidade natural associada a uma cachoeira de 25 metros, denominada pela comunidade local como Gruta do Riozinho.



Figura 33. Fotografias do (2º) ponto notável da microrregião de Alto Limeira. (NEA, 2004)

Este **segundo ponto notável**, com potencial para **contemplação**, segundo o **guia 17** é extremamente visitado pela comunidade local. Ali são realizados cultos, missas e festejos religiosos, às vezes reunindo mais de 100 pessoas.

Observando-se que esta é uma prática comum em toda a região, surge uma enorme preocupação quanto à falta de proteção do local, aliada à sensível consciência ambiental da comunidade. Um exemplo é a falta de informação quanto à importância e a

necessidade de proteção ambiental das estalactites e estalagmites, já em processo de degradação nesta cavidade natural.

As pessoas acabam levando pedaços da rocha como lembrança durante as visitas à gruta. Deve ter dado algum problema na luz, mas tudo aqui foi organizado pela comunidade local, a trilha, o corrimão, as placas, o altar. O pessoal gosta de vir aqui porque é bem organizado e também porque é uma das grutas mais bonitas da região, tem uma parte mais para dentro que dá em outro espaço menor, mas que cabem pessoas lá. [...] Dizem que aqui já foi moradia de índio e deve ter sido mesmo. (Guia 17, abril de 2004)

Já tendo sido alvo de outros estudos, este **segundo ponto notável**, também podendo ser classificado como abrigo sob rocha, possui “[...] área de seiscentos e cinquenta metros quadrados (650m²), sendo que o piso é praticamente todo plano, com pé direito médio de dois metros e seis centímetros (2,06m) e largura máxima de vinte metros e cinco centímetros (20,5m)”. (WAGNER, 2002, p. 61)

Sem dúvida os Xokleng e outras fases utilizaram este bom e bonito abrigo. Informaram moradores antigos da existência de ossos humanos. Seriam os Xoklengs? Eles praticavam a cremação. Teriam sido os últimos membros da tribo? É possível. Ou seriam ossos de outras tradições ou fases? [...] Em 1948, quando o visitei pela primeira vez, havia lindos estalagmites e estalactites, hoje infelizmente, restam poucos e quebrados. Pelas suas dimensões e características, este sítio merece que se faça sondagens e pesquisas. É muito bonito. (WAGNER, 2002, p. 62)

Para o **guia 17**, as águas que nascem, correm e deságuam no município, a exemplo deste **segundo ponto notável** possuem um forte potencial turístico.

Eu acredito que o Município é bastante farto em atrativos turísticos, basta apenas o pessoal localizar e desenvolver melhor o local. Eu mesmo conheço várias cachoeiras, diversos pontos rurais com montanhas e muitas matas também, enfim, pontos diversificados que podem atrair turistas. Eu acredito que em relação às águas é o ponto mais forte de nosso Município, tanto pela qualidade e quantidade quanto pela forma geográfica. (Guia17, abril de 2004)

Sobre a situação da água observada neste **segundo ponto notável**, nota-se uma aparência cristalina, associada a uma paisagem circundante caracterizada pela presença de mata nativa, encostas de serra, área de pastagem e reflorestamento de *Pinus elliotii*.

O acesso até a propriedade em que localiza-se este **segundo ponto notável** é fácil, podendo ser realizado em qualquer tipo de veículo motorizado e não-motorizado. Em consonância, o acesso ao local exato desta cavidade natural também é fácil, mesmo

considerando-se a necessidade de atravessar uma ponte obstruída, que, por sua vez, implica a caminhada de 100 metros.

De modo geral, este **segundo ponto notável** é adequado para contemplação, mostrando aptidão ao desenvolvimento de atividades turísticas sustentáveis (a ver, inclusive, características de um turismo interno), embora o mesmo já mostre sinais de desproteção e conseqüente degradação.

7.6 Microrregião do Saltinho

No dia 23 de abril foi visitada a última microrregião, denominada Saltinho, composta pelas comunidades de Saltinho e Demoras, que, por sua vez, é ilustrada em cartografia em anexo.

Embora, ao longo dos depoimentos tenham sido coletadas informações e referências de pontos notáveis nesta microrregião, as mesmas não foram validadas no processo de consulta local realizado pelo núcleo de pesquisadores e nem mesmo pelo **guia 18**, morador desta localidade.

Aqui no Saltinho moram 14 famílias e em nenhuma das propriedades se tem notícia de cachoeira, lajeado, banhado, nada que se encaixe como atrativo turístico. Se tinha, já secou e faz tempo, porque eu tenho esta venda aqui já faz 4 anos, nasci e me criei por aqui e nunca tive notícia. Inclusive, quando o pessoal pára admirado com a beleza da serra, do município, procura às vezes informações e eu nem sei o que dizer. Mas sobre as águas, eu acho que tem pouca água, mas tem alguma coisa, parece que vocês andaram visitando. Eu conheço poucas cachoeiras. Aqui no nosso município não tem tanta assim. (Guia 18, abril de 2004)

O depoimento do **guia 18** veio reforçar a impressão que a equipe coletiva teve durante as visitas e as observações realizadas nas sete microrregiões, de que a população desconhece os caminhos do próprio município, o que, em parte, reflete, dentre outros fatores, a:

- falta de um canal de comunicação que promova a integração entre as inúmeras comunidades existentes, desconhecendo, assim, os cenários, as pessoas e as histórias de cada uma;
- falta de um transporte público coletivo que possibilite o direito de ir e vir de cada cidadão, seja no cumprimento dos compromissos profissionais, pessoais ou mesmo de lazer, principalmente considerando as longas distâncias que configuram este município.

Considerando que o processo de análise ocorre de forma constante, dinâmica e instantânea ao processo de levantamento de dados, da sistematização apresentada podem ser observadas algumas das primeiras impressões da equipe coletiva. Dentre elas, é possível destacar o perfil dos sujeitos envolvidos no estudo, que, por sua vez, é apresentado no tópico a seguir.

7.7 Síntese do Perfil dos Sujeitos e Atores Envolvidos no Estudo

Considerando os **17** atores entrevistados, dos quais oito são mulheres e nove são homens, aqui são apresentadas duas sínteses do perfil coletivo e individual deste grupo de indivíduos, mantendo-se, no entanto, a coerência com os critérios de eticidade que regem o presente estudo, incluindo a própria denominação utilizada para cada um.

7.7.1 Síntese Geral do Perfil dos Atores Entrevistados

Dos entrevistados, a que possui mais idade é uma mulher e tem 71 anos, enquanto o mais novo tem 21 e refere-se a um homem. A maioria vive da atividade agrícola, tendo herdado dos pais a profissão de agricultor e de agricultora.



Figura 34. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004).

No que se refere ao nível escolar, a maioria possui apenas o 1º grau incompleto. O maior grau de formação escolar corresponde ao ensino médio. Dos 17, apenas um não sabia ler com fluência, podendo ser declarado semi-analfabeto.

As famílias, de forma geral, vivem unidas, mantendo os filhos sob o mesmo teto até o momento de constituírem família. Quando este momento chega, a maioria opta por

morar próximo à família, nascendo, se criando, casando e permanecendo na mesma comunidade durante toda a vida.

A respeito dos costumes, foi flagrado o gosto pelo chimarrão. Outro costume evidenciado pelo convívio ao longo das visitas refere-se ao trabalho familiar coletivo, em que homens, mulheres e crianças participam, estas últimas, porém, apenas quando atingem idade adolescente.

Sobre a percepção a respeito da área em que vivem, nota-se que muitos desconhecem os cenários do seu entorno, devido principalmente à dificuldade de deslocamento. O transporte mais comum é a motocicleta. Além desta, é possível citar a tobata, uma espécie de mini trator, e o tradicional lombo do cavalo.



Figura 35. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)

Finalmente, vale ressaltar a impressão da equipe coletiva quanto à hospitalidade, alegria e disposição da maioria desses atores envolvidos no estudo, deflagrada, inclusive, pela facilidade de interação e comunicação.

7.7.2 Síntese Individual do Perfil dos Atores Entrevistados

Guia 1, nasceu em 1983 numa família de agricultores na microrregião do Alto Jararaca. Frequentou a escola até completar o 2º grau e desde então passou a dedicar-se exclusivamente às atividades de plantio e de criação animal. Recentemente casou-se com uma jovem alfredense, porém manteve-se com a família.

Guia 2, nasceu em 1938 na microrregião do Alto Jararaca. Frequentou a escola, porém abandonou os estudos antes de aprender a ler. Filho de agricultores, desde a infância

vive da mesma profissão. Sobrevive de atividades oportunas, tal como o reflorestamento, a capinagem e a construção. Com a saúde abalada, o guia 2 vendeu sua propriedade antes mesmo de se encerrarem as atividades de campo deste estudo.

Guia 3, nasceu em 1968 na microrregião do Rio Engano. Desde a infância se dedicou à profissão da família, voltada, principalmente, ao plantio de fumo. Frequentou a escola até a 3ª série primária. Ao constituir família teve cinco filhos e atualmente vive com a esposa e três filhos numa casa de madeira simples e confortável.

Guia 4, filha de agricultores, nasceu em 1981. Desde seu nascimento vive com a família na microrregião do Rio Engano, dedicando-se ao cultivo de subsistência e do fumo. Com o 2º grau completo, a jovem sonha em exercer uma profissão diferente, alheia ao esforço físico das atividades no campo.



Figura 36. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)

Guia 5, nasceu em 1933 numa família de agricultores alemães. Frequentou a escola até completar o 2º grau. Ao casar-se foi morar na microrregião do Rio Engano, onde dedicou-se ao marido, aos filhos, ao plantio de fumo e ao cultivo de plantas ornamentais e medicinais. Mantém o hábito da leitura na língua alemã, e após ficar viúva passou a conservar o acervo cultural da família, caracterizado por mobílias, objetos pessoais, utensílios domésticos, eletrodomésticos e livros.

Guia 6, filho de agricultores, nasceu em 1961 na microrregião do Rio Engano, onde se criou e estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Casou-se, teve um filho e, após ficar viúvo, retornou a morar com a mãe em uma casa de alvenaria estilo alemão. Da família herdou duas profissões, atuando, conforme a estação do ano, no plantio de fumo e na

produção de garapa, o melado de cana. Destas atividades tira o sustento da família, que também se dedica a guardar antiguidades de sua cultura alemã.

Guia 7, nasceu em 1951 no município de Imbuia. Lá se criou e frequentou a escola até a 3ª série primária. Ao desposar um agricultor alfredense, se mudou com o mesmo para este município, constituindo família e permanecendo até os dias atuais na microrregião do Rio Engano. Mãe de três filhos, sendo duas mulheres, apenas o filho seguiu a profissão dos pais, ajudando-os nas atividades de plantio de subsistência. Responsável pela renda principal da família, o esposo se dedica ao reflorestamento por serviços contratados.

Guia 8, nasceu em 1968 na microrregião do Rio Engano numa família de agricultores, onde se criou e casou. Frequentou a escola, porém não concluiu o 1º grau. Vive com o marido e o filho caçula numa residência de madeira simples e confortável. Desde a infância se dedica às atividades agrícolas, seja no plantio e colheita de fumo, na criação de gado e suíno, assim como nos demais afazeres de uma fazenda.



Figura 37. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)

Guia 9, filho de uma família tradicional de agricultores, nasceu em 1953 na microrregião do Rio Engano, onde se criou e permaneceu como vizinho do restante da família. Frequentou a escola, porém não concluiu o 1º grau em função das dificuldades de acesso à escola e de conciliar as atividades do campo com os estudos. Casado com a guia 10, com quem teve cinco filhos, vivem numa casa de madeira estilo germânica, enquanto a segunda residência, também de madeira, não é finalizada. Seguindo a tradição da família, mantém como profissão o cultivo do fumo, atividade na qual participam esposa e filhos.

Guia 10, filha de uma família de agricultores, nasceu em 1962 na microrregião do Rio Engano. Nesta microrregião se criou e casou. Frequentou a escola, porém não chegou a completar o 1º grau, em virtude do município manter apenas duas unidades de ensino médio, distantes das áreas rurais. Atualmente ajuda o marido e os filhos no plantio de fumo, que representa todo o sustento da família.

Guia 11, nasceu em 1964 numa família de agricultores na microrregião de São Wendelino. Nesta localidade se criou e casou, permanecendo lá até os dias de hoje. Nas proximidades de sua propriedade vivem outros parentes, a exemplo da mãe, dos tios e tias e do avô. Sobrevive do plantio de fumo, dentre outras atividades que oportunamente aparecem, dentre elas: capinagem, marcenaria, construção e pintura. Frequentou a escola, porém não concluiu o 1º grau. Numa casa de alvenaria, simples, mas confortável, mora com a esposa, as duas filhas e a sogra.

Guia 12, nasceu em 1951 na microrregião do Barro Branco. Filho de agricultores, exerce a mesma profissão da família, vivendo principalmente do plantio de fumo. Frequentou a escola, porém não concluiu o 1º grau. Ao constituir família, teve cinco filhos. Destes, quatro ainda residem com os pais, colaborando nas atividades agrícolas.



Figura 38. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)

Guia 13, nasceu em 1980 na microrregião do Alto Jararaca. Herdou da família a mesma profissão, vivendo atualmente com esposa, filha e pai, já viúvo, na mesma residência. Vivem do plantio de fumo quase que exclusivamente, além do plantio de milho, feijão e arroz para subsistência. Frequentou a escola até completar o 1º grau, e, diferente dos outros irmãos, resolveu dedicar-se apenas à vida no campo.

Guia 14, nasceu em 1967 numa família de agricultores. Frequentou a escola até completar o 1º grau. Ao constituir família, mudou-se com o marido para a microrregião de

Passo da Limeira, onde vivem há 13 anos. Têm um único filho, com idade de 10 anos. O estabelecimento é dividido em um bar e restaurante com salão de festas, além de uma pequena loja de conveniências e salão de beleza.

Guia 15, nasceu em 1947. Há 33 anos mora na microrregião do Passo da Limeira, onde casou e teve seus quatro filhos. Frequentou a escola até concluir o 1º grau, depois passou a se dedicar com exclusividade à atividade rural. Devido a problemas de saúde, colocou sua propriedade à venda e desde então aguarda a oportunidade de se mudar para o centro da cidade.

Guia 16, nasceu em 1983 na microrregião do Passo da Limeira, onde se criou e vive até os dias atuais. Mora com os pais, de quem compartilha a profissão de agricultor. Frequentou a escola até completar o 2º grau, porém atualmente vem se dedicando à formação de pastor.



Figura 39. Sujeitos da pesquisa. (NEA, 2004)

Guia 17, nasceu em 1968 na microrregião de Saltinho, onde se criou e mora até os dias atuais. Frequentou a escola até completar o 1º grau. Casou-se, e há quatro anos montou um estabelecimento comercial onde vende produtos do campo, alguns, inclusive, produzidos pela família, que vive da agricultura.

8. FICANDO – SAINDO DE CAMPO: das impressões à análise final do pesquisador.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos. (BARROS, M. apud ALVES, R., 1999, p. 103)

O momento do ficando-saindo de campo caracteriza-se pela sistematização das análises e impressões do pesquisador. Neste sentido, como uma das primeiras reflexões a emergirem no tocante a este processo, surgem algumas considerações acerca do movimento da pesquisa, pautado na co-gestão entre pesquisadora-observadora e pesquisadores locais-atores.

Na tentativa de elucidar e compreender todo este processo, o movimento da pesquisa pode ser ilustrado como dinâmico e espiral, enraizado num processo criativo de ação seguida de reflexão.

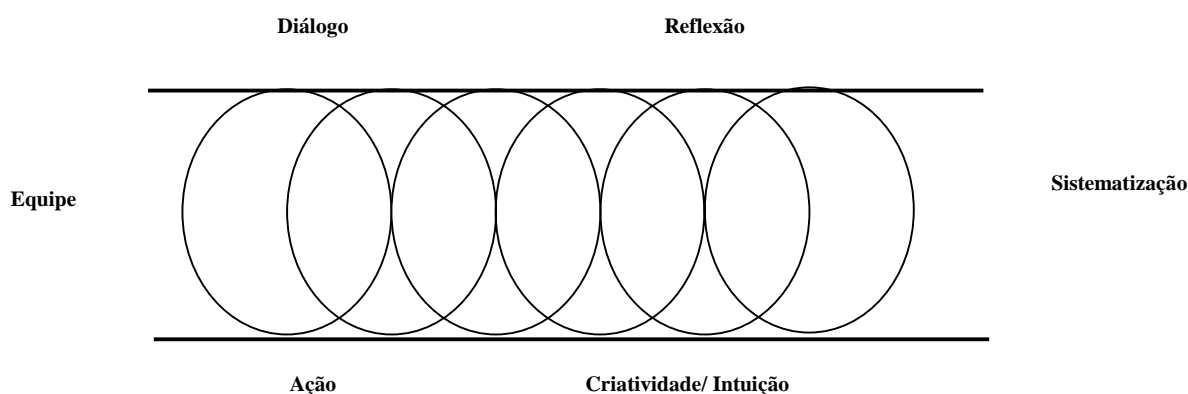


Figura 40. Movimento dinâmico espiral da pesquisa. (Elaborado pela pesquisadora baseado no modelo de MORIN, 2004, p. 97)

Cada movimento espiral pode ser caracterizado pela atuação da equipe, que, ao construir o diálogo acerca da ação a ser realizada, promoveu com criatividade e intuição a reflexão necessária para gerar uma desejada transformação. Neste sentido, a sistematização atua como o principal procedimento de registro de todo o processo.

Tal sistematização consistiu na observação do contexto e análise pautada em referencial teórico, a fim de elucidar os dados referentes aos pontos notáveis, à percepção da água como atrativo natural e ao potencial do município para o turismo sustentável.

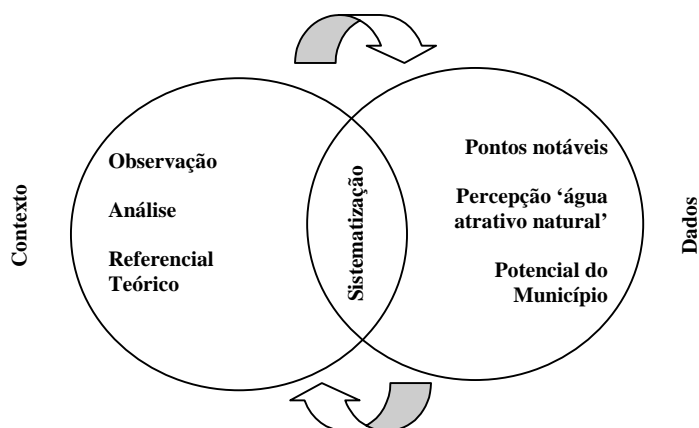


Figura 41. Movimento de sistematização dos dados da pesquisa. (Elaborado pela pesquisadora, 2004)

Considerando a realização deste processo, o município de Alfredo Wagner mostrou um forte potencial ao turismo sustentável, principalmente observando-se as águas como recurso natural em maior evidência, a ver pela síntese do **caminho** percorrido pela **equipe coletiva**, que revelou as seguintes relações:

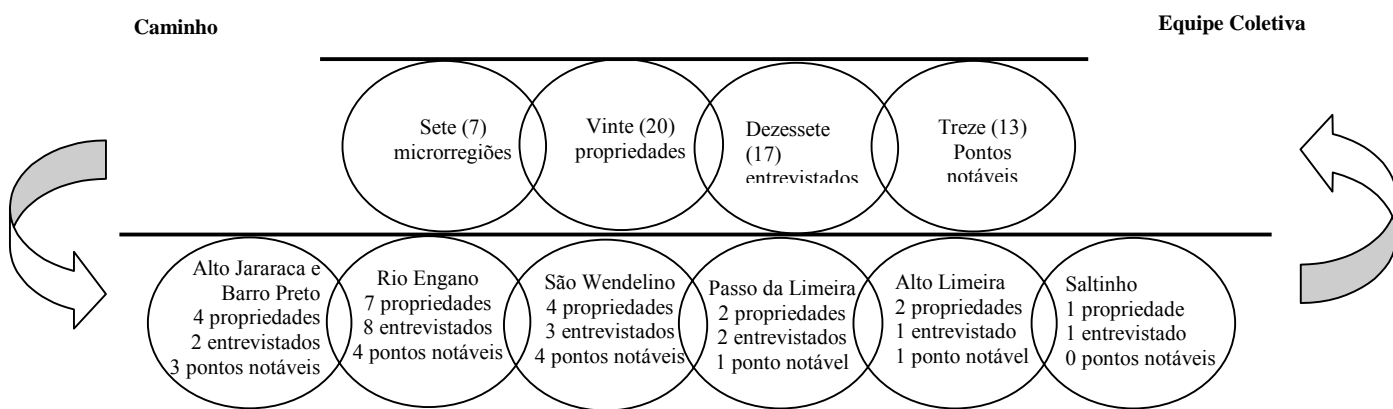


Figura 42. Síntese do caminho percorrido pela equipe coletiva. (Elaborado pela pesquisadora, 2004)

Dentre os atrativos naturais relacionados às águas identificados, é possível classificá-los em:

Cachoeiras

Cachoeira é uma queda d'água no curso de um rio ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal do mesmo. [...] As causas da existência dessas diferenças de nível no leito do rio podem estar ligadas a falhas, dobras, erosão diferencial, diques, etc. No pé da cachoeira geralmente há o aparecimento de marmitas ou caldeirões, produzidos pelo choque da água ao cair. (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 98 e 99)

Cascatas

Cascata é a sucessão de pequenos saltos em um curso d'água onde aparecem blocos de rocha. Uma cascata representa uma certa quebra na uniformidade do declive e é explicada pela resistência oferecida por certas soleiras ou bancos de rochas mais resistentes à erosão. (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 129)

Quedas d'água

Queda d'água é um degrau existente no perfil longitudinal de um rio, fazendo com que se verifique uma interrupção na continuidade do declive. Esses degraus podem ser produzidos por movimentos tectônicos. Exemplo: falhas; podem ainda ser devidos à erosão diferencial, etc. As quedas d'água, assim como as cachoeiras, catadupas, cataratas e mesmo as corredeiras, constituem uma variedade de saltos cuja denominação varia, de modo geral, com as regiões. Todavia, poderíamos reservar o termo queda d'água para as descidas rápidas de águas de um rio. (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 510)

Lajeados

Lajeados são afloramentos de rocha sã na superfície do solo, constituindo uma área de extensão variável. (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 381)

Fontes

Uma fonte refere-se a um manancial de água, que resulta da infiltração das águas nas camadas permeáveis, havendo quatro tipos (fontes ordinárias, fixas ou de afloramento – formado por aquíferos que se encontram no limite de uma camada permeável que repousa sobre uma camada impermeável; fontes de vales, talvegues ou móveis – formada por aquífero, cortado em seu trajeto pelo talvegue de um vale; fontes de repuxo ou artesianas – mananciais que aparecem na superfície graças a diferenças hidrostáticas; e fontes voclusianas ou torrenciais – manancial de água que aparece em regiões cársticas, constituindo um fenômeno de ressurgência. Não passam de rios sumidos que aparecem em outros pontos). (GUERRA & GUERRA, 1997, p. 281 e 282)

Estes, no entanto, por vezes passam despercebidos ao olhar da comunidade, que, de modo geral, dá sinais de que desconhece os cenários naturais de seu município. Esta foi

uma das primeiras lições ou categorias de análise extraídas no processo de interação com a comunidade, a fim de levantar a percepção da população sobre a água como um atrativo natural ao desenvolvimento do turismo sustentável em AW.

Considerando os cenários reconhecidos pela comunidade, a presença da água foi concebida como um atrativo natural, quando consideradas as seguintes relações:

- a água é um atrativo natural no município, **porém** com algumas inaptidões, a exemplo do difícil acesso, da perda na qualidade e da quantidade [nota-se que existe uma consciência acerca do quadro de degradação ambiental];
- a água é um atrativo natural no município **somente devido** a sua beleza cênica associada à qualidade da água [neste caso, observa-se que a perda na quantidade das águas passa despercebida];
- a água é um atrativo natural no município **somente devido** a sua beleza cênica associada à quantidade da água [ao contrário do exposto anterior, observa-se que a perda na qualidade das águas em alguns casos também passa despercebida];
- a água é um atrativo natural no município **somente** quando associada a sua beleza cênica, com a quantidade e a qualidade da água.

No que diz respeito à percepção da comunidade sobre o potencial do município para o desenvolvimento de atividades turísticas, em especial um segmento voltado à prática de um turismo sustentável, foram extraídas outras lições.

Sobre o turismo, excetuando-se alguns casos em que o mesmo mostrou-se um tema inaudito, destacam-se as seguintes relações:

- o turismo é percebido como uma atividade meramente econômica, cujos benefícios não foram mencionados [nota-se que esta é uma característica do turismo de massa, amplamente divulgado na mídia impressa e televisiva, que, por sua vez, é a principal fonte de informação da sociedade em geral];
- o turismo é percebido como uma atividade de lazer, cujos benefícios são restritos ao turista e ao visitante [considerando o forte apelo econômico da atividade turística e sua conseqüente recorrência na mídia, as repercussões que caracterizam um turismo de massa, por vezes negativas e positivas, também chegam aos olhos e ouvidos da população, gerando apatia em uns e antipatia em outros. Nota-se a necessidade de promover ações educativas, inclusive diferenciando os distintos segmentos do turismo, à população, a fim de não gerar um descrédito generalizado a esta atividade];

- o turismo é percebido como uma atividade que traz benefícios mútuos ao turista e ao receptor, desde que planejado e organizado para ser uma atividade sazonal [nota-se indícios de uma relação com os princípios de um turismo sustentável];
- o turismo é uma viagem onde não são percebidos malefícios [percebe-se que a falta de informação é recorrente em inúmeras situações];
- o turismo é um tema confuso, visto que já se ouviu falar, mas não se sabe explicar [acredita-se que tal confusão esteja enraizada na própria discussão e interpretação do turismo nos recintos acadêmicos, considerando-se as inúmeras e, por vezes, redundantes terminologias e segmentações do turismo];
- o turismo é uma atividade fora do alcance da comunidade, pois limita-se a quem possui capital de investimento [percebe-se mais uma vez que o turismo, na concepção da sociedade, está fortemente ligado às características de um turismo de massa, o que reforça a necessidade de tratamento nas informações veiculadas na mídia, assim como a realização de programas educativos informais, formais e de capacitação sobre o turismo e suas ramificações].

Sobre o turismo sustentável, excetuando-se os casos em que este se mostrou um tema desconhecido, as relações percebidas são as seguintes:

- o turismo sustentável é um tema confuso, visto que já se ouviu falar, mas não se sabe explicar [uma vez desconhecido e mal compreendido, o interesse pelo tema se torna inviável. Isto reforça a necessidade de informação, de preparação da comunidade para receber ou se defender das repercussões que a atividade turística, de modo geral, pode gerar];
- o turismo sustentável é percebido como aquele que traz benefícios mútuos ao turista e ao receptor [nota-se indícios de uma associação com os princípios da sustentabilidade];
- o turismo sustentável é uma atividade que, sozinha, é capaz de sustentar a renda de uma família [mais uma vez nota-se que há uma certa dose de confusão no entendimento do turismo e suas segmentações, a exemplo do turismo sustentável confundido com turismo sustentado];
- o turismo sustentável é uma atividade capaz de gerar renda e ao mesmo tempo promover novos conhecimentos [percebe-se, de forma sutil, o bom senso da comunidade ao reconhecer a possibilidade de promover uma atividade que se constitua

em um reforço à renda familiar e que, ao mesmo, tempo ofereça uma experiência mutuamente valiosa entre turistas e receptores];

- o turismo sustentável é uma atividade que visa promover atividades de lazer de forma consciente, independente do tipo de atrativo [nota-se uma relação de convergência com outros tipos de turismo, onde o turismo sustentável caracteriza os princípios que outras atividades podem seguir, podendo, estas, tornarem-se igualmente sustentáveis].

De modo geral, todas estas relações podem ser sintetizadas da seguinte forma:

Tabela 10. Síntese das relações observadas

TURISMO	TURISMO SUSTENTÁVEL	ÁGUAS: ATRATIVO NATURAL
Tema inaudito (não tem opinião).	Tema inaudito (não tem opinião).	Desconhece o cenário do município.
Relação restrita à atividade econômica (forte apelo ao viés econômico)	Tema confuso (já ouviu falar, mas não sabe explicar).	Atrativo natural com inaptidões (ex: o difícil acesso não o torna um atrativo em potencial, perda da qualidade da água...).
Benefícios restritos ao turista .	Benefícios mútuos ao turista e ao receptor (associação com princípios da sustentabilidade).	Atrativo natural que está se perdendo em qualidade e/ou quantidade.
Benefícios mútuos ao turista e ao receptor (associando atividades sazonais planejadas e organizadas).	Relação restrita à atividade econômica (confunde turismo sustentável com turismo sustentado).	Atrativo natural devido a sua beleza cênica associada à qualidade da água.
Não consegue enxergar malefícios.	Relação com o viés econômico e educativo (ainda muito sutil, reflete o bom senso da comunidade).	Atrativo natural devido a sua beleza cênica associada à quantidade da água.
Desconhece o tema e logo não se interessa (já ouviu falar, mas não sabe explicar).	Relação de convergência (relaciona com outros tipos de turismo; ex: turismo rural).	Somente é concebida como um atrativo natural quando associada a sua beleza cênica, quantidade e qualidade.
Atividade fora do alcance da comunidade (limita-se a quem possui capital de investimento).	-----	-----

Certamente, para haver um turismo denominado sustentável, este envolvimento e esclarecimento da população são elementos obrigatórios. Do contrário, não se trata de um fazer turístico diferente, ético e, portanto, sustentável. Além disto, existem formas de garantir a participação da comunidade de maneira direta e indireta, que, por sua vez, não exigem grandes investimentos, ao contrário do que a falta de informação pode levar a crer.

As estratégias que podem ser seguidas para se obter o desenvolvimento sustentável no turismo podem ser definidas em cada caso e são profundamente dinâmicas, pois devem levar em consideração a realidade local. [...] Devem-se estabelecer mecanismos de participação da população, pois não há desenvolvimento turístico sustentável sem a integração da comunidade local em todas as fases do processo. (DIAS, 2003, p. 72)

No que diz respeito ao turismo sustentável, nota-se na população em geral uma enorme confusão conceitual, dada a paridade deste termo com o turismo sustentado. Pires (2002) menciona Capece (1997), que realiza o discernimento entre as mesmas a partir do foco central, que está na dimensão econômica, tendo em vista que o turismo, inegavelmente, está mais fortemente enraizado nesta dimensão.

As expressões turismo sustentado e turismo sustentável não devem ser utilizadas como sinônimos, pois a diferença está no fato do turismo sustentado referir-se à atividade econômica em si, que persegue a rentabilidade, enquanto o turismo sustentável se refere à consideração dos fatores de produção, que tornam possível a atividade econômica. [...] O turismo sustentado é aquele que se desenvolve de tal forma que, para a obtenção dos benefícios atuais, não restringe a capacidade de geração de benefícios futuros. E o turismo sustentável é aquele que se desenvolve de tal forma que considera como cotas não-superáveis os limites físicos e psíquicos do patrimônio natural, cultural e dos agentes localizados em seus âmbitos de atuação. (PIRES, 2002, p. 122 e 123)

Isto vem a reforçar a necessidade de informação junto à população sobre a atividade turística e suas segmentações, implicações e necessidades, mesmo quando nota-se sinais de bom senso na comunidade quanto à relação de convergência do turismo sustentável com outras tipologias da atividade turística, pois percebe-se que esta falta de informação e esclarecimento pode gerar um desinteresse e, conseqüentemente, a exclusão da população local na prática do turismo.

Além disto, a realização de programas capacitadores e educativos, voltados para a população em geral, pode, ao mesmo tempo, dar condições para que a população se envolva com a prática do turismo ou mesmo se proteja de possíveis mudanças e transformações desejadas e indesejadas acerca do turismo.

No que se refere ao envolvimento das famílias, ao estímulo do turismo envolvendo famílias receptoras, inclusive considerando a presença dos moradores do entorno, de modo geral, acredita-se que uma vez sensibilizados, envolvidos e informados, todos podem vir a ser guardiões das microrregiões em que vivem.

O turismo tem o potencial de contribuir para que as pessoas compreendam melhor as questões ambientais, desse modo ampliando a conscientização desses problemas, pois isso faz com que as pessoas tenham contato mais próximo com o meio ambiente natural. Esse contato eleva a consciência do valor da natureza e faz com que as pessoas adotem comportamentos e atitudes ambientalmente conscientes para preservar o meio ambiente. (DIAS, 2003, p. 99)

Uma forma reconhecida de realizar atividades turísticas com a participação e o envolvimento de famílias receptoras refere-se ao turismo no espaço rural. De acordo com o site de informações turísticas Solares⁴², o turismo no espaço rural inclui três tipos de turismo:

“Turismo de Habitação”, “Turismo Rural” e “Agroturismo”. O seu conceito geral é preservar as casas, a tradição, a cultura, a arquitetura, quer erudita quer rústica, e os modos de vida tradicionais. Proporciona alojamento para os turistas nas regiões rurais, onde, de outro modo, seria difícil ficar. O elemento significativo deste tipo de turismo é que as famílias ainda vivem nas casas, dando ao turista uma visão mais profunda dos costumes e modos de vida locais. (SOLARES, 2005, informações digitais)

No entanto, o sucesso deste tipo de fazer turístico é diretamente proporcional a um planeamento organizado que contemple a capacitação e informação, tanto das famílias receptoras quanto da população residente. Do contrário, é possível que a combinação da desinformação e da “euforia” por uma “atividade econômica” que venha reforçar ou até mesmo substituir as atividades que representam o sustento da família – considerando-se que é comum haver um pensamento ingênuo e desinformado quanto ao esforço, a dedicação e o aumento nas horas de trabalho que a atividade turística não planejada pode implicar – que ocorra um ciclo de euforia, apatia e atrito do receptor em relação ao turista. De acordo com Barretto & Tamanini (2002), em citação ao estudo de Holloway (1994), este ciclo representa uma teoria casual de atrito entre visitantes e visitados.

[...] Quando chega o turismo há, na sociedade receptora, um período de euforia, no qual os turistas são bem-vindos. Segue-se um período de apatia, no qual os turistas passam a ser parte do cotidiano, e os contatos entre visitantes e visitados revestem-se de caráter comercial. Uma terceira etapa é o atrito, quando a comunidade local começa a se preocupar com o turismo e começam os esforços para melhorar a infraestrutura. Finalmente, os turistas passam a ser alvo de hostilidade aberta por parte da população local, que começa a pensar em maneiras de atenuar os danos produzidos pelos fluxos turísticos. (BARRETTO & TAMANINI, 2002, p. 10)

Sobretudo, para consolidar qualquer tipologia de atividade turística arraigada nos princípios da sustentabilidade, na convergência de um turismo sustentável no município de Alfredo Wagner, será preciso trabalhar as comunidades locais, pois é lá que estão as principais riquezas sociais e naturais. Em prova disto, basta dizer que ao longo das **sete microrregiões** percorridas, das **20 propriedades** visitadas, **13** apresentavam **pontos notáveis**

⁴² Disponível em <<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/perfil.php>>

relacionados às águas. Entretanto, a forma, o caminho e o contexto em que almeja-se construir este processo podem ser decisivos para o sucesso do desenvolvimento desta atividade.

No presente estudo, considerando o método e os princípios éticos que guiaram o processo da pesquisa, o turismo sustentável passou a compor os interesses da comunidade. Além disto, de um modo geral, o turismo despertou a compreensão desta comunidade para as suas relações com as demais dimensões (saúde, saneamento, organização social, economia, e etc).

Desta forma, os problemas de saneamento, da organização social, da conservação dos recursos naturais, a exemplo das águas e cavidades naturais, que antes passavam despercebidos ganharam, um contexto passível de compreensão. Nota-se que isto somente foi possível por terem sido criados mecanismos que permitiram a todos os envolvidos se **sentirem parte** do problema, e, segundo Bordenave (1986), aí está a raiz da participação.

Por outro lado, esta visão defendida até aqui, de que a população deve ser envolvida, esclarecida e informada, não está alienada à realidade, à medida que reconhece-se que nem sempre observa-se, junto às comunidades, uma convergência de interesses por um turismo sustentável. Da mesma forma que reconhece-se que o envolvimento da comunidade não é por si só garantia de um turismo sustentável, mas certamente é o caminho mais ético.

Sobre esta questão, Swarbrooke (2000) faz uma síntese muito transparente e de extremo bom senso.

Devemos reconhecer que o turismo sustentável é, talvez, um sonho impossível, e que o melhor que podemos esperar é desenvolver mais formas de turismo sustentável. [...] Devemos nos esforçar para introduzir mais objetividade no debate do turismo sustentável.[...] Deveríamos aceitar a idéia de que o envolvimento da comunidade como um ponto fundamental do turismo está repleto de problemas, sendo necessário reconhecer que as comunidades são raramente homogêneas, ou têm um único ponto de vista sobre cada questão. Há uma necessidade de desenvolver mecanismos para arbitrar as visões conflitantes que surgirão sobre o turismo em qualquer comunidade. (SWARBROOKE, 2000, p. 63 e 64)

No entanto, acredita-se que não há mecanismo mais eficiente do que a transparência e o compromisso com os interesses da população. Indo mais além, é possível dizer que não se deve julgar de antemão a capacidade de reflexão e de participação da comunidade.

Esta transparência, embutida de outros cuidados éticos (principalmente a humildade do pesquisador) deve ser estendida ao longo de todo o processo e não apenas nos resultados, porque, neste caso, trata-se de buscar uma ação educativa, comunitária e solidária.

Porém, uma ação comunitária não está destituída da visão política e institucional, afinal, todas as ações humanas perpassam por ações políticas. Não há como desviar o olhar para tal questão, senão, ao contrário de instrumentalizar e capacitar a população, estará se incitando à rebeldia, a uma falsa autonomia ou mesmo a uma desconcentração de poder.

Infelizmente, eis o grande gargalo, afinal, como não envolver todos os que “têm parte” na situação quando está se buscando falar em participação? Talvez não se deva prender aos preconceitos e aos medos e apostar no inegável peso que a participação e o envolvimento das forças políticas e representativas locais exercem na conquista da autonomia da população.

Em se tratando de diálogos, reflexões e acordos sobre temas complexos como meio ambiente e turismo (que sugerem múltiplas relações), isto significa ir à fonte de uma política do setor público, aliada à sensibilização da comunidade frente à construção de relações de parcerias. Sem entrar a fundo no mérito da questão, talvez a mudança neste tipo de relação esteja pautada na postura do “ver para crer” de que não se trata de transferir poder simplesmente, mas, sim, de tornar sustentável o crescimento e desenvolvimento local e global.

Nesta direção, percebe-se que é preciso aprofundar e não se distanciar da busca por uma relação de parceria entre sociedade organizada e poder público local, pois a exemplo de Alfredo Wagner a população está pronta para ser ouvida, para “tomar parte” dos problemas.

Contudo, para isto se tornar uma realidade é preciso sensibilizar, esclarecer, instrumentalizar ambas as partes, do contrário se estará aleijando o processo e conseqüentemente frustrando esta comunidade.

A discussão sobre o turismo sustentável e as águas em Alfredo Wagner deu certo por inúmeras razões, mas dentre elas é preciso reconhecer, fundamentalmente, a participação das vertentes executiva e institucional, que, a seu tempo e conforme as necessidades, de maneira equilibrada, foram sendo envolvidas no processo.

Além disto, em cada propriedade visitada criou-se o momento do “ouvir” a comunidade, e os sinais de necessidade de melhoria foram claros, a ver, por exemplo, as seguintes lições:

- não adianta trazer cursos, divulgar atividades de capacitação sobre um tema que é desconhecido. (As pessoas não têm como se interessar profundamente a ponto de saírem de suas distantes propriedades para participar de algo que simplesmente elas não entendem, não sabem do que se trata. Ninguém “perde seu tempo” com coisas que não lhe fazem sentido);
- enquanto o turismo se mostra um tema confuso, interpretado como uma atividade meramente econômica (exatamente como acontece nos recintos acadêmicos), as demais tipologias, como o turismo sustentável, se mostram mais confusas ainda, cabendo uma discussão mais séria em torno da concepção e contextualização desta temática;
- se a sustentabilidade já virou um jargão, é mais do que uma prova de que este tema não está bem contextualizado, logo as ações educativas também devem estar embebidas deste tipo de preocupação, do contrário maiores confusões irão surgir (a exemplo da confusão entre turismo sustentável e turismo sustentado, que certamente também tem sua origem devido à concepção exclusivamente econômica que é dada ao turismo);
- dado o corpo teórico e prático multifacetado do fenômeno do turismo, seu tratamento não deve ficar restrito a especialistas, que somente enxergam parte da situação; é preciso investir em mais estudos multidisciplinares buscando concentrar esforços e resultados a favor de uma contextualização menos nociva deste tema.

Evidentemente, todo este processo resultou numa análise mais específica que define o município como promissor à prática exclusiva de um turismo sustentável, isto porque, tendo em vista o cenário e o contexto, que revela um intenso quadro de degradação ambiental, não há como direcionar as práticas de um turismo descompromissado com os interesses da população, com a busca pela melhoria das condições de proteção, conservação e preservação do ambiente natural, baseando-se unicamente nos interesses econômicos capitalistas.

9. SAINDO DE CAMPO: transportando ações coletivas em ações comunitárias

É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 1996, p. 17)

O momento do “Saindo de Campo”, de acordo com Patrício (1999), possui caráter específico, em que as interações entre pesquisador e sujeito, dependendo do tipo de estudo, podem representar meramente despedidas e agradecimentos, ou ainda encontros de devolução de dados.

Há tipos de estudo que requerem que o pesquisador, antes de concluir e/ou publicar o relatório de pesquisa, mostre e valide o conteúdo, a análise e a discussão dos dados aos sujeitos participantes do estudo. Outros estudos têm como princípio ético, já estabelecido no processo de entrada de campo, a “Devolução dos Dados” aos sujeitos ou representantes, responsáveis pelo contexto em que foi desenvolvido o estudo, e cujo tema diz respeito a questões coletivas. (PATRÍCIO, 1999, p. 73)

Tendo em vista os princípios éticos deste estudo, este momento caracteriza-se pela devolução parcial dos dados, a partir da realização das seguintes atividades:

Tabela 11. Atividades do Saindo de Campo

Atividades previstas	Técnica
6 Realização de Seminário para devolução e discussão dos dados.	Exposição com recurso audiovisual/ observação participante e discussão.
7 Elaboração de vídeo temático sobre o seminário.	Filmagem e gravação multimídia

Considerando-se a experiência da observação participante e as caminhadas em campo, foi possível reunir informações e dados que, aliados ao argumento do programa estadual referente aos Portais de Lazer, contribuíram para atrair a atenção e interesse da comunidade na discussão do tema turismo sustentável e as águas no município de Alfredo Wagner.

Após um intervalo de quase dois meses⁴³, a equipe voltou a se reunir e, mediante uma série de quatro encontros de planejamento e organização, estruturou a realização de um seminário, posteriormente denominado **“Encontrão para o Turismo: uma experiência voltada ao olhar turístico sustentável no município de Alfredo Wagner-SC”**.

A denominação **Encontrão para o Turismo** emergiu no decorrer das discussões da equipe coletiva, a fim de manter uma coerência e um domínio lingüístico com a população local. Atentando para a dinâmica social e ao calendário do município, o seminário foi realizado nos dias 8 e 9 de julho, numa quinta e sexta-feiras, a partir do convite entregue pessoalmente às comunidades visitadas e aos setores de interesse (prefeitura, comércio e sociedade organizada) nos dias 29 e 30 de junho, além da população em geral, convidada via anúncios diários na rádio comunitária.

Sob o objetivo de despertar a atenção da comunidade para a temática deste estudo, bem como apresentar, validar e devolver os dados parcialmente trabalhados, o seminário foi programado para trazer um contexto teórico e prático sobre o turismo sustentável aos participantes. Por esta razão, foi organizada uma **Manhã de Palestras** no primeiro dia (08/07/04) e um **Dia de Turista** no segundo dia (09/07/04).

Para esta **Manhã de Palestras**, realizada no período das 8h30min da manhã às 13h na sala da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, foram convidados⁴⁴ dois palestrantes, que, junto à equipe coletiva, apresentaram os seguintes temas: Turismo Sustentável e as águas no município de AW (Projeto TRILHA); Turismo, conceitos e tipologias; e COMTUR – Conselho Municipal de Turismo, a experiência de Atalanta-SC.

⁴³ Este intervalo, inicialmente proposto para a participação de uma das pesquisadoras locais no II Encontro da ANPPAS, em que foi apresentada a sistematização da experiência de criação do AW NOTÍCIAS, conforme mencionado no início desta seção, findou num afastamento maior devido a distintos problemas pessoais que, de forma curiosa, atingiram toda a equipe coletiva num mesmo período. Para a equipe coletiva, isto representou um reflexo da relação de harmonia (sincronicidade através do *communio spiritus* diria JUNG, 1991, apud PATRÍCIO, 1999, p. 71), que se estabeleceu ao longo da sua convivência.

⁴⁴ Palestrantes: profa Ariani Neckel, palestra Turismo, conceitos e tipologias. Coordenadora do Curso de Turismo da UNIDAVI – Universidade do Alto Vale do Itajaí. Jairo Cardoso, palestra COMTUR: a experiência de Atalanta-SC. Presidente do COMTUR de Atalanta – SC



Figura 43. Fotografias da Manhã de Palestras no Encontro para o Turismo. (NEA, 2004)

Neste primeiro dia, em que participaram **41** pessoas da comunidade, foram devolvidas as fotografias e entregue um caderno temático (ver encarte) contendo a história sobre o interesse da UFSC pelas águas, sua vinda ao município, o estudo sobre o turismo sustentável e as águas, a formação da equipe coletiva, além da programação e roteiro do evento que neste primeiro momento foi encerrado com um almoço servido a todos participantes.

O **Dia de Turista**, realizado em período integral das 7h às 18h, culminou na saída de ônibus dos **39** participantes inscritos no dia anterior ao município de Atalanta, a fim de visitar as propriedades de famílias receptoras de turistas, os atrativos, e os equipamentos turísticos (a exemplo do Parque Municipal da Mata Atlântica) e as instalações e atividades do COMTUR.



Figura 44. Fotografias do Dia de Turista no Encontro para o Turismo. (NEA, 2004)

É importante esclarecer que o município de Atalanta foi escolhido como destino deste **Dia de Turista** a partir da experiência vivida na iniciativa da Gerência da Organização e

do Lazer da 13ª SDR (cujo representante a convite se fez presente), por considerar-se que neste município há a efetiva consolidação de uma atividade turística planejada, organizada e orientada conforme os desejos da população.

Dentre as propriedades de famílias receptoras visitadas, destacam-se como atividades e atrativos a:

- produção e comercialização de produtos agroecológicos, doces, compotas e biscoitos;
- cultivo de plantas e ervas medicinais e produção e comercialização de remédios e cosméticos caseiros;
- pousada e refeições típicas caseiras;
- pousada e criação de trutas; e
- café colonial. Além destas, também destaca-se a visita ao viveiro da APREMAVI – Associação de Preservação do Meio Ambiente do Alto Vale do Itajaí.

Como última atividade do **Encontrão para o Turismo**, foi realizada uma **avaliação geral** sobre o evento com todos os participantes reunidos em volta de uma mesa, a ver nos depoimentos a seguir:

Eu tava comentando, dentro do ônibus, que bom que a universidade saiu da clausura, que veio para o interior, na realidade fazer o papel dela, que é levar conhecimento e fazer com que nós, do interior, consigamos ter um apoio maior para fazer atividades diferentes e que são inerentes ao nosso local. E o que eu vi hoje foi o que me deixou muito satisfeito, porque, na realidade, a gente tem aquela praga que é a televisão e que quando você vê alguma coisa, você vê uma coisa muito elitizada e fica pensando que desta forma não vai conseguir fazer alguma coisa, montar e ter uma estrutura para fazer a prática do turismo. E o que a gente viu? A gente viu tudo que a gente tem em casa, tudo que a gente viu aqui todo mundo tem. Então, de uma forma equilibrada, consciente e muito barata a gente pode fazer no nosso município esse tipo de turismo, um turismo crioulo, eu diria. Mas para isso é preciso ter força de vontade e ler aquela frase que foi a primeira coisa que eu fiz quando entrei aqui: – o sucesso está um pouco além de onde as pessoas comuns desistem. Era isso que eu queria passar, o que eu tô sentindo, e dizer que a gente não pode desistir e também agradecer a Ane pela oportunidade. (depoimento 1. participante do Encontrão, julho de 2004)

Tô feliz em estar em Atalanta porque a gente vê que as pessoas estão conseguindo se dar bem na atividade do turismo, e estas, pessoas, com certeza, não vão fazer fila nas grandes cidades e nas favelas. Mais feliz ainda em ver que Alfredo Wagner tem todas as capacidades, potencialidades e belezas naturais para fazer o que Atalanta está fazendo hoje. Eu acho que só tem a somar se nosso Município um dia conseguir se unir a Atalanta e a outros municípios, pois é aí que o turista, com certeza, virá em maior quantidade trazendo benefícios. E também queria dizer que esse é um sonho que começou há dois anos em conversas com a Ane e que agora é uma realidade, da qual fazemos parte eu, Wanessa e Diana. Isso, para mim, já é uma realidade, pois na minha cabeça não tem mais retrocesso. A gente fica muito feliz em saber que a partir do dia de ontem e de hoje a gente pode sair do monocultivo do fumo e da cebola, garantindo a permanência dessa juventude que tá aí com 12,

14 e 20 anos e não tem o que fazer, mas que através do turismo pode arrumar uma maneira de viver melhor. (pesquisador local sr. Irimar, Encontro, julho de 2004)

Eu queria agradecer a oportunidade que a Ane está nos oferecendo a partir deste trabalho que há dois anos está sendo desenvolvido. Eu a conheci num trabalho feito pela Universidade nas escolas e agora estamos tendo essa oportunidade de conhecer melhor nosso Município que é tão belo. Eu não conhecia, não fazia idéia de que haviam tantas cachoeiras, tantas belezas e maravilhas a serem exploradas. (depoimento. 2 participante do Encontro, julho de 2004)

Eu queria agradecer a Ane pela oportunidade e dizer que há quatros anos atrás teve um curso sobre turismo no município, mas pouca gente participou. Eu fui uma das que participei porque a gente tá sempre envolvido com as possibilidades de tentar ver o que é melhor para o município. Com a oportunidade do trabalho da Ane a gente já tem um filão muito bom para o município. A gente sente que lá em Alfredo Wagner as pessoas acham que a coisa, para dar certo, tem que ser muito chique e bonita e que nós não somos capazes. Então falta auto-estima para as pessoas se valorizarem, porque potencial a gente tem. Agora é trabalhar essa parte e eu acho que o Conselho vai ajudar. Mas eu queria pedir que esse grupo não se afastasse, porque depois cada um vai para as suas comunidades e esquece tudo de novo. A gente não pode deixar morrer, se a gente se encontrar, pelo menos vamos tocar no assunto, senão o esforço da Ane não vai ter valido a pena. (depoimento. 3 participante do Encontro, julho de 2004)

Quero agradecer a oportunidade de passar um dia de turista porque foi assim que eu me senti. Realizei algo que eu nunca sonhava, um sonho que eu não sonhava, então obrigada pelo esforço desse pessoal da universidade. Agora eu entendi o que vocês estão fazendo aqui. (depoimento. 4 participante do Encontro, julho de 2004)

Esse trabalho que a Ane está fazendo eu que deveria estar fazendo como responsável da Secretaria por esta parte do turismo. Eu já tive a oportunidade de trabalhar com a Ane no início do ano e a gente se alegra muito em ver essa força de vontade de vocês. E pode ter certeza que o turismo é a grande renda do futuro. [...] Quem se preparar agora vai ter uma grande renda no futuro. Eu agradeço muito a Ane, que é uma pessoa batalhadora. Vocês foram muito felizes em ter a Ane, se cada Município pudesse ter uma Ane seria uma riqueza para o município. (depoimento. 5 participante do Encontro, julho de 2004)

A partir desta experiência criou-se um processo de reflexão coletiva, gerando uma desejada transformação na realidade, evidenciada por uma iniciativa que naturalmente emergiu da comunidade, referente à estruturação do COMTUR de Alfredo Wagner. Diante disto, o **Encontro para o Turismo** foi encerrado com o agendamento de um **novo encontro**, desta vez, pautado na negociação desta proposta assumida coletivamente.

Por outro lado, observando-se que toda a programação e a realização desta experiência foi registrada em vídeo com o devido consentimento dos participantes, após o

evento também se iniciou o processo de criação⁴⁵ do filme **Turismo Sustentável e as Águas no Município de Alfredo Wagner-SC**, um importante produto deste trabalho. (ver encarte)

Deste **novo encontro**, conduzido pela própria comunidade e realizado no dia 16 de julho, participaram **19** pessoas da comunidade, algumas, inclusive, pela primeira vez.

Dentre os encaminhamentos estabelecidos, é possível destacar:

- a eleição dos representantes provisórios⁴⁶, observando-se a exclusão temporária dos candidatos à eleição corrente;
- implementar um roteiro turístico integrado no município, considerando a soma dos atrativos e equipamentos turísticos públicos e privados, assim como as propriedades das famílias interessadas no receptivo de turistas;
- realizar visita de reconhecimento às propriedades das famílias interessadas;
- atrair a atenção e participação dos representantes do comércio, artesanato e sociedade organizada; e
- realizar reunião com representantes do Projeto Trilha/UFSC e Projeto de Planejamento Turístico/Faculdade Estácio de Sá⁴⁷ para identificar novas possibilidades na implementação do COMTUR e do Roteiro Turístico Integrado no Município.

Vale acrescentar que a experiência anteriormente relatada (na seção “Entrando no Campo”), referente à estruturação do CONDEMA, garantiu à comunidade um maior amadurecimento e segurança, tornando-se um fator decisivo para a proposição de outro canal de participação social, a ver o sólido interesse na implementação do COMTUR.

Desta vez não vai ser como da outra, agora nós estamos mais amadurecidos, além disto, agora a idéia foi nossa, nós pretendemos fazer esta idéia dar certo. Também tem o lado da prefeitura, que agora tá dando apoio e isso fortalece o nosso grupo. (Participante do COMTUR provisório, agosto de 2004)

Concomitantemente à proposta do COMTUR surgiu o interesse em estruturar um RTI – Roteiro Turístico Integrado em Alfredo Wagner. Este se mostrou como resultado da observação do cenário transformado socialmente e coletivamente no município de Atalanta.

⁴⁵ Participaram do processo de criação deste vídeo a própria autora (elaboração do roteiro, seleção de sons e imagens), o Msc. em cinema Christian Abes (edição e tratamento de imagens) e a prof^a. do Laboratório de Vídeos da UFSC Ane Girondi (coordenação geral).

⁴⁶ Foram eleitos provisoriamente como presidente o sr. Osmar Lima Coelho e como secretária a sr^a. Gisele Schüller.

⁴⁷ A partir deste momento a comunidade passou a refletir sobre a importância de reconhecer as atividades de todas as instituições de ensino e pesquisa presentes em seu município, bem como a real contribuição de suas ações frente aos seus interesses, principalmente por considerar-se o desconhecimento das atividades dos pesquisadores da Faculdade Estácio de Sá.

Assim como no entendimento e percepção de que esta poderia ser uma forma de colocar em prática o planejamento e a organização de uma atividade turística sustentável, visando, acima de tudo, proteger o ambiente natural e as populações residentes e as receptoras de turistas.

De acordo com o dicionário *Aurélio* (1975, p. 773), a integração é o “[...] ato ou efeito de uma política que objetiva integrar no seio de uma sociedade as minorias, sejam raciais, religiosas, sociais, etc”.

Aqui a integração ganha sentido de maximizar as oportunidades de implementar uma atividade turística sustentável no município. Conforme Porter (1992), poderia ser comparado com uma colméia (sugestivo de cooperação, colaboração, especialização, divisão do trabalho) ou com o conjunto de equipamentos de lazer de um condomínio de edifício (a piscina, a churrasqueira, a quadra poliesportiva, o playground infantil), o que sugere integração, entrelaçamento, afinidades, etc.

Os Roteiros Turísticos Integrados são roteiros e produtos que integrem a capital e/ou as cidades vizinhas, sempre de acordo com o potencial de cada uma delas. Este novo conceito está relacionado a quatro fundamentos básicos, que norteiam a escolha dos melhores projetos de infra-estrutura. São princípios que permitem aumentar a eficiência e a sustentabilidade do desenvolvimento econômico. Sendo eles: **sustentabilidade ambiental** (a infra-estrutura regional deve se adaptar à capacidade e à vocação turística do território e aos ecossistemas que o compõem.); **eficiência econômica** (uma localidade contribui para o crescimento da outra.); **sustentabilidade social** (é preciso que os representantes da sociedade conheçam e defendam a execução dos empreendimentos. Do contrário, corre-se o sério risco de que os projetos fiquem apenas no papel, além de expor a população ao enfrentamento das inúmeras externalidades do turismo, bem como a um estrangulamento de sua participação no diverso setor turístico.); **perspectiva geoeconômica** (para fins de planejamento, isto significa ver as localidades integradas como uma unidade econômica única, nessa perspectiva, buscam-se os empreendimentos que permitam a sinergia e a complementaridade entre os setores de interesse turístico). (SILVEIRA, 2001, informações digitais)⁴⁸

Para a comunidade, a organização do RTI também poderia ser uma forma de utilizar a proposta do governo do Estado acerca dos Portais de Lazer como uma estrutura não apenas de receptivo e informação do turista, mas de distribuição e controle. Ou seja, uma vez definido os atrativos, equipamentos e propriedades receptoras e incluídas no RTI, o turista, conforme sua disponibilidade e interesse, poderia definir o perfil de seu roteiro, montando um pacote de serviço e de lazer personalizado.

⁴⁸ SILVEIRA, J.. Roteiros Turísticos Integrados. Disponível em: <www.radiobras.gov.br/integras/01/integras_1707.html> Acesso em: 22, maio, 2003.

Cada estabelecimento, propriedade receptora, atrativo e equipamento turístico, uma vez organizado e preparado (a exemplo da capacitação pessoal e estruturação física), estaria associado a um tipo de serviço (guia turístico, condutor de trilha, transporte ou meramente orientação), cujo acesso seria caracterizado pela compra de passaportes.

Desta forma, nenhuma visita poderia ocorrer sem a comunicação e o aviso prévio às famílias receptoras, aumentando a qualidade no atendimento ao turista e preservando os interesses da comunidade.

Esta é uma estrutura, que de modo geral, se assemelha com o sistema de voucher único utilizado em Bonito – MS. Entretanto, nesta localidade, o voucher somente é utilizado para os pontos turísticos naturais cujo acompanhamento de guia e condutores especializados é obrigatório.

Neste caso, a comunidade compreende que o acompanhamento deve, de fato, ser obrigatório, mas seu alcance deve se estender às visitas nas propriedades receptoras e não somente aos atrativos naturais.

Sob a finalidade de discutir com mais profundidade a proposta de implementação de um RTI em Alfredo Wagner e identificar as possíveis necessidades e potencialidades, inicialmente foi realizada uma visita de reconhecimento às propriedades de interessados no receptivo de turistas, nos dias 19 e 20 de julho.

A convite dos representantes do COMTUR provisório, realizou-se a participação nesta visita de reconhecimento, mas desta vez, numa inversão de papéis, a pesquisadora cumpriu a função de mediadora.

Para esta visita foi elaborado um instrumento de observação (ver apêndice e) que compreende uma síntese do processo de inventário turístico rural, proposto por Salles (2003), sob a finalidade de tornar mais objetivo o olhar dos membros provisórios do COMTUR durante este reconhecimento.

Como principal produto desta atividade foi desenvolvido o “**Relatório de Avaliação das Propriedades Piloto do RTI de Alfredo Wagner**”, cujo resultado revelou um número de **oito propriedades** cujas famílias manifestaram interesse em consolidar uma atividade turística sustentável, inclusive apontando atividades distintas como atrativo, a ver como exemplo: apanhe-pague de frutas, café colonial, artesanato (em madeira, em tricô...), caminhadas em trilha com apreciação de cachoeiras e cavidades naturais, culinária típica, atividades rurais diversas (ordenha, cavalgada, apicultura, pesca, ...), pernoite e outros.

Por outro lado, dentre os aspectos que se mostraram negativos, observou-se, com mais urgência, a falta de um sistema de saneamento adequado (água, esgoto e resíduos sólidos) na maioria das propriedades visitadas. Isto porque, a exemplo da água, percebeu-se que seu consumo em geral é feito sem nenhum tipo de tratamento ou filtração quando captada da nascente, que, por sua vez, na maioria dos casos, é desprotegida. Em poucas exceções foram registradas a existência de caxambus, denominação dada a um filtro padronizado que visa garantir a qualidade da água e realizado sob orientação de extensionistas da Epagri.

Da mesma forma, não há nenhum sistema convencional de tratamento de esgotos domésticos, que, em geral, são lançados diretamente no leito do rio ou mesmo livremente em qualquer ponto da propriedade. Os resíduos sólidos, em poucas exceções, são selecionados e quando feito seu destino é reservado à criação de suínos (orgânico) e incinerado (inorgânico).

Contudo, como principal resultado desta visita destacou-se a compreensão, por parte da comunidade, quanto à importância de se discutir o saneamento básico, a organização social, a qualidade e a quantidade das águas, cabendo ao turismo sustentável o papel de intermediar esse processo de reflexão comunitária sobre a realidade observada frente aos seus interesses futuros, que, por sua vez, implicam maiores cuidados ambientais.

Assim, dando indícios de uma verdadeira e assumida autonomia, foi proposto pela comunidade um encontro com as equipes e os representantes dos projetos de pesquisa atuantes no município, a fim de se conceber com mais clareza suas respectivas atividades.

Para realizar o planejamento deste encontro, os membros e participantes do COMTUR provisório se reuniram mais uma vez, no dia 12 de agosto, a fim de discutir seu papel, seus objetivos, reafirmar suas prioridades e definir o cronograma do evento.

Vale salientar que, a convite e a pedido dos membros do COMTUR, foi concretizada a participação nesta reunião, associada à entrega de um caderno temático (um subproduto deste trabalho) tratando dos aspectos legais, apresentando, dentre outros tópicos, o exemplo do caso de Bonito – MS, sob a finalidade de alimentar a discussão deste grupo, tendo como elemento condutor seus próprios interesses.

A partir daí, este grupo organizado da comunidade pela primeira vez se posicionou como anfitrião, elaborando e encaminhando convites (ver anexo) a todos os segmentos de interesse (comércio, artesanato, sociedade organizada e outros), inclusive aos representantes dos referidos grupos de pesquisa.

No dia três de setembro de 2004 foi realizado o **“Encontro de Turismo: Alfredo Wagner Rumo ao Turismo Integrado e Sustentável”**, título escolhido pelos membros do COMTUR – provisório. Até este evento, eram desconhecidos os objetivos e interesses do projeto de pesquisa da anteriormente mencionada faculdade, contudo, cada representante dos projetos de pesquisa e extensão atuante no município pôde tratar, de modo geral, dos avanços e produtos de suas atividades.

Após uma exposição de 30 minutos para cada instituição, as atividades do presente estudo, desenvolvidas em parceria com a comunidade, foram reveladas mediante a apresentação do vídeo **“Turismo Sustentável e as Águas no município de Alfredo Wagner”**, com 10 minutos de duração.

Uma vez concluídas as apresentações, o coordenador da reunião, presidente provisório do COMTUR, expôs os interesses do grupo e buscou identificar as possibilidades de ação rumo à implementação de um RTI no município.

Dentre os encaminhamentos estabelecidos neste encontro, destaca-se:

- realizar novos encontros para negociação, utilizando-se como espaço as propriedades das famílias interessadas no receptivo de turistas;
- identificar e convidar outros interessados, a fim de definir um número determinado de propriedades piloto para a implementação do RTI;
- estabelecer as prioridades conforme o alcance e disponibilidade dos envolvidos, a ver comunidade, instituições de ensino e pesquisa, prefeitura local e COMTUR provisório.

Buscou-se, a partir desta oportunidade, enfatizar que para contribuir com os interesses deste grupo entrariam em cena novos colaboradores-pesquisadores⁴⁹ por parte do Projeto Trilha, a fim de compor um alcance ainda maior nas ações de apoio a serem compartilhadas entre as instituições envolvidas.

Dentro deste contexto, ficou esclarecido que para as questões de saneamento e organização social alguns componentes do Projeto Trilha se encarregariam de contribuir conforme a disponibilidade e as necessidades emergentes, enquanto as demais atividades

⁴⁹ Graduanda Tâmara Ellis Caldart, uma das responsáveis pela meta 5, “Implantação de unidades demonstrativas de tratamento individual de esgoto doméstico, visando a educação sanitária, a capacitação e o monitoramento”. Doutorando Paulo Pires, um dos responsáveis pela meta 8, “Implementação de processos metodológicos (educativos e organizacionais) de integração das ações do Plano de Gestão Ambiental”.

voltadas à implementação do RTI ficariam a cargo da colaboração do projeto da referida faculdade.

Visando intermediar a aproximação dos novos colaboradores do Projeto Trilha, no decorrer dos demais encontros organizados pelo COMTUR provisório, já nas propriedades inseridas no programa piloto do RTI, mais encaminhamentos foram estabelecidos, a ver:

- a avaliação e definição de três propriedades a serem incluídas no diagnóstico de saneamento a ser encaminhado para a FUNASA – Fundação Nacional de Saúde, a fim de que fossem contemplados recursos para a implementação de sistemas convencionais de tratamento de esgoto; e
- realizar curso de capacitação de condutores de trilha e de implementação de trilhas ecológicas.

A partir daí, com os devidos esclarecimentos por parte da pesquisadora, concretizou-se o momento do “Saindo de Campo”, porém não representando um distanciamento total, à medida que o contato permaneceu tanto com os membros provisórios do COMTUR e o núcleo de pesquisadores locais, quanto com os representantes do outro grupo de pesquisa. Além disto, segundo os princípios éticos deste estudo, o encerramento deste trabalho compreenderá a devolução final dos dados através de exposição oral e escrita de sua sistematização, com entrega de cópias da versão final encadernada.

10. CONCLUSÃO: das considerações às recomendações finais.

É preciso que quem tenha o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. (FREIRE, 1996, p. 132 e 133)

A abordagem deste estudo esteve orientada a uma concepção mais abrangente do turismo, expondo suas múltiplas relações, que o tornam não uma mera atividade econômica, muito embora esteja nesta dimensão seu viés mais forte, mas sim, um fenômeno.

Enquanto fenômeno, o turismo pode mostrar-se muito vantajoso, porém muito nefasto, a ver como exemplo contextos expostos e argumentados no início deste trabalho. Certamente suas implicações irão depender dos interesses individuais e coletivos dos envolvidos em seu planejamento e organização, assim como, de uma ética e estética coerentes a tais interesses.

Desta forma, buscou-se, nos princípios do turismo sustentável, a construção de um diálogo voltado a um turismo de inclusão social, focalizando as potencialidades não unicamente nos cenários naturais, mas nos seres humanos acima de tudo.

Neste sentido, a água, enquanto recurso natural em maior evidência e, portanto, representante do cenário natural identificado no município, foi reconhecida como tema gerador de toda a pesquisa coletiva, permanecendo como tal neste estudo, porém atuando também como elemento estratégico, considerando, neste caso, a expressão “caminhos das águas”, cujos benefícios foram o diálogo, a reflexão e a transformação na realidade da população local.

Observando-se o interesse deste estudo, é possível destacar que a água, enquanto tema gerador, associada à discussão do turismo sustentável e orientada pelo método da pesquisa, permitiu a compreensão da comunidade para um significado mais profundo do turismo sustentável, considerando sua capacidade de dialogar com outras dimensões, a exemplo das águas, já reconhecidamente um múltiplo-tema.

Esta compreensão, remete ao desenvolvimento de uma reflexão crítica por parte dos indivíduos participantes deste estudo sobre a realidade do município, estabelecendo, assim, uma desejada transformação.

Esta transformação, enquanto tema emergente deste estudo, parte da crença de que não se busca, prioritariamente a produção do conhecimento, pois a mesma é subjacente a um processo criativo, replicável, que visa a ativação de uma mudança. Ativar no sentido de deixar que esta flua naturalmente, do contrário, os envolvidos não se “sentirão parte”, conseqüentemente, não “tomarão parte”, e, logo, não “farão parte” desta transformação. (BORDENAVE, 1986).

Atribui-se esta transformação a inúmeros fatores, dentre eles a composição de uma dinâmica espiral, criativa, construtivista, participante e eticamente solidária. Porém, é preciso redizer alguns destes fatores a partir dos seguintes atributos:

- participação e cooperação (não houve o estabelecimento de uma hierarquia, de modo que os pressupostos estabelecidos, a exemplo dos cuidados éticos, representaram mais do que pedir licença, e, sim, a busca efetiva pela motivação e entusiasmo daqueles que “tomaram parte”, pois não havia o mais forte, o mais sábio e conhecedor, afinal, todos aprendiam ao mesmo tempo);
- criação de mecanismos de cooperação (embora este tenha sido um processo de pesquisa participante construtivista, foram definidas algumas atividades estratégicas, cuja a função além de estabelecer um direcionamento, baseou-se na divisão da responsabilidade, em integrar, com a mesma importância, cada componente da equipe, tornando útil a presença de todos os envolvidos);
- ações construtivistas (não houve um jogo de preencher lacunas, não foi elaborada ou replicada uma receita, mas também não foi desenvolvido um processo solto e deslocado, as ações estratégicas e os pressupostos estabelecidos compuseram a linha dorsal deste estudo, gerando reações flexivelmente orientadas);
- diálogo multidisciplinar (o contexto interdisciplinar a que remete este estudo sem dúvida foi precursor desta transformação, a partir da construção de pequenas, grandes, às vezes isoladas, porém não menos importantes, ações para o processo de construção da autonomia local. Acredita-se que sem autonomia não há transformação);
- saber prático e coletivo (a formação de um núcleo comum de pesquisadores representou mais do que a troca de diálogo e reflexão, pois devido a esta comunicação transformou-se a ação, inicialmente individual e posteriormente coletiva, em ação comunitária e educativa).

Mas claramente, esta transformação, pautada na participação da comunidade, foi gerada por estar sendo interpretado o fenômeno do turismo como uma possibilidade de formação humana, promotor de uma nova auto-estima, renovador das esperanças e desejos mais íntimos e inconscientes, aliado ao fator simbiótico de sua relação com o desenvolvimento, com o progresso, com a afluência, com a busca de ser feliz e mais saudável.

Além disto, em concordância com Morin (2004, p. 73), acredita-se que a transformação freqüentemente acontece no momento em que os compromissos assumidos e estabelecidos são cumpridos, “quando se soluciona o problema”.

Neste estudo, os compromissos não apenas foram cumpridos e devolvidos, mas seus resultados foram inesperados para a comunidade, à medida que, inicialmente, houve a surpresa pelo desconhecido (os cenários locais são alheios aos moradores de seu entorno, isto é, as comunidades são vizinhas, porém, não se comunicam), e, posteriormente, houve a certeza da incerteza (não bastava ouvir sobre a existência dos problemas, era preciso ver, quase como São Tomé, para crer nos problemas, e mais, para finalmente torná-los coletivos. A inexistência da fossa séptica do vizinho agora não é problema exclusivo deste vizinho, pois foi percebido que sem uma boa prática de saneamento, sem uma organização social, sem discutir a proteção do manancial, a conservação do meio natural, não há como levar adiante a prática de um turismo sustentável).

Diante deste contexto, percebe-se a possibilidade concreta de trabalhar a temática de um turismo – socialmente justo, organizado e de “bem com a natureza”, a exemplo do turismo sustentável, como um elemento estratégico em processos de construção da gestão ambiental participativa.

Como recomendações gerais, percebe-se a necessidade de dar continuidade a este processo socialmente construído, tendo em vista que a comunidade já mostra sinais de amadurecimento e percepção de sua autonomia, de modo que ainda falta sensibilizar, com a mesma ética e estética, a vertente executiva e institucional, visando à consolidação de uma verdadeira parceria e responsabilidade compartilhada, anseios de um processo de gestão ambiental participativa.

Mais especificamente, há um amplo espaço a ser trabalhado acerca dos interesses da comunidade, que se abrem para a consolidação de um RTI – Roteiro Turístico Integrado municipal, que, por sua vez, implica formas interligadas de ações educativas, técnicas e estruturais.

As medidas educativas visam à continuidade deste processo de sensibilização, informação e esclarecimento da população, frente à prática de um turismo de inclusão social, ético e ambientalmente sustentável. Esta é uma questão que perpassa pela formação de multiplicadores, tal como o núcleo de pesquisadores locais, que remete a um ponto crucial para a consolidação de um RTI, visto que seu caráter operante depende de uma relação de compromisso e parceria com a população residente e a receptora. Para citar um único exemplo do peso desta questão, vale mencionar a preocupação com o manejo inadequado dos espaços naturais, que já refletem práticas (inclusive culturais) de um turismo interno desvinculadas de qualquer tipo de preocupação com a integridade física e de regulação destes ecossistemas.

As medidas técnicas concentram-se nas atividades de capacitação pessoal, instrumentalizando tanto a população receptora quanto os demais envolvidos, sobre as boas práticas do turismo, do receptivo, da administração, da fiscalização, do planejamento e da organização do Município.

Finalmente, as medidas estruturais refletem as implementações físicas, inclusive a implantação do COMTUR, a fim de que passe de provisório a efetivo, além das necessárias mudanças e transformações na infra-estrutura local, sempre buscando, nas medidas técnicas e educativa, a orientação e o bom senso a favor de uma ética e estética voltada aos princípios da sustentabilidade.

11. REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, M. **Meditações: texto integral**. Tradução: MARINS, Alex. São Paulo: Martin Claret, 2001. (Coleções).
- ALMEIDA, E. M^a de. **Processo Histórico de Uso e Ocupação do Solo e Suas Repercussões nos Recursos Hídricos no Município de Alfredo Wagner/SC: um processo interdisciplinar e de construção participativa local**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2003.
- ALVES, R. **Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica. **Introdução ao Gerenciamento de Recursos Hídricos**. Arnaldo Augusto Setti et al. Brasília:2001.
- AW NOTÍCIAS. **Pastoreio Racional Voisin**. Alfredo Wagner, N° 1. Ano 0, dezembro de 2003, bimestral, 2000 exemplares.
- BARLOW, M. & CALRKE, T. **Ouro Azul: como as grandes corporações estão se apoderando da água doce no nosso planeta**. São Paulo: M. Books, 2003.
- BARRETTO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. (4^o edição, Coleção Turismo). São Paulo: Papyrus, 1995
- _____. **Planejamento e Organização em Turismo**. (2^o edição, Coleção Turismo). São Paulo: Papyrus, 1996
- BARRETTO, M. & TAMANINI, E. (org.). **Redescobrimo a Ecologia no Turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- BARRETTO, M.; TAMANINI, E.; SILVA, M^a I. P. DA. **Discutindo o Ensino Universitário do Turismo**. Coleção Turismo, Ed. Papyrus: 2004.
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BAZZO, W. **Sociedade, Ética, Tecnologia e Natureza** (Palestra). IV Encontro Presencial FUNIBER, Florianópolis: 2004.
- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**.: São Paulo: SENAC, 1998.
- _____. Conceituando Turismo Rural, Agroturismo, Turismo Ecológico e Ecoturismo. In: BARRETTO, M. & TAMANINI, E. (org.). **Redescobrimo a Ecologia no Turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução FIGUEIREDO, A. P. São Paulo: Maltese, 1986.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUARQUE, S. C. **Metodologia de Planejamento do Desenvolvimento Local e Municipal Sustentável**. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/IICA, Brasília: 1999.
- BRAGA, B. et al (org.). **Introdução a Engenharia Ambiental**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- BRÜSEKE, F. J. **O Problema do Desenvolvimento Sustentável**. In: CAVALCANTI. C. (org.). **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRUNA, G. C. **Aspectos Econômicos e Sociais da Utilização da Água Doce e o Ecoturismo**. In: **Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. REBOUÇAS, A.; BRAGA, B. & TUNDISI, G. (org.). São Paulo: Escrituras, 2002.
- CAVALCANTI. C. (org.). **Sustentabilidade da Economia: paradigmas de realização econômica**. In: **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 2001.
- DEMO, P. **Ciências Sociais e Qualidade**. São Paulo: ALMED, 1985.
- DIAS, R. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.
- EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. **Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Prefeitura Municipal de Alfredo Wagner, SC: 2003.
- FAZENDA, I. C. A.. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas – SP: Papyrus, 1994.
- FIALHO, M. **Ecosofia**. (Palestra). IV Encontro Presencial FUNIBER – Florianópolis, agosto: 2004.
- FILHO, D. R. et al (org.) **Gente Cuidando das Águas: meia dúzia de toques e uma dúzia de idéias para um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de água**. Belo Horizonte: Mazza, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, SP: 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUERRA, A. T. & GUERRA, A. J. T. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

- HOLLIDAY, O. J. **Para Sistematizar Experiências**. João Pessoa, PB: Universitária, 1996.
- ILLICH, I. **H²O y Lãs Aguas Del Olvido**. Tradução SHERT, J. M. Madrid: Cátedra, 1989.
- KESSELRING, T. **O Conceito de Natureza na História do Pensamento Ocidental**. In: *Ciência & Ambiente* III (5) Jul/Dez:1992.
- LAUAND, J. **O Homem Um Ser que Esquece**. Disponível em <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/jean.htm>>. Acesso em: 10, maio, 2003.
- MASSON, I. **A Gestão Ambiental Participativa: possibilidades e limites de um processo de múltiplas relações**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, 2004.
- MENDONÇA & POMPÊO, **Desenvolvimento Local e Sustentabilidade Social: a perspectiva da responsabilidade compartilhada**. In: *Anais da X SILUBESA*, Natal, Rio Grande do Norte: 2003.
- MINAYO, C. de S. (org.) et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORIN, A. **Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica: uma antropopedagogia renovada**. Tradução Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MORIN, E. **O Método: 1. natureza da natureza**. Lisboa: Mira-Sintra, 1977.
- _____. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- MOESCH, M. **Turismo e Lazer: Conteúdos de uma única questão**. In: Marcellino N. C. (org.) *Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte*. Campinas: Papyrus, 2002.
- NEA – Núcleo de Estudos da Água. **Controle de Enchentes e Gestão Ambiental Participativa em Alfredo Wagner/SC – Plano de Pesquisa**. Núcleo de Estudos da Água, Depto. de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, 18 pgs., mimeo, 2001.
- NEA. **Planejamento Participativo dos Recursos Hídricos da Região das Nascentes do Rio Itajaí do Sul** - Relatório de Pesquisas. Financiadora de Estudos e Projetos, FINEP, Fundo Setorial de Recursos Hídricos, CTHidro e Núcleo de Estudos das Águas, Depto. de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, 33 pgs, mimeo, 2003.
- ODUM, E. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO. **Concepts, Definitions and Classifications For Tourism Statistics: a technical manual**. Madrid: OMT, 1995.
- _____. **Desarrollo Turístico Sostenible: guía para planificadores locales**. Madrid: OMT, 1993.

- _____. **Introducción ao Turismo**. Madrid: OMT, 1998.
- PATRICIO, Z. M^a. **Qualidade de Vida do Ser Humano Na Perspectiva de Novos Paradigmas: possibilidades éticas e estéticas nas interações ser humano-natureza-cotidiano-sociedade**. In: PATRICIO, Z. M^a; CASAGRANDE, J. L.; ARAUJO, M. F. (org.). *Qualidade de Vida do Trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas*. Florianópolis, PCA: 1999.
- POMPÊO, C. A. **Gestão Ambiental**. Notas de aula. Disciplina de Tecnologia e Gestão da Água no Meio Urbano. UFSC, PPGEA. Florianópolis: 2002.
- PORTER, M. **Vantagem Competitiva das Nações**. São Paulo: CAPUS, 1998.
- PIRES, P. dos S. **Dimensões do Ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.
- REBOUÇAS, A. **Água Doce no Mundo e no Brasil**. In: *Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. REBOUÇAS, A.; BRAGA, B. & TUNDISI, G. (org.). São Paulo: Escrituras, 2002.
- ROCHA, C. L. **Outorga de Direito de Uso da Água em Alagoas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2003.
- RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. (Coleção Turismo) Campinas: Papirus, 1997.
- SALATI, E.; LEMOS, M. L. & SALATI, E. **Água e o Desenvolvimento Sustentável**. In: *Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação*. REBOUÇAS, A.; BRAGA, B. & TUNDISI, G. (org.). São Paulo: Escrituras, 2002.
- SALLES, M. M. **Turismo Rural: inventário turístico no meio rural**. Campinas: Alínea, 2003.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. **Bacias Hidrográficas de Santa Catarina: Diagnóstico geral**. Florianópolis, 1997. 163p.
- SEIBT, C. R. **As Práticas Rurais, a Água e o Processo Participativo no Município de Alfredo Wagner-SC**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2002.
- SIERVI, E. C. de. **Avaliação Participativa de Coleta de Lixo no Consórcio Quiriri: a participação como base para ação e reflexão na construção metodológica**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2000.

SILVA, D. D. da & PRUSKI, F.F. **Gestão de Recursos Hídricos: aspectos legais, econômicos, administrativos e sociais**. Brasília: Secretaria de Recursos Hídricos; Viçosa: Universidade Federal de Viçosa; Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2000.

SILVEIRA, J. **Roteiros Turísticos Integrados**. Disponível em: <www.radiobras.gov.br/integras/01/integras_1707.html>. Acesso em: 22, maio, 2003.

SCHMITZ, J. T. M. **Olhares e Trajetórias na Educação: entrecruzando saberes interdisciplinares e práticas pedagógicas no município de Alfredo Wagner/SC**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2003.

SOLARES. **Informações Turísticas**. Disponível em <<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/perfil.php>>. Acesso em: 21, março, 2005.

SOUTO, J. A. **Áreas de Preservação Permanente e o Uso do Solo em Alfredo Wagner: aplicação de técnicas de geoprocessamento**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental/UFSC, Florianópolis, 2003.

SRH-MMA (Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente). **Política Nacional de Recursos Hídricos**. Brasília: SRH-MMA, 2002.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

WAGNER, A. **Alfredo Wagner: terra, água e índios**. Editora Do Autor, Florianópolis:2002.

WWWF-BRASIL. **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: Do Autor, 2003.

XAVIER, H. Educação Ambiental: caminho para a sustentabilidade ecológica do turismo. In: BARRETTO, M. & TAMANINI, E. (org.). **Redescobrimo a Ecologia no Turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002

12. APÊNDICES

Apêndice A – Cronograma

Período Atividade	Março a Dezembro 2003	Janeiro 2004	Fevereiro 2004	Março 2004	Abril 2004	Mai 2004	Junho 2004	Julho 2004	Agosto 2004	Setembro 2004	Outubro 2004	Novembro 2004	Dezembro 2004	Janeiro 2005	Fevereiro 2005	Março 2005
Fase exploratória teórica																
Elaboração do Projeto																
Apresentação aos membros TRILHA																
Entrando no Campo																
Ficando no Campo																
Saindo do Campo																
Elaboração Dissertação																
Defesa Dissertação																
Devolução de Dados *																

* O processo de devolução de dados corresponde a dois momentos, sendo um parcial e outro final. A devolução final ocorrerá em data marcada pela comunidade, com a entrega da versão encadernada do presente estudo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL

Apêndice B – Formulário de Registro de Pontos Notáveis.

Dados Gerais:

Data:	Horário início:	Horário Fim:
Equipe composta por:		
Braço de Rio:		
Local tipo: público <input type="checkbox"/> abandonado <input type="checkbox"/> particular ocupado <input type="checkbox"/> particular abandonado <input type="checkbox"/>		
Localização:	Esquema de acesso (ilustração)	

Dados Específicos:

Nº Ponto notável:	GPS:	Fotografias
-------------------	------	-------------

Caracterização sobre o lugar:

<input type="checkbox"/> Bacia Hidrográfica	<input type="checkbox"/> Cascata/queda d'água	<input type="checkbox"/> Lajeado
<input type="checkbox"/> Barranca	<input type="checkbox"/> Estirão	<input type="checkbox"/> Olho d'água
<input type="checkbox"/> Cabeceira/ fonte	<input type="checkbox"/> Lago	<input type="checkbox"/> Rio
<input type="checkbox"/> Cachoeira/salto	<input type="checkbox"/> Lagoa	<input type="checkbox"/> Vau

Caracterização sobre a potencialidade do lugar:

<input type="checkbox"/> Banho	<input type="checkbox"/> Mergulho	<input type="checkbox"/> Navegação
<input type="checkbox"/> Psicossidade	<input type="checkbox"/> Rappel	<input type="checkbox"/> Trekking
<input type="checkbox"/> Contemplação	<input type="checkbox"/> Escalada	<input type="checkbox"/> Terapêutica
<input type="checkbox"/> Atividades náuticas	<input type="checkbox"/> Rafting	<input type="checkbox"/> Outros

Caracterização sobre a situação da água:

Vestígio de resíduos sólidos	Aparência	Classificação
<input type="checkbox"/> lixo	<input type="checkbox"/> Turva	<input type="checkbox"/> Corrente
<input type="checkbox"/> substâncias agrotóxicas	<input type="checkbox"/> Cristalina	<input type="checkbox"/> Mineral
<input type="checkbox"/> esgoto	<input type="checkbox"/> Parada	<input type="checkbox"/> Parada
<input type="checkbox"/> outros	<input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Outros

Caracterização sobre a paisagem circundante e acessibilidade do lugar:

<input type="checkbox"/> Desmatamentos	<input type="checkbox"/> Mata nativa	<input type="checkbox"/> Carro
<input type="checkbox"/> Queimadas	<input type="checkbox"/> Pasto	<input type="checkbox"/> Cavalo
<input type="checkbox"/> Serra	<input type="checkbox"/> Presença de animais	<input type="checkbox"/> A pé
<input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Outros



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL

Apêndice C – Entrevistas Semi-Estruturadas

O potencial turístico sustentável através dos caminhos das águas no município de Alfredo Wagner – SC: o olhar coletivo entre pesquisador e comunidade.

Entrevista Semi-estruturada

nº _____

Caracterização do ator

Posição Familiar:		Pseudônimo:	
Procedência:		Profissão:	
Localidade:			
Nascimento:		Sexo:	
Data:	Hora início:	Hora fim:	
Escolaridade:			
Situação:			

- () O que significa o turismo para você?
- () O que significa o turismo sustentável para você?
- () Na sua opinião, o município dispõe de atrativos naturais para desenvolver o turismo?
- () O que você acha das águas como um atrativo turístico? Quais pontos notáveis relacionados às águas você conhece?
- () Se você fosse guia turístico por um dia, a quais lugares do município você levaria os turistas?
- () Você teria interesse em participar de um evento em que fosse discutido e apresentado exemplos em que o turismo pode ser uma atividade de reforço na renda familiar?

Gravador		Impressões e sentimentos sobre		
S	N	Turismo	Turismo sustentável	Potencial das águas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL**

Apêndice D – Diário de Campo

O potencial turístico sustentável através dos caminhos das águas no município de Alfredo Wagner – SC: o olhar coletivo entre pesquisador e comunidade.	
Pesquisador:	Orientador:
Objetivo:	
Local:	
Data:	Horário início: Término:
Situação:	
Notas de campo	Análise

Impressões do pesquisador:

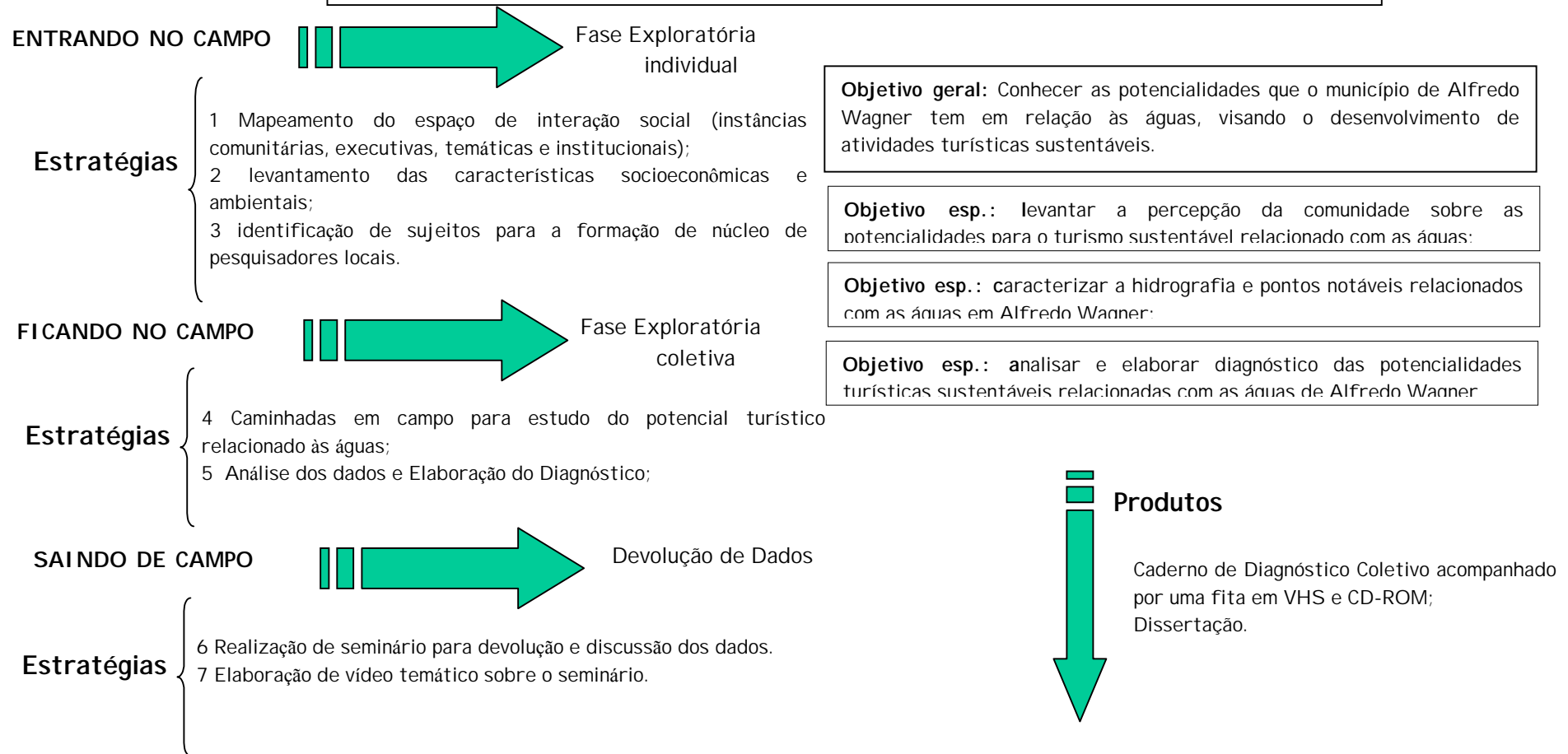


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL

Apêndice E- Esquema do estudo

O potencial turístico sustentável através dos caminhos das águas no município de Alfredo Wagner – SC: O olhar coletivo entre pesquisador e comunidade.

Pergunta norteadora: De que forma a água pode potencializar o turismo sustentável em Alfredo Wagner?





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL

Apêndice F – Inventário Turístico Rápido baseado em Salles (2003)

INVENTÁRIO TURÍSTICO RURAL:		Data: / /	Horário:
Propriedade (nome):			
Proprietário(s):			
Endereçamento (rua, numeração, CEP):			
Localidade:		Avaliação	
		<i>Pontos fortes</i>	<i>Pontos Fracos</i>
Acesso: Estrada asfalto <input type="checkbox"/> Estrada chão <input type="checkbox"/> Rodovia <input type="checkbox"/> Obs:			
Condições de acesso: Carro <input type="checkbox"/> Trator <input type="checkbox"/> A Pé <input type="checkbox"/> a cavalo <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Obs:			
Construções: Casa sede <input type="checkbox"/> depósito <input type="checkbox"/> curral <input type="checkbox"/> galinheiro <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> quiosque <input type="checkbox"/> piscina <input type="checkbox"/> açude <input type="checkbox"/> Obs:			
Origem da arquitetura: Alemã <input type="checkbox"/> portuguesa <input type="checkbox"/> desconhecida <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Obs:			
Instalações internas: Nº de cômodos _____ Nº de quartos _____ Nº de banheiros _____ Obs:			
Atividades produtivas: Horticultura <input type="checkbox"/> Plantas medicinais <input type="checkbox"/> Fruticultura <input type="checkbox"/> Plantio <input type="checkbox"/> Criação de animais <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Obs:			
Condições socioeconômicas: Eletrodomésticos (geladeira <input type="checkbox"/> fogão <input type="checkbox"/> freezer <input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> maq. Lavar roupa <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Obs:			
Condições higiênicas: Água (<input type="checkbox"/> encanada <input type="checkbox"/> reservatório <input type="checkbox"/> filtrada <input type="checkbox"/> Esgoto (<input type="checkbox"/> fossa <input type="checkbox"/> rede coletora <input type="checkbox"/> nenhuma <input type="checkbox"/> Lixo (<input type="checkbox"/> aterro <input type="checkbox"/> vala <input type="checkbox"/> queima <input type="checkbox"/> coletivo <input type="checkbox"/> Energia (pública <input type="checkbox"/> alternativa <input type="checkbox"/> nenhuma <input type="checkbox"/>			

	Avaliação	
	<i>Pontos fortes</i>	<i>Pontos Fracos</i>
Atrativos: Naturais (cachoeira <input type="checkbox"/> gruta <input type="checkbox"/> fauna/flora <input type="checkbox"/> Artificiais (açude <input type="checkbox"/> viveiro <input type="checkbox"/> trilha <input type="checkbox"/> Diversos (Culinária <input type="checkbox"/> saúde <input type="checkbox"/> desportivo <input type="checkbox"/> Obs:		
Aptidões: Artesanato <input type="checkbox"/> artística <input type="checkbox"/> bordado, costura e afins <input type="checkbox"/> tapeçaria <input type="checkbox"/> marcenaria <input type="checkbox"/> culinária <input type="checkbox"/> contador de causos <input type="checkbox"/> tocador berrante <input type="checkbox"/> acervo histórico <input type="checkbox"/> musical <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Obs:		
Acervo histórico: Mobília <input type="checkbox"/> ferramentas <input type="checkbox"/> fotografias <input type="checkbox"/> vestimentas <input type="checkbox"/> brinquedos <input type="checkbox"/> utensílios em geral <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Obs:		
Paisagem circundante: Montanha <input type="checkbox"/> pasto <input type="checkbox"/> reflorestamento <input type="checkbox"/> mata nativa <input type="checkbox"/> planalto <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Obs:		

Observação/avaliação e comentários gerais:

Interesse do proprietário (o que tem em mente?)

Condições da propriedade (é possível já inserir num roteiro turístico?)

O que precisa ser melhorado?

O que já pode ser utilizado?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL**

Apêndice G

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Florianópolis – SC, fevereiro de 2004

Ilmo. senhor prefeito

Conforme é de vosso conhecimento, através do Projeto de Planejamento dos Recursos Hídricos da Região das Nascentes do Rio Itajaí do Sul, pretende-se realizar estudo do potencial turístico sustentável de Alfredo Wagner – SC, voltado às águas do município. O referido estudo recebeu o título provisório de “**O potencial turístico sustentável relacionado com as águas do município de Alfredo Wagner – SC: O olhar coletivo entre pesquisador e comunidade**”.

Neste sentido, venho através desta apresentar-me como responsável pelo desenvolvimento de tal pesquisa, na qual procurarei ser a mais comprometida possível, seguindo, sobretudo, os seguintes preceitos: As pessoas a serem envolvidas na pesquisa, por meio de entrevistas e outras atividades, aderem voluntariamente ao estudo, cientes de sua natureza e circunstâncias que envolve o processo de realização deste; As pessoas envolvidas não serão expostas a riscos e expectativas maiores que os ganhos advindos do estudo; A identidade das pessoas envolvidas será protegida (nomes verdadeiros não serão divulgados); Os resultados serão baseados nos dados sem distorções; e Os resultados serão devolvidos ao município antes de serem publicados.

Sendo assim, na certeza de contar com sua acolhida, subscrevemo-nos.

dr. César Augusto Pompêo

dr^a. Zuleica M^a Patricio

mestranda Cleciane Dias Mendonça



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL

Apêndice H

O potencial turístico sustentável através dos caminhos das águas no município de Alfredo Wagner – SC: o olhar coletivo entre pesquisador e comunidade.

TERMO DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Ciente do conteúdo e preceitos éticos da pesquisa a ser realizada, concordo em participar das entrevistas referentes ao potencial turístico sustentável através dos caminhos das águas no município de Alfredo Wagner – SC: o olhar coletivo entre pesquisador e comunidade.

Entrevistado

Pesquisador



Apêndice I

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL**

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Prezado sr. e sr^a:

Apresentamos a sr^a Cleciane Dias Mendonça, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, nível de Mestrado, sob orientação dos professores: dr. César Augusto Pompêo (orientador) e dr^a. Zuleica Maria Patrício (co-orientadora).

As finalidades desta pesquisa giram em torno de despertar o interesse da comunidade pela compreensão do universo da atividade turística, oportunizando, desta forma, sua reflexão para o desenvolvimento desta atividade como uma opção econômica de reforço à sua renda.

Este processo de investigação representa um método de pesquisa qualitativo e participante que visa conhecer os aspectos dinamizadores ao desenvolvimento do turismo sustentável neste município, tendo como eixos temáticos as águas e o turismo sustentável. Desta forma, o trabalho pretende atender a seguinte pergunta-norteadora: de que forma as águas podem potencializar o desenvolvimento do turismo sustentável no município de Alfredo Wagner?

Finalmente, asseguramos que: As pessoas a serem envolvidas na pesquisa, por meio de entrevistas e outras atividades, aderem voluntariamente ao estudo, cientes de sua natureza e circunstâncias que envolve o processo de realização deste; As pessoas envolvidas não serão expostas a riscos e expectativas maiores que os ganhos advindos do estudo; A identidade das pessoas envolvidas será protegida (nomes verdadeiros não serão divulgados); Os resultados serão baseados nos dados sem distorções, e Os resultados serão devolvidos ao município antes de serem publicados.

Cordialmente,

dr. César Augusto Pompêo

dr^a. Zuleica M^a Patrício

mestranda Cleciane Dias Mendonça

ANEXOS